

A 467316

3
3

PROPERTY OF
University of
Michigan
LIBRARIES

1817

STATE SCIENTIA VERITAS

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARIES

115 + 1 app.

EXCAVAÇÕES POETICAS

POR

Antónia Feliciano de Castilho.



LISBOA.

TYPGRAPHIA LUSITANA

Rua do Abaracamento de Peniche N.^o 43.

—
1844.

645458 - 174

OBRAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

TOMO I.

3462

EXCAVAÇÕES POETICAS

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,

CAVALLEIRO DA ANTIGA E MUITO NOBRE ORDEM DA TORRE E ESPADA, DO VALOR, LEALDADE E MERITO; BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA; NA ARCADIA DE ROMA ~~MEMNIDE EGINENSE~~, MEMBRO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, DO CONSERVATORIO REAL E DA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DA MESMA CIDADE, DO INSTITUTO HISTORICO DE PARIZ, DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS E BELLAS-LETTRAS DE ROÁO, DA SOCIEDADE DE LEITURA DE GIBRALTAR, DA DAS SCIENCIAS E ARTES DOS ARDENTES DE VITERBO, DA SOCIEDADE LITTERARIA DO PORTO, DA SOCIEDADE ESCHOLASTICO-PHILOMATICA DE LISBOA E DE OUTRAS CORPORACÕES LITTERARIAS.



L I S B O A

Typographia Lusitana, rua do Abaracamento de Peniche, 43.

—
1844.

869.8

C 353 ax

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRASIL,

EM PENHOR

ADMIRACÃO, RESPEITO E AGRADECIMENTO,

OFFERECER

O SEU SOCIO

Antonio Feliciano de Castilho.

PROLOGO.

DAREI rasão do que seja e do porque sahe a lume a presente obra. O titulo, que leva, ja terá dado a intender — que não passa de um museo de fragmentos desconnexos ; e isso é ; — não aspira, nem pôde aspirar a mais. São fragmentos do meu passado, que para mim mesmo jaziam como que perdidos : sobre elles pesava um grande montão de ruinas ; e sobre as ruinas ja o tempo, que as fizera , tinha, como é seo costume , semeado e edificado novas cousas : — é essa a historia de todas as existencias. D'entre os affectos e idéas do meu preterito ser, a maior parte se-hão resolvido n'aquelle confuso e mentiroso nevoeiro, que faz noite no profundo de todas as almas , e a que chamam — saudade — ; refugio para onde o coração se-nos-some a suspirar , quando crueldades do presente o-maltractaram. Outros affectos e idéas porém tinham-se corporalizado, porque se-tinham escripto ; e como taes permaneciam sem vida, sim, sem as suas primitivas relações, mas tão claros e distintos, que a mim, pelo menos , que revendo-os podia recompor os dias a que pertenceram e tornar phantasticamente a vivel-os se-me-approuvesse , me-interessava muito. Todas estas páginas dispersas e cujas mais proximas dis-

tam ás vezes entre si muitos dias e muitos mezes, estão-me sendo n'esta hora, em que as-acabo de percorrer, e ordenar como quer que seja, o mesmo que, para o viajante, o herbario, onde cada florinha e cada folha sêcca, que pouco dirá aos outros, lhe-diz a elle a odysséa completa das suas perigrinações.

No pôr ao de cima da terra, e aos olhos de todos estes fragmentos, que nem ja em grande parte poderão harmonisar nem acertar-se com os meos affectos, idéas e interesses de hoje, não foi vangloria a que me obrigou; melhor do que ninguem conheço eu o pouquissimo que isto val: não foi tambem só desejo de obedecer a súpplicas de pessoas, que, de véras, me-amam, e que se-diziam despojadas por minha mão, se eu deixasse perecer estas reliquias: — foi principalmente o gôstò de legar a meos filhos o mais que eu podesse de mim mesmo. Sei eu que algum dia, lá para o diante, quando ja comigo não podérem conversar — triste mas deleitoso lhes-hade ser o interterem-se ainda com o meu espirito, — evocarem com a magia dos meos versos, irresistivel quando por elles recitados, o ser de quem o seo se-derivou, e que muitas vezes pelo amor d'elles e pela sua saudade nos sonhos e nas meditações lhes-hade aparecer. Por este meio, eu não só resurgirei nos seos animos — apparição sempre de bom conselho para filhos em qualquer lance, — senão que por estes vestigios, que deixo

impressos da minha passagem, poderão ir ainda acompanhar-me em alguma das penas, em alguns dos praseres dos meos dias de mocidade.

Mais valiosos presentes de instrucção, colhida na experientia, lhes-destino eu para regalo; mas, entre as ligeiresas d'estas mesmas bagatellas, aprenderão — que a religião e culto da poesia nos-infunde alguns sentimentos rectos e generosos; nos-desafoga nos males, que não podemos curar; nos-povoa a solidão; e nos-converte o ócio em occupações, vantajosas para nós, e não talvez inuteis para os outros; porque n'isto é a poesia, como aquelle imperador romano, que da pestilente lagôa pontina fez campos de saude e de abundancia,

.... sterilis. diu palus aptaque remis
Vicinas urbes alit, et grave sentit aralrum.

Para documento pois do que a poesia pôde contribuir, como auxiliar para a felicidade da vida, é que eu agora concerto e offereço este livro, e não como exemplar de litteratura, que nem o-é, nem o-poderia ser: ja porque todos estes quasi fragmentos, ver-sejados, como em outra parte expliquei, em tempos sem esperança e no recôncavo de um êrmo silvestre, nunca presumiram que houvessem de ver a luz, ja principalmente porque bem sei eu que a poesia portugueza, como a do restante da Europa, e a nossa mesma linguagem, se-andam, ha annos, revolvendo para um futuro que ainda se não enxέrga bem distinto; e que tudo

o que nós fazemos n'este genero, mormente os que ainda, como eu, retiveram (mão grado seo) alguma cousa, e muito, de certos habitos tradicionaes e viciosos em litteratura, teem e temos de ficar esquecidos diante da brilhante eschola, que ja porventura vem raiando. Terra da promissão, em que temos fé, para onde caminhamos, guiados, ora por nuvem, ora por columna de luz, mas onde a nós-outros nos não será dado penetrar.

Possam aquelles, para quem ja disse, que ordeno este e todos os meos outros opusculos, figurar lá um dia com a glória, que eu não cheguei a conseguir: — o que estas páginas me não houverem grangeado, possam elles, forcejando por me-exceder e obtendo-o sem custo, conciliai-o aos seos nomes, que serão ainda o mesmo gravado sobre a minha pedra. E perdoe-me o publico se, emvez de para elle me-voltar, como é costume e rasão em quem escreve um prologo, me-esqueci a conversar do limiar para o recanto doméstico, com quem só d'aqui a alguns annos chegará a intender o que lhe hoje digo: — que m'o perdoem; foi uma astucia innocent; não me-sei arrepender: — quiz impôr de antemão, a quem sobretudo me-incumbia, obrigações de honroso brio no trabalho e no estudo: e para as-corroborar, inspirou-me o coração, que as-dictasse diante de não menor testimunha, que todo o povo da nossa terra.

EXCAVAÇÕES POETICAS.

EPISTOLA

A FRANCISCO DE PAULA CARDOSO DE ALMEIDA,

Morgado de Assentiz.

S. Mamede da Castanheira do
Vouga, 20 de Dezembro de 1830.

D'este seculo o estame vai fiado
Das furias pela mão na stygia noite,
Magnanimo *Assentiz*: medra no fuso,
Farto de sangue, de peçonha e léthes.
Era fado, cumpriu-se; expiaremos
No opprobrio e dôr, os séculos avitos,
Gloria, saber, virtudes, opulencia.
A antiga Lusitania, a flor das terras,
Chara filha do sol, dos mares deusa,
Cahiu emfim, baldão dos maus, e infamia
Dos proprios filhos! Retumbou no Tejo
Inteira a maldicção tronada ao Nilo,
E os espantos do Egypto em Lysia pesam.
Nossas aguas vão sangue: amanheceram
Sem vida os primogenitos: searas,
Palmas, louros, cobriram-se de enxames,
Que os-devoram zunindo; e o Ceo mudado,

Para ultimar o horror, nos-chove as trévas.
 ¿ Que ha-de fazer um coração sensivel?
 Desertor do presente, ¿ onde albergar-se?
 ¡ Irá, da alva esperança conduzido,
 A's portas do porvir, buscar o alivio?
 Não: quando a boa-fé regia os homens,
 Véo transparente e leve as-cortinava.
 Vinham fóra os reflexos luminosos
 Da ja proxima scena á mente alegre.
 Hoje o egoismo as-trancou e as-guarda á vista,
 Monstro que, detestando a propria essencia,
 De politica o manto e o nome arroga.
 A esp'rança, ultimo bem dos infelizes,
 Essa mesma expirou. Nós, máos e infames,
 Affronta dos avós, produziremos
 Raça peior, mais vil que nos-affronte.
 ¿ Que faremos, amigo? o chão da vida
 Jaz tisnado do raio; nem tem fructos,
 Nem flor pramette. Aos campos do passado
 Convem volver o espirito saudoso,
 E, eguaes á turba vâ de Elysiros manes,
 Semiviver de imagens vâs da vida.
 Ja la vâo, na torrente das edades,
 Os dias de união, de paz, de risos,
 De abundancia e de amor; la correem mudos,
 Mas tão perto inda vâo, que inda nos-sôa
 O echo final do seo folgar festivo.
 Tu, que inda viste o rosto da ventura,
 E em suns róseas mãos bebeste o nectar
 Na taça de ouro que abysmou fugindo; —
 Tu, que a pleno gosaste, ornando a pleno
 Esse côro de genios de Ulysséa,

Livres, jocosos, flóridos, fecundos,
 Que os lembrados salões em vão suspiram; —
 Tu na vasta memória enthesouraste
 D'esses brilhantes círculos os fastos,
 A cortesã facecia, os saes picantes,
 A resposta subtil, a argucia prompta....
 Flores gentis de tempos descansados:
 Tão naturaes, tão frescas as-conservas
 Co'o verniz d'esse espirito brilhante
 Como as que em primavera estudosas
 Apanha aqui e alli, prepara, ordena
 Dentro em museo sagaz naturalista.
 Segue-lhe o exemplo, amigo: elle, não pago
 De as-mostrar quae-lh'as-deu a naturesa,
 As-descreve em seo livro, as-faz eternas.
 Não basta que no ouvido atento e alegre
 Do círculo, que emtorno se-te-aperta,
 Vertas a flux os ingenhosos risos:
 Não basta no recinto de uma sala
 Contrahir os serões do tardo inverno.
 Tira da pasta ociosa a penna de ouro
 Com que o genio fecundo te-brindára,
 E que o bom-gosto te-aparou surrindo:
 Eternisa escrevendo os memorandos
 Dictos e acções dos cidadãos do Pindo,
 Socios teos no folgar, teos socios no estro;
 Venham nos postos de honra o *Tolentino*,
 Pae da quintilha chula, e chiste ameno:
 Os teos *Bersanes*, de amorosa lyra,
 Sérios no rosto, no dizer jocosos;
 O poeta Diogenes, o *Lobo*,
 Sem capa, bolsa, ou lar, mordendo em todos.

Os *Malhões*, mais poeticos vivendo,
 Que não compondo desleixados versos;
 O *Mattos*, que entre cysnes campeára,
 Se ao doce, ao natural junctasse o gôsto,
 E as *Musas* tanta vez lhe não fugissem;
 O *Barros*(1) e o *Carvalho*,(2) em quem discordes
 Naturesa e fortuna em guerra andaram;
 E o que brilhou qual sol, passou qual raio,
 O ígneo *Bocage*, o príncipe de todos,
 Unico em Lysia, a não tolhel-o as parcas.
 Dos theatros, *caffés*, passeios, sallas
 Sê o Valerio Maximo, o Supico.
 Vê que o chão do presente só nos brota
 Sobre o pó das antigas alegrias
 Vis tristezas, cuidados espinhosos.
 Leva-nos algum' hora a rabuscarmos
 Nos campos do passado, amigos campos,
 Saudosos, como a patria aos desterrados.
 Desabou em ruinas todo o templo
 Do publico praser, elevantado
 Pela abundancia e paz. Convem que fique
 Tua obra promettida em pé, no meio,
 Da torrente dos seculos vorazes,
 Como columna do alluido templo,
 Que em suas inscripções o-lembra ás eras,
 Depois de exticto o nume, e exticto o povo.
 Aos ocios do jardim nega-te uns dias,
 Larga o sachô ao frenetico *Alexandre*(3)
 Se Schiller e o *Phantasma* o-deixam livre; (4)
 A's duas *Floras* o tractar das flores,
 E ao *Bastos* os pinceis que na Thebaida (5)
 Pintam de Alcant'ra a ponte e as lavandeiras;

Incommenda ao Leoni (6) algumas odes ;
 Ao bom padre (7) uma data que esquadrinhe :
 E tu, se podes tanto, occulto escreve.
 Em quanto nos-faltar uma anecdota,
 Co'a Preguiça (8) nem paz nem treguas queiras ;
 Em vão, tingindo em pranto as faces gordas
 Venha cahir-te aos pés, orar que a-deixes
 Passar comigo o resto de teos dias,
 E embalar-te, ao murmurio da Mãe-d'agua.
 Em vão doces memorias, uma a uma,
 Te-avivará das horas que, tão faceis,
 Te-siou, dormitando, em toda a vida :
 Em vão, com mil promessas seductorias,
 Te-pintará mil noites de sombrinhas,
 Deleitosos serões, cantigas, danças
 Tardes de Oeiras, musicas dos Arcos. (9)
 Tu, d'esta nova Dido, Eneas novo,
 Cumpre ovante o dever, custoso embora ;
 Despêde-a, e, surdo aos ais, tranca-lhe a porta :
 La tem Patriarchal, la tem cabidos,
 La tem solares de morgados lôrpas ;
 Quem possue tanto ? de que mais precisa ?
 Perguntarás talvez, eu que assim prégo
 ? Que faço, ou com que jus te-dou tarefas ?
 Mas da fructeira o officio é dar-nos fructa,
 Da ortiga vegetar : — vegeto, dêrmio — :
 Se não posso dormir, traduzo Ovidio ;
Romantiso; edifico os meos castellos ;
 Abraço os bons amigos de Ulysséa ;
 Pela lanterna magica da mente
 Vou correndo os painéis das tardes curtas
 E curtas noites que passei comigo ;

Converso ao lume; e aprendo do Francisco (10)
Quando se-malha o trigo, e plantam couves.

¡ Vê quanto val um conversar de amigos !
Comecei quasi em chôro, e em riso acabo.]

NOTAS.

(1) Miguel Antonio de Barros.

(2) Antonio Joaquim de Carvalho.

(3) O nosso amigo Alexandre Herculano, em principio de estudos ainda a esse tempo, mas em quem ja se-admirava o infatigável fervor do trabalho, assim mental como corporal, porque ja então, como ainda hoje, as suas horas de desenfadamento literário eram dispendidas em cavar e jardinar.

(4) No estudo da lingua alleină andava todo, e na sociedade do sr. Assentiz nos-fazia, ás noites, leitura da sua traducçao do *Phantasma* de Schiller.

(5) Linda sallinha, desquitada do restante da casa, e posta muito bem contente e solitaria no meio do quintal do sr. Assentiz, juncto á Mãe d'agua da praça da Alegria. Puzera-lhe nome de Thebaida. Nunca houve ermitões mais alegres.

(6) Francisco Evaristo Leoni, tambem juvenissimo a esse tempo, e autor de um volume de poesias ja impressas.

(7) O padre José Theotonio Canuto de Forjó, traductor do Tacito e grande sabedor de literatura classica e de historia.

(8) O peccado mortal da preguiça era uma das virtudes do nosso amigo Assentiz. N'ella consistia, cuido eu, uma parte do segredo da amabilidade, que tão singularmente o-characterisa: assim não fosse ella tambem a culpada de nos não ter inriquecido, como bem podéra, a nossa literatura, tanto com a mui promettida obra, que eu n'esta carta lhe-pedia, como com outras, que nos-haveria dado sem nenhum custo; especialmente de theatro.

(9) As tardes de Oeiras; e os passeios com musica aos Arcos, são d'aquellas cousas que se não hão de descrever. Quem n'isso não introu, não o-poderia nunca intender: era contentamento estreme; não se-pôde dizer mais nada. Não haverá quem não tenha na sua vida por onde intenda, pouco mais ou menos, este enigma.

(10) Francisco Gomes, velho, quasi macrobio, antigo servo da residencia de S. Mamede, onde ja interrâra a tres priores. Era o superintendente das lavouras da casa; pela sua larga experienzia o Borda d'agua das vizinhanças, e por nunca ter aprendido nada, nem a ler, nem sahido jamais dos seus montes, um dos mais chapados classicos que nunca topei. Coitado, come-o ha ja 4 annos a terra do adro da freguezia.

SANCTA IRIA.

CHACARA.

Quinta da Azenha-Velha, juncto
a Carnide, 28 de Maio de 1839.

Tocam sinos em Nabancia,
Tocam sinos á porfia;
E' por S. Pedro e S. Paulo,
Que se-festeja o seo dia.

A' Matriz são vindas freiras,
Quantas em S. Bento havia:
Todo o altar um ramalhete;
O povo galas vestia.

Mas nem no altar se-inlevava,
Nem no povo se-revia
Britaldo, filho mancebo
Do que em Nabancia regia:

Curiosidade o la trouxe
Do muito que ouviu de Iria;
Que nem ha freira tão linda,
Nem sancta de igual valia.

Logo em a-vendo foi cego,
De quanto o ceo n'ella ria;
Iria, é toda da glória,
Britaldo, todo d'Iria.

2

Desde aquella negra hora
 Perdeu comer e alegria ;
 Sonha as noites accordado,
 Não cuida em al todo o dia.

Promette amor e segredo,
 Promette ouro e pedraria,
 A propria vida promette
 Se ella acceitar-lh'a queria,

Marido quer a donzella,
 Porém de mórjerarquia ;
 Quer delicias e riquesas,
 Mas não ouro, e pedraria.

Quer Jesu por seo esposo,
 Por sogra a virgem Maria,
 O ceo por palacio e hortas ,
 Os anjos por companhia ;

Por delicias basta a pomba.
 Do Paráclito seo guia,
 Que entre as flores das virtudes
 N'alma lhe-arrulha alegria.

Gastado dos vãos desejos
 Morrer Britaldo se-via :
 Gome seu pae Castinaldo,
 Chora sua mãe Cassia.

Todo o povo anda pasmado,
 Que é dô ver tal louçania,
 Annos tão verdes, murchados,
 Pender para a terra fria.

Chegou a nova ao mosteiro;
 Lastimou-se a boa Iria:
 Deu-lhe licença a abbadessa
 De ir ver a quem se-morria.

Introu manso ao pé do inferno;
 Que nada ver não queria,
 E disse-lhe: « Sus Britaldo! »
 E elle accordou e tremia.

Reconhecendo ser ella,
 Recobrou nova alegria:
 Dos olhos, faces e bocca
 Logo a morte sacudia;

Ambos os braços alçava
 Como d'antes não sohia:
 E por julgal-a rendida
 Abraçal-a ja queria.

Como que foram serpentes
 Ella os braços lhe-fugia:
 E contra o fogo da carne
 Sanctas rasões lhe-dizia:

E vendo que ás rasões sanctas
 O doente se-rendia,
 Foi pôr-lhe as mãos na cabeça;
 E disse com fé mui pia;

« Nome do padre e do filho
 « E do esp'rito que alumia,
 « Accuda-te o anjo da guarda;
 « Salve-te a virgem Maria. »

Palavras não eram dictas,
 Britaldo mui são se-erguia
 E vendo-a que se-apartava,
 Com esta falla a-seguia:

“ Da morte, sim, me-has livrado,
 “ Não do amor de que morria ;
 “ Não sei se é favor, se é damno
 “ O que me ora has feito, Iria. ”

“ Mas qualquer que me tu fosses ,
 “ Nunca te eu mal quereria ,
 “ Deus te-acrescente a ventura
 “ Com toda a que me-devia. ”

“ Eu que te-chore no mundo ,
 “ Onde tão sólto me-ria ;
 “ Tu, folga sem mim no ermo ,
 “ Sem homem, hora, nem dia. ”

“ Que se jamais ca me-soa
 “ Amor terrestre de Iria ,
 “ Qual a vida que me-has dado ,
 “ Morte crua eu te daria. ”

“ Adeus ! e porque vás certa
 “ Que ninguem te-livraria ,
 “ Por Deus te-juro isto mesmo ,
 “ E pela virgem Maria ! ”

Mal era finda uma guerra,
 Outra guerra se-accendia
 Contra a limpa castidade
 D'aquella fermosa Irià.

D'entre as rosas d'annos verdes
 Viu amor que a não rendia :
 Foi entre cãs emboscar-se ;
 Que não ha maior falsia.

Em montes de sanctidade,
 Onde se ella mais confia ,
 Por entre as fontes da graça
 Lhe-armou sua bateria.

Um monge, dicto Remigio ,
 A confessal-a solhia ,
 Varão d'annos e virtudes ,
 O mór que em monges havia .

Namorou-o a fermosura
 D'alma que nua lhe-via ;
 Votou perdel-a e perder-se
 Quem lhe sempre fôra guia .

Pasmou Iria atterrada
 De tão estranha ousadia ;
 Mas logo com grão despêjo
 Suas tenções rebatia .

Como que alsim cae na conta ,
 O monge perdão pedia ;
 E com mores penitencias
 Nova maldade incobria .

As calidades das hervas
 Todas elle as-conhecia,
 Que umas sao para saude
 Outras de grã tyrannia,

Como veiu a meia noite,
 Da sua cova sahia;
 Como a meia noite dava,
 Hervas no monte colhia.

Colhidas que teve as hervas,
 Suas folhas espremia;
 Toda a terra era calada,
 O rio triste corria.

Mixturava o sumo verde
 Com palavras que sabia;
 Com seo bafo peçonuento
 O sumo se-denegria.

Nenhum anjo ousava olhal-o;
 Nenhuma estrella luzia:
 Põe Remigio olhos de fogo
 No vaso.... e o vaso fervia.

D'aquella infernal peçonha
 Temp'rou a mesa d'Iria:
 Iria estava innocentia,
 Não suppunha mal, comia.

Comidas que teve as hervas,
 Logo o ventre lhe-crescia,
 Como foi crescendo o ventre
 Logo o seio se-lhe-inchia, ✓

O parecer do sembrante
 De panno se-lhe-cobria ;
 Mostras de dona pejada
 Nenhuma lhe-fallecia.

Todo o convento se-espanta,
 A-despreza e a-injuría ,
 Toda a terra de Nabancia
 Ri da sua hypocrisia.

A triste não se-defende
 Nem defender-se podia ;
 Remigio a-amaldiçoava ,
 Britaldo em furiás ardia.

Tudo era contra a coitada ;
 Nem o céo não lhe-acudia :
 Chorem leões, chorem ussos ,
 Chorem tanta barbaria.

Foi Britaldo ter , a occultas ,
 Com um que na terra havia ,
 Acostumado a alugar-se
 Em qualquer malfeitoria.

“ Ora, sus Banão ! lhe-disse s
 “ Boa nova eu te-daria ,
 “ Que houvéras tu prata e ouro .
 “ Se a ferro morresse Iria. ,,

Depois de cuidar um pouco ,
 Banão assim respondia :
 “ Fizera-o eu por dar gôsto
 “ Só a tua senhoria.

“ Quantas monjas tem S. Bento,
 “ Quantas eu te-mataria :
 “ Traze ora o que prometeste
 “ Que ella morta , eu posto em via . , ,

Recebido o ouro e a prata
 A' façanha se-partia :
 Soube em que parte da cerca
 Aso de a-colher teria.

Por entre umas matas densas ,
 Por-li o Nabão corria
 Logar mui feito a tristuras ,
 Por brenhas e penedia.

Nas horas mortas da noite ,
 Quando do côro sahia ,
 Alli vinha ajoelhada
 Chorar mais resas Iria.

N'aquellas silvestres lapas
 Logo Banão se-escondia ;
 Nem vento não respirava ,
 A lua n'água tremia.

Bêm poderampiar mochos ,
 Só um rouxinol se-ouvia ,
 Ao som do murmúrio fresco ,
 Das pedras entre a água fria.

Banão , por livrar do sonno ,
 Que no esperar lhe-crescia ,
 N'uma pedra , manso e manso ,
 A afiada espada afia.

Detem-se, que ouviu passadas ;
 Surge, olha em redor, espia. . . .
 Quando n'uma lagea bronca
 Vê de joelhos Iria.

Dava-lhe a lua no rosto,
 Como estrella resplendia ;
 E apertando as mãos alçadas
 Estes prantos proferia : —

“ Jesu , esposo d'esta alma ,
 “ O'sancta virgem Maria ,
 “ O'celestes potestades ,
 “ O'anjo , meo casto guia .

“ Ja nada por mim vos-peço ,
 “ Que eu nada vos-merecia ,
 “ Mas que não se-perca a fama
 “ Das monjas com quem vivia .

“ Tirai do escandalo o povo ,
 “ E o convento da agonia ,
 “ E eu que morra... ” Eis mão de ferro
 Que a garganta lhe-tolhia .

E eis que vibrada no ouvido
 Esta palavra rangia :
 “ Britaldo , agora te-mata ,
 “ Britaldo , i intedes , Iria ?

E logo um tñir de ferro ,
 Uma espada que lusia ,
 A garganta atravessada ,
 O corpo em terra batia .

| O sangue que borbulava !
| E um lume que aos ceos subia :
| E em roda d'elle mil anjos
Com celeste melodia !

O corpo da virgem martyr
Lá vai na corrente fria
Nu dos habitos sagrados
Que desde a infancia trasia.

Ramo de lirios e rosas ,
Que aboiaava , parecia ,
Do Nabão tomou-a o Zézere
Com elle ao Tejo descia.

Assim veiu navegando
N'aquella águia corredia ,
Aquella alva barca humana
Que serafins traz por guia.

De sangue vai purpurada
Por mais nobre galbardia ,
Dado aos ventos o cabello
Que era as vellas que trasia.

Por onde quer que passava
Tudo ao longe recendia ;
Té que veiu aos pés d'um monte
Que juncto a Escalabi havia ;

E alli, onde um bom remanso
O Tejo fundo fasia,
Foi sepultada nas águas
Perla de tanta valia.

Todos' os anjos e archanjos
Da celeste jerarchia,
No fundo d'aquellas águas
Trabalharam todo um dia.

Lavraram-lhe um moimento
De pedra mui lusedia;
De pois canteram-lhe obsequias
De estremada melodia.

E antes que outra vez tornassem
Para a eternal monarchia,
Co'as conchinhas de mil cōres,
E o ouro que o Tejo cria,

Sobre a campa lhe-intalharam
Um letreiro, que disia :
“ Livre da terra, aqui poisa
“ A virgem mui sancta Iria. ,,

Sagrada a vēa do Tejo
Ficou desde aquelle dia. V

Para intrar no capítulo da *Tomada de Santarem*, nos meos *Quadros Historicos de Portugal*, é que fôra traçada esta chacara de Sancta Iria. Descuidei-me ao versejal-a, que era em meio de umas sombras mui frescas de um pomar banhado em aromas de flor de laranja, onde, em quanto eu dictava os meos versos á minha secretaria, cantava, para outro cabo, os seos, o rouxinol mais poeta e namorado que eu nunca ouvi; quando reparci na minha obra, ja ella estava descompassada para o intento; — rasão, porque logo alli fiz, para o logar d'ella, a cantilêna, que no dicto capítulo se-incorporou, e que, por não deixar separadas a duas irmãsinhas quasi gemelas, e em tão ameno sítio geradas e nascidas, me-pareceu bem traser para aqui: e é a seguinte: —

OS DESEJOS DO ROMEIRO.

O Sol té aos fundos penetra do mar:
 Quem fôra planeta de tanto luseiro!
 Que víra o que nunca ver poude o romeiro,
 Segredos divinos de muito folgar.

Veria em que valle do Téjo, incantado,
 Reluz o sepulchro de tanta valia,
 E n'elle, entre palmas, de rosas c'roado,
 O corpo de Iria.

As águas co'as folhas têm longo palrar :
 ; Ai bordas do Téjo, quem fôra salgueiro !
 De uns psalmos soubera, que ignora o romeiro,
 Segredos divinos de muito folgar.

Soubera os cantares que a todo momento
 Os anjos renovam com grão melodia ,
 Debaixo das ondas, em torno ao moimento ,
 ——————
 Sacrario de Iria.

Quem fôra a serêa do mago cantar ,
 Ou quem te-soubera cantar feiticeiro !
 Da vêa do Téjo, de noite ao romeiro
 Cantára mil cousas de muito folgar.

Cantára-lhe a vida do lirio entre espinhos
 Nascido, creado, desfeito n'um dia ,
 E como ao ceo alto, por novos caminhos ,
 Subiu Sancta Iria.

Assim descantava, de noite ao luar ,
 Em barca boiada sem não de remeiro ,
 No pégo de Iria, de Iria um romeiro ,
 Acceso em saudades de sancto folgar.

E ao sonno passando com esta memoria ,
 Sonhou que os desejos o céo lhe-cumpria ! ..
 Desfaz-se-lhe o sonho, desperta na glória ,
 E vê sancta Iria !

AS FLORES.

Devanciosinho de uma alvorada de primavera.

Quinta da Murteira na Bairrada 5 de abril de 1883.

Em fresco pomar de abril,
 N'uma alegre madrugada,
 Vagando nympha gentil,
 Viu uma arvore toucada
 De flores a mil e a mil.

“ ¡ Como estes ramos são bellos ! ”
 Diz consigo, e colhe um ramo,
 Que inlaça nos seos cabellos.

Hastesinha, orgulhosita
 De ornar a nympha louçã,
 Só gloria e festas cogítá;
 Ja córa de ser irmã
 Da mais flor que o bosque habita.

¡ Que ar e troncos tão grosseiros !
 ¡ Quem lh'os-déra ja trocados
 Em salões e lisongeiros !

Desprezo, dô e prazer
 Mostrou deixando o arvoredo,
 Mas saudades, nem sequér:
 Ramos houve, que em segredo
 Murmuraram de tal ver;

Principalmente uns vizinhos,
 De quem sempre recebêra
 Fragancia, abrigo e carinhos.

Houve-os tambem que invejaram
 Da vaidosa a condição,
 E tal desgôsto ganharam
 A' rustica solidão,
 Que de tristinhos murcharam.

Mas um pesegueiro velho,
 Nestor d'aquelles pomares,
 Em curva edade e conselho,

Dos frondosos circumstantes
 No murmúrio attenta um pouco;
 De seo seio alguns instantes
 Bane o motim crespo e rouco
 De secos enxames errantes;

Alça o cume um tanto mais,
 E socegado assim falla
 Na lingua dos vegetaes;

“ Deixaí ir esse imprudente,
 “ Pobre ramo sem ventura;
 “ Agora está mui contente
 “ Porque approuve á formosura,
 “ E vai viver entre gente.

“ Domína em throno dourado,
 “ Festas espera e louvores:
 “ ¡Ser-lhe-há firme ou longo o fado!

“ Deixaí-o tornar com ella
 “ A tarde outra vez aqui,
 “ Vereis qual sorte é mais bella.
 “ Eu, que mil ramos ja vi,
 “ Ja lamento a sua estrella.

“ Em nosso manso pomar,
 “ A seos destinos brilhantes
 “ Dêmos graças de escapar.

“ Hoje por nós temos Flora,
 “ Logo Pomona virá;
 “ Se o cultor nos-ama agora,
 “ Amigos, ¡que não será
 “ Da colheita em vindo a hora!

“ Comnosco a alegria esteja;
 “ Quem tem viço, flor e fructo
 “ Não sei que mais bens deseja.

“ ¡Inda a inveja vos-faz guerra !
 “ Pouco abalo o sermão fez :
 “ ¡Murmúrios o bosque incerra !
 “ Pois bem ; não fui d'esta vez
 “ Propheta na minha terra,

“ Paciencia , esperaremos ,
 “ E talvez que em poucas horas
 “ Concordes todos fiquemos . »

Volveu a nymp̄ha ao sol posto ,
 E em quanto via e revia
 No regato o lindo rosto ,
 Da trança , onde ja morria ,
 Lança o ramo com desgôsto ;

E alguns botões dos mais bellos
 Vem da proxima roseira
 Infeitar os seos cabellos.

Cantando e léda partiu
 Sem mais pensar no raminho ,
 Que todo o dia a serviu .
 Diz-se até que o coitadinho
 O incauto pé lhe sentiu .

Então triste o moribundo
 Viu toda a immensa distancia
 De um pomar ao bella mundo .

.... et dulces motiens reminiscitur Argos .

OS TRESE ANNOS.

CANTILENA.

**Hortas da calçada do duque, Paço
cheia do espírito saudoso de 1840;**

**Ja tenho trese annos,
Que os fiz por janeiro:
Madrinha, casai-me,
Com Pedro Gaiteiro.**

**Ja sou mulhersinha;
Ja trago sombreiro;
Ja bailo ao domingo
Co'as más no terreiro.**

**Ja não sou Annita,
Como era primeiro,
Sou a Senhora Anna,
Que mora no outeiro.**

**Nos serões ja canto,
Nas feiras ja feiro,
Ja não me-dá beijos
Qualquer passageiro.**

**Quando levo as patas,
E as-deito ao ribeiro,
Olho tudo á roda
De cima do outeiro,**

E só se não vejo
 Ninguem pelo arneiro,
 Me-banho co'as patas
 Ao pé do salgueiro.

Miro-me nas águas
 Rostinho trigueiro,
 Que mata d'amores
 A muito vaqueiro.

Miro-me olhos pretos
 E um riso fagueiro,
 Que diz a cantiga
 Que são captiveiro.

Em tudo, madrinha,
 Ja por derradeiro
 Me-vejo mui outra
 Da que era primeiro.

O meo gibão largo
 D'arminho e cordeiro
 Ja o-dei á neta
 Do Braz cabaneiro,

Dizendo-lhe — « Toma
 « Gibão domingueiro,
 « D'ilhoses de prata,
 « D'arminho e cordeiro.

« A mim ja me-aperta,
 « E a ti te-é laceiro ;
 « Tu brincas co'as outras,
 « E eu danço em terreiro. »

Ja sou mulhersinha,
 Ja trago sombreiro;
 Ja tenho trese annos,
 Que os-fiz por janeiro.

Ja não sou Annita;
 Sou a Anna do outeiro;
 Madrinha, casai-me,
 Com Pedro Gaiteiro.

Não quero o sargentio,
 Que é muito guerreiro,
 De barbas mui feras,
 E olhar sobranceiro.

O mineiro é velho;
 Não quero o mineiro:
 Mais valeim trese annos
 Que todo o dinheiro.

Tão pouco me-agrado
 Do pobre moleiro,
 Que vive na asenha
 Como um prisioneiro.

Marido pertendo.
 De humor galhofeiro,
 Que viva por festas,
 Que brilhe em terreiro.

Que em élle assomando
 Co'o tamborileiro,
 Logo se-alvorote
 O logar inteiro.

**Que todos accorram
Por vél-o primeiro;
E todas perguntam
Se ainda é solteiro.**

**E eu sempre com elle,
Romeira e romeiro,
Vivendo de bôdas,
Bailando ao pandeiro.**

**¡Ai, vida de gostos!
¡Ai ceo verdadeiro!
¡Ai paschoa flotida,
Que dura anno inteiro!**

**Da parte, madrinha,
De Deus vos-requeiro:
Casai-me hoje mesmo
Com Pedro Gaiteiro.**

EPIGRAMMA.

**Lembrou-se de casar Thomé caduco
Porem não quiz: ¡é a causa? ao pôr do sol
Interneceu-se ouvindo o rouxinol...
Mas ja de tarde tinha ouvido o cuco.**

A INFANCIA.

Tradusido do dinamarques, de Baggesen, e publicado no Panorama,

Quando eu era pequenino
 (Tinha um covado de altura!
 Em me isto lembrando, chôro,
 E no chôro acho dogura.)

Era o brinqueinho de todos;
 Era da casa o regalo;
 A mãe me-trasia ao cello,
 O pae no hombro a cavallo.

Tristesas, penas, cuidados
 Eram tanto para mim,
 Como os risos de Glicéria,
 Como o dinheiro e o latim.

Fasia idéa do mundo
 Ser mais pequeno do que é;
 Mas suppunha-o mais alegre,
 E cheio de boa-fé.

Nuvem da aurora ou poente
 Sempre cuidai ser papoulas;
 O iris, pedras mui finas;
 As estrellas lentejoulas;

Custava-me em tantas joias
 Não poder pôr as mãosinhas;
 ; Que invejas vos-tive ás asas
 Os mosquitos e andorinhas !

Se um monte apanhava a lua,
 Quem me la dera, disia,
 A ver se é bem redondinha,
 E de que é feita, e se é fria !

; Pois o sol ! como eu scismava
 De o-ver cada tarde ao certo
 Ir todo alegre apagar-se
 No mar dourado e deserto !

; E logo a manhã seguinte,
 Das nuvens rasgando o véo,
 Trasel-o de novo aceeso
 Ja d'outra parte do céo !

; Mil cousas então pensava,
 No meu juisinho estreito,
 A'cerca do pae celeste
 Que ao sol e a mim tinha feito !

; Com devoção de creança
 Punha as mãos e ajoelhava,
 E as orações repetia,
 Que a boa mãe me-ensinava !

“ Pae do céo , fazei que eu siga
 “ As sanctas leis que me-dais,
 “ Que seja amigo de todos,
 “ Que vos-agrade , e a meos paes . ”

Depois resava por elles,
Por minha irmã, pela gente
Que morava em cada choga
Da nossa aldêa innocent;

Pelo rei, que eu nunca víra,
E velhos pobres, que eu via
Pagar-nos com suas resas
A esmola de cada dia.....

Tempos de paz e de gôsto!
De vós que resta?... A saudade,
Esta, ao menos, Deus piedoso,
Me-conserça em toda a edade.

ABORTO DE UMA SATYRA.

Coimbra 17 de setembro de 1829.

Nasci, graças aos ceos, n'um século de peta!
Medita-se o lunario, estuda-se a gazeta.
Ferve o papel-moeda, imprimem-se versões,
Ha punhos sem camisa, ha sem vintem funções.
Ha serviços sem premio, e premio sem serviços,
Dentes, ilhargas, seio, e cabellos postigos.
Nobresas sem nobresa; e virgens sem a ser,
E sermões sem moral, e esposos sem mulher.
Século de ouropel, baixaste á humanidade!
Viva a geral comédia! e viva a nossa edade!

ADVERTÉNCIA.

O verso alexandrino, que é entre os franceses o mais *communum*, talvez pela propria hydiosincrasia da lingua, que, se hoje vai opulenta de poesia, nunca ha-de deixar de ser mesquinha para a musica e para o rythmo; — o verso alexandrino foi sempre, e é ainda hoje, quasi desconhecido nos lavores dos poetas de Portugal, Castella e Italia — onde só um ou outro curioso o-cultiva por exhibição, como planta forasteira. — Ora como a variedade seja em cousas de arte e luxo condição muito principal, era claro que se ás duas medidas vulgares do hendecassylabo e do octosyllabo, que são todo o nosso haver heroico e lyrico, se-podessem ajuntar, não só o alexandrino, mas quaesquer outras combinações métricas, em o-diligenciar se fasía boa obra, e boa avença se-levaria em o-conseguir; sendo de mais a mais que assim ficava o escriptor mais surtido de tintas de melodia para acertar pelo natural com 'as côrres do seo pensamento. Esta tentativa foi a que eu fiz na minha traducão dos Amores de Ovidio, e em outros opusculos de dias ociosos, em que me-dava mais cuidado o tamanho e geito da fôrma, em que havia de vasar uma ária, do que hoje me-dão muitas questões que alvorotam boteqnins e parlamentos,

Pauperum tabernas regumque turras.

O verso alexandrino foi o que me-pareceu, a principio,

mais rebelde : e foi por isso mesmo o contra que empreguei maiores empenhos. Cheguei, cuido eu, a domestical-o ; a ponto não só de levar com boa cara quanta carga se-lhe podesse deitar, mas até de subjeitar-se a grilhões, e fantasias, com que em França , sem absoluta necessidade, o-opprimiram.

Este apólogo dos macacos é amostra d'isso mesmo : as rimas graves e agudas , femeas e machas, como os franceses, não sei porquê, as-appellidam, aqui vão regular e constantemente alternadas, sem que nunca duas diversas graves, ou duas diversas agudas se-aehem junctas. A partição e pausa forte de cada hemistichio são sempre observadas.

Tanto escrúpulo não acconselharia eu aos que tivessem pouco tempo para perder ; mas o adoptar o métro e servir-se d'elle rasgadamente, sim e muito que sim : — 1.º pela razão, que ja toquei, da maior variedade, no que vai muito para os recursos de quem escreve e para o regalo de quem o-lê ou ouve : — 2.º porque quanto maior é o ambito do verso , mais farto pôde ser o pensamento, ou o affeto que nos elle apresente de uma vez , o que nenhum poeta , que saiba da cousa, negará ser de uma grande vantagem para os efeitos. Por ultimo não imagine alguém que eu apresento, nem esta, nem outra qualquer de minhas trovas, como exemplar de cousa alguma : foram quasi todas ellas passatempos meos , e já agora não trans. considerão de meros passatempos para os leitores.

OS MACACOS.

APÓLOGO.

Vivia no Brasil, la n'uns sertões opacos,
 Um monâo, pé-de-boi, com filhas e mulher:
 Na cova que elegeu, longe dos mais macacos,
 Tinha todo o seo mundo, e todo o seo praser.
 Uma nascente á porta, á roda um bosque cheio
 De cana doce, coco e banana sem fim,
 Eis a adega, o celeiro, a cosinha, o jardim.
 E o Eden macacal na abundancia e recreio.
 ; Que lhes-falece? nada: a bondade, a affeição
 Lhes-sobredoura a paz da estreita solidão.

Uma sesta que ao sol estava dormitando
 Toda a bixuta familia esmoendo o jantar,
 Um saguim caçador, estafado e suando,
 Quiz o acaso que errante alli viesse dar:
 Pediu água: o bom velho o-condusiu á fonte;
 As filhas servigas colheram fructos mil,
 E em quanto os iam pondo ao hóspede gentil
 A monâ-mãe lhe-abana e lhe-dessua a fronte:
 ; Quem de obsequios não gosta? era ja negro o ceo
 Quando o saguim se-foi, mas voltar prometteu.

Não faltou á palavra: a aurora do outro dia
 O viu com outro irmão ja no hospicio outravez;
 A segunda com dous; a terceira com tres;
 E assim foi, de um em um, crescendo a companhia:
 Ja não eram somente os irmãos do saguim,
 Eram primos sem conto, amigos, conhecidos,
 Desconhecidos... tudo! Agora, agora sim!
 Que mesa, que brincar, que obsequios repetidos!
 As filhas que respeito, e que afectos ao pae!
 Em delicias desfeito o tempo se-lhes-vai.

Passou-se mez e meio; os brodios amainaram,
 Não suprindo ao consumo o estafado vergel:
 Então, qual foge o enxame ás flores ja sem mel,
 Bons tres quartos ou mais da súcia desertaram.
 Mas ao menos o resto odeia infamia tal,
 Não podem supportar amigos int'resseiros;
 Ao mono cada um protesta ser leal,
 Tem poucos, mas agora amigos verdadeiros.
 « Pobresa, eu te-agradeço, o honrado velho diz,
 « Afugentaste os maos; co'os bons vou ser feliz. »

Passou tempo: morreu-lhe uma das macaquinhas,
 Das duas a mais bella, a gloria do sertão:
 Não só perdeste, ó pae, o maior bem que tinbas,
 Mas na súcia fiel vês nova deserção.
 Inda carpia o velho um golpe tão funesto
 Quando seguir da morte approuve o exemplo a amor:
 Namorado saguim, amavel seductor,
 Da prole lhe-roubou e lhe-fugiu co'o resto.
 As filhas ja la vão... mas ao menos a mãe...
 ¡ Que é d'ella? apaixonou-se, e fugiu-lhe tambem!

Não succumbas á dor, distrae-te co'os amigos,
 Repete-lhes teo mal, tão digno de seo dô:
 Ah misero Simão ! de tantos bens antigos
 Nem filhas, nem mulher, nem um amigo só !
 Um preto, homem de bem, que me-contou tudo isto,
 Tal e qual ao leitor acabo de o-contar,
 Me-disse, que até aqui podia asseverar
 Tudo verdade ser, como se o-houvéra visto.
 Mas em dúvida punha, e por certa rasão
 Tudo o mais que se-segue a esta narração.

O mono endoideceu co'a força do desgôsto,
 A um rio se-atirou, d'onde a nado fugiu;
 Correu muitos sertões, até que um dia viu
 De monos uma aldeia (era quasi sol posto):
 Atrepou a um coqueiro, e com sonora voz
 Desatou a prégar ao som de mil gemidos;
 « ¡ Macacos, o meu mal seja um bem para vós !
 « Horrorise os bons paes, atterre os bons maridos,
 « Os pródigos converta ! a vista ponde em mim ;
 « Das cousas no princípio está d'ellas o fim.

—¡ Monos que dais partida, olhai que esses marmelos
 Não visitam ninguem pelos seus olhos bellos ! —

PREAMBULO

AOS VERSOS LIBERAES.

Salomão exclamava : « Vaidade das vaidades e tudo vaidade ! » Um poeta romano que não tinha lido Salomão, mas tinha visto o mundo, escrevia : « Oh cuidados dos homens, oh que de vaidade não vai em tudo !

Oh curas hominum ! oh quantum est in rebus inane !

Não ha philosopho que não tenha dicto outro tanto, nem sequer ignorante , de certa edade para além , que o não tenha sentido muitas vezes. Por mim digo ; de quantas verdades cheguei a adquirir , nenhuma trago mais assentada e immutavel do que esta : triste é ella, mas em compensação é a unica maxima terrestre em que não ha vaidade. Uma das cousas que mais me-chegaram a este desincantamento senil foi muita parte dos meos proprios escriptos : é incrivel o como , quando por acaso acerto de folhear algum d'elles, la de annos a annos, o-acho transformado e sempre para peior : é o mesmo que succederia a um amante , que tivesse dado á terra a virgem dos seos pensamentos , vestida de branco , ingrinaldada de assucenas, e ainda formosa atravez da palidez, e com apparencia menos de defuncta do que de quem estava a dormir a morte , e reclinada a descansar de virtudes para voar ao ceo , assim mesmo com as suas assucenas brancas , com o seo vestido branco , e só com a diferença de duas asas de asul celeste e ouro ; e a-achasse, a cada visita nova ao sepulchro , mais desfigurada , mais

desconhecivel , mais horrenda , mais esqueleto e mais vaidade de vaidades, que ate no féretro e no sepulchro se-escondem ainda os sobejos d'ellas. Os affectos , as paixões , as alegrias , os pesares , as esperanças , as proprias cores de estylo , galas de linguagem, suavidade de metros , tudo isso que eu estava bem certo de ter deixado n'un volume recem-fiado , que sepultava para a minha gaveta , tudo me-apparecia demudado, ou antes tudo tinha desapparecido; e entretanto aquelle papel era o mesmo ; nada tinha sido n'elle riscado, accrescentado, escurcido, nem contrafeito. Não; mas os annos que a elle só lhe-tinham desbotado um pouco a tincta , tinham-me ca por dentro , nas regiões grandes da alma , arrasado e edificado muito , posto ruinas onde eram palacios , levantado cidades e castellos onde antes eram ermos. A lyra exterior era a mesma, mas não eram os mesmos os sitios para onde ella toava : os echos , com as demolições e edificações , tinham-se mudado. Voltada para onde o-tinha ficado eternamente , ja nada lhe-responsaria.

A prosa e os versos liberaes d'este volume nasceram em dous tempos, diversos entre si e diversissimos ambos d'este agora. Tinha eu ainda então amores politicos , e portanto todo o seo natural cortejo de ciumes , odios e tempestades. Cria devérás na felicitação do mundo pela liberdade para a nossa vida ; e hoje, em cousas políticas, nem ja atino com o que hei-de crer. Tudo isto digo , assim de que todos aquellos de meos leitores, que ja como eu houverem passado da zona torrida da existencia para o círculo polar , aonde todos chegámos se não morremos na primeira mocidade , têm benevolamente o mesmo desconto que eu dou a muitos defeitos graves d'estas páginas, cujo minimo não é a frequente expressão do odio e da vingança ; odio theorico na verdade , e vingança theorica , come

são sempre os dos poetas, a mais pacata gente, em largando a pena, que nunca houve n'este mundo.

Por uma cousa quero eu mal á liberdade, a quem portantas quero bem. Tem um grande senão; vejo-lh' o hoje, que sou seo amigo; não lh'o conhecia, em quanto não passava de seo amante apaixonado. E' demasiadamente yaronil; tem cabeça forte, mas muito poucochinho de coração; e é pena. Nenhum poeta liberal, que eu saiba, desde Armodio até Béranger, pôude ainda fazer d'ella mais do que uma philosophia; e uma philosophia não é uma religião. Foi mal posto um nome feminino a isto de liberdade; haviam de lh'o dar masculino ou neutro. Por isso mulheres, liberaes de lei, são tão raras, e não são talvez as melhores.

Mas porque? porque a índole da mulher, a feminidade, tomada em complexo, não é senão amor; e se este amor se divide para se-estudar, averigua-se que não é senão amores: amor de filha, amor de mãe, amor de amante, amor de esposa, amor da familia, amor da casa, amor dos desgraçados, amor das flores, e da naturesa, e também um pouco amor de si-mesma, que é muito justo, e muito bem empregado. As discussões, soberbias e malquerenças, de que a liberdade necessita para medrar, ao menos por ora, que ainda não é adulta, e anda muito doidinha com a sua mocidade, tudo isso é bom para o sexo que lucta com os touros, com a artilheria e com as andas. Ellas não, as pobresinhas! que na partilha ficaram com os deveres, e muito contentes. E' providencia! que ás vezes me-ponho eu a scismar o que seria o mundo, sem mulheres e creanças; e supondo que assim como ha árvores que dão côncos, as-havia tambem que dessem homens, e ja crescidos e perfeitos... perfeitos, figuradamente falando, perfeitos como nós... parece-me que um tal mundo

havia de ser muito liberal, mas durar muito pouco. O deputado, o jornalista, o tribuno (e todos haviam de querer sel-o) recolhendo-se á noite para a sua pousada, que sem mulher pouco havia de differir da dos animaes domesticos, não teria quem, pela doçura, pelas caricias, e até por mil futilidades, lhe-désse treguas aos pensamentos altivos e dissociaes. O sonno só o-viria tomar, quando a vigilia o-tivesse prostrado : quando em sonhos barafustasse cuidando andar ás punhaladas com um usurpador, não haveria alli quem o-acordasse com um beijo na testa, que é o melhor exorcismo para taes demonios, e o-recondusisse a sentimentos mais doces com um falarzinho, entre sentido e ledo, que sabe descer, pelos torcicólos mais reconditos, como um mineiro, ao fundo do coração. Até o muito falar reprehendemos ás mulheres : e n'isso nos mostrámos, alem de nescios ingratos, para com ellas e para com Deus, que nol-as fez, quaeas as-haviamos de mister. Sem esse, que nós chamámos defeito; quem nos-houveira ensinado a fala em pequeninos, quem nos-incheria a casa d'esta melodia que não acaba, e quem nos-desfaria os nublados, ás vezes tempestuosissimos, do pensamento ? Quando Deus fez a primeira mulher, fel-a, nos disse Moy-sés, porque viu que não era bom que o homem estivesse só : é não era, não. Hoje briga-se por ellas, aqui e acolá : se as não houvesse, brigava-se em toda a parte, e por tudo. Aquella cobardia é fraquesa que os philosophos tolos lhes-reprehendem, e que, bem deitadas as contas, são mais fortes do que a nossa força, são as que, 365 vezes cada anno, nos-impédem de nos-devorarmos uns aos outros. Não são liberaes, não são ; mas são melhor do que isso ; porque amam muito e amam sempre; e ensinam-nos tambem a nós a amar o nosso pouco.

Ora isto, digo eu, isto do faser amar, é o que a li-

berdade não tem, ao menos por ora; nem teve nunca; ah! estão as histórias gregas e romanas que vol-o digam! Tenho portanto explicado, segundo me-parece, de um-modo claro, o porque, n'esta tal prosa e n'estes taes versos, se-encontra um desabrimento e sequidão, que eu n'outro tempo lhes não sentia, mas que em verdade têm. Tuda aquillo será philosophia liberal, se lhe-quizerem faser favor; mas poesia, é que não pôde ser. Julgo que fica dada satisfacção bastante, assim para que os mesmos a quem eu, quando aquillo escrevia, julgava querer mal, não só me-absolvam, mas até me-desculpem; como para que os anatomicos de estylo me-relevem de muita culpa e pena.

Este mesmo pendão de misericordia, desejo eu que valha ainda para cobrir a todo o jornal d'oncô tómou algumas d'estas mesmas composições, e de qual, Deus e muita gente me-perdeem, eu era o redactor; chamava-se a *Guarda Avançada*.

ADVERTENCIA.

(*Extracto da Guarda Avançada n.º 17, de
25 de março de 1835.*)

Não tencionava eu dar jamais á luz estes versos, não só porque d'elles fasia, como poesias, o devido conceito, senão tambem porque o resuscitá-los era avivar eu em mim mesmo muito tristes memórias, que mais folgára de perder. A tudo porém me-

subjeito ja, e ora os-dou fielmente estampados, para confusão de testimunhadores.

A *Revista* disse em uma de suas folhas; que eu fí-
sera versos aos *inaufériveis*. Eu, que ja agora não
aprenderei a diser injúrias em logar de factos, di-
rei factos, ainda que o disel-os e convencer d'elles
ja seja injúria a quem os-sabe, e para mentir os-es-
tourece; por todo o dinheiro da *Inglaterra*, não qui-
sera para mim a infâmia de quem taes cousas es-
creve.

Cahiu a constituição do anno vinte, graças em
parte ás diligencias que para isso fizeram, mais tal-
vez por êrro de cabeça que de coração, a Iguãs dos
que hoje, mais por êrro de coração que de ca-
beça, agouram á Carta não melhores destinos. Res-
tabelecido, ainda que manso, o despotismo do
Sr. D. João VI, enquanto nós-outros, os liberaes,
gemiamos em segredo, medrosos dos mil ouvidos,
e mil olhos da intendencia, multiplicavam-se em
toda a parte aquellas estrondosas festas públicas,
em que os gritos de viva e de morra são igual-
mente horrorosos. Coimbra, aonde eu então me-
achava, com os seos conventos, com a sua uni-
versidade, com o seo cabido, devia de seestre-
mar entre todas as cidades; e, enquanto, entre ala-
tidos de sinos e estrépito de foguetes, o Te Deum
virava a casaca, delineava-se nos paços reitoraes,
por um ajunctamento de lentes e filhos de d esem-
bargadores, tríduo de capella com sermões, tríduo
de luminarias com outeiro. Os sermões e as lumina-
rias faceis eram, porque aseite e frades não faltá-
vam na terra; mas o outeiro, a não se querer em

prosa, que essa em toda a parte abunda, apresentava a dificuldade de não haver poetas, e muito menos absolutistas.

*.... Cum tot ubique
Vatibus occurras....*

Lembrou-lhes o diabo em mal, que eu e meos irmãos versejavamos, e que em outeiros constitucionaes o-tinhamos feito; e procurando ao mesmo tempo desincantar, e traser da parte de el-rei ao seo ou- teiro alguns poetas principiantes academicos, o reitor empenhou meo pae em fazer-nos apparecer. Meo pae, ornado de singulares virtudes, cheio de amor para com a sua familia, e amadurecido por largos annos de experienzia, ainava no seo coração a li- berdade, mas não era romano; e se a alguma cou- sa queria mais do que a ella, era a seos filhos. Li- vre ja do entusiasmo e imaginação brilhante, que na flôr da mocidade tanto exaltam o homem, julgaria commetter um crime, se ás theorías liberaes que elle achava na sua razão, mas que não accreditava se-realizariam em nossa vida, sacrificasse estabelecimentos e commodos que, fiado nas suas numerosas relações, esperou sempre de nos-obter. Se era ou não este o melhor modo de pensar, não o-sei, nem, ainda que o-soubesse, ousaria disel-o; no tribunal do nosso intendimento todas as auctoridades são processaveis, excepto um pae; e quando as nossas lagrimas ja têm corrido sobre a sua sepultura, a sua memória se-nos-torna sagrada, como uma divindade sobre a qual não nos-é lícito levantar os olhos.

Antes de nos-expôr o desgraçado comprometimen-
to de sua palavra, teve que oppugnar e vencer o

seu proprio coração; foram segredos que só muito tarde, depois do seu falecimento, podemos saber da nossa mãe. Meu irmão *Augusto Frederico de Castilho* e eu, apesar de todo o nosso respeito, de toda a nossa ternura filial, ouvimos então, pela primeira vez, resistir-lhe, demonstrando-lhe em nós impossibilidade moral de realizar os alheios desejos, que ele nos apresentava como seus. Depois de dado o primeiro passo, já lhe não era então possível retroceder. Insistiu: achou-nos sempre filhos, mas inabaláveis. Para ver se, de um modo airoso, conciliava o seu com o meu dever, propuz-lhe me deixasse partir logo para uma quinta afastada quatro leguas da cidade, onde eu ficaria com o pretexto de doente: cedeu; e eu parti, com o coração cheio de amargura. Sobre meu irmão se reuniram desde logo todos aquelles esforços que, repartidos até ali por dous, menos difíceis tinham sido de contrastar. As instâncias de uma família inteira, accrescendo ás ordens de um pae, produziam um d'aqueles espetáculos, a que a virtude mesma, sem desmerecer o seu nome, se-pôde render. Meu irmão resistiu. Eu chamo para testimunha de tudo isto, não só a voz publica, porque desgraçadamente tudo isto transpirou, mas um homem que, por força, deve ser acreditado. O sr. *Joaquim António de Aguiar*, então amigo íntimo de nossa casa, era admittido ao secreto da família; elle soube tudo: direi mais, elle mesmo ajudou a combater a nossa constância, e se mais ainda é preciso para tornar esta minha prova irrefragável, eu que o-cito para dar uma sentença sobre a nossa honra, ao mesmo tempo lhe-declaro

que o não amo (*), e que o não amo desde o dia em que o-julguei renegado de nossos antigos principios. Bem; eis-aqui agora factos para que o-chamo.

N'essas desgraçadas vésperas, intrando elle no quarto de meu irmão, o-achou a ler profundamente em Lucrecio aquelle passo com que tantos suicidas se-têm preparado contra os terrores da morte. Ouviu-o, escarneceu-o, e arrancou-lhe o pensamento insensato de renunciar a vida, para se-livrar do que elle julgava a sua deshonra. Convenceu-o de quanto era pueril o dar tanta importancia a uns versos, que de mais a mais se-podiam até n'aquelle occasião faser, sein n'elles escandalisar o bom senso e a philosophia. Sim; tudo isso foi verdade, e meu irmão, ferido d'este raio de luz, rendeu-se. Restava eu. Tocado das lagrimas da minha familia, munido de cartas d'ella e do exemplo de meu irmão, o sr. Aguiar vai ter comigo em Aguim. Em uma salla da Quinta do Tanque, elle consome uma manhã toda para me-convencer, e eu volto com elle para Coimbra, não para festejar o absolutismo, mas para dar, do modo possivel, e em grande público, um documento de liberal. Duas peças em verso sólito, e um soneto, foram tudo que n'aquelle outeiro fiz. A esterilidade do assumpto, tornado ainda mais sécco pelas minhas restrições mentaes; a repugnancia com que trabalhava; e o apêito do tempo que mediou entre a minha chegada e o outeiro, foram parte para que estes versos me-sahissem, em minha cons-

(*) E' necessário não perder de vista a data e o espirito do jornal, d'oncde me-foi forçado arrancar esta prosa.

eiencia o-digo, miserrimos. Acharam todavia grande favor em um auditorio, que n'essas tres noites se-mostrou tão liberal, que grangeou á cidade nada menos que a visita de uma alçada. Se os meos versos tivessem respirado servilismo, i como teria eu tido a honra de ter por amanuense o sr. *Aguiar*, em quanto os-compuz? Nada quisera accrescentar a isto, mas não posso resistir á tentação de transcrever as seguintes Notas do lente de mathematica, *Sebastião Corvo*, em consequencia das quaes todas as poesias d'esse outeiro, de que se-imaginára faser um, livro, deixaram de ser impressas; o autógrapho conservo-o em meo poder.

Notas sobre as Composições do outeiro, por Sebastião Corvo.

Nas reflexões seguintes não intendo, nem por sombras, accusar malícia alguma da parte dos vates; antes estou profundamente convencido da sinceridade, pureza de pensar, e bom ânimo d'aquelles senhores. E' por amor da propria utilidade d'elles, que me-arrisco talvez a desagradar-lhes, para evitar os effeitos de certa desconfiança, a qual ja se-começou a desinvolver, mesmo no outeiro, em várias reflexões venenosas; e n'estas cousas o perigo está todo no princípio. Sobre este particular conversei eu logo então com alguns dos dictos senhores, e fiz tal ou qual diligencia, para que isso chegasse aos ouvidos de todos; de sorte que não faço agora mais ou pouco mais, do que repetir o que ouvi n'essa occasião, e o mesmo, que eu disse com pequena diffe-

rença. Haja-se pois tudo isto por muito expressamente declarado, para que não tenha lugar a mais leve suspeita contra mim, que eu certamente não mereço.

Em quanto ao merecimento poeticó das composições, direi sem lisonja, como já tenho dicto muitas vezes, que excederam grandemente, sem dúvida por eu não conhecer a pessoa dos autores, ao menos como vates, a expectação, em que eu estava. Neste sentido tomei tão sómente a liberdade de apresentar umas ninharias, as quais absolutamente me pareceu, que poderiam ter escapado na revisão; a saber: (*Seguem-se aqui algumas reflexões úcerca do Sr. Judice Samora, e do Sr. Cunha e Carvalho. Estas composições que o Sr. Corvo reuniu debaixo do titulo — Sem Nota — acha elle que podem ser impressas. Seguem-se reflexões ás poesias minhas, e de meu irmão, que elle comprehende na seguinte rúbrica :)*)

Composições, que não parece conveniente publicarem-se, ao menos nas dadas circunstâncias.

(A) (á margem N. 8). Este Elogio (não são versos meos) para o fim, e mesmo no último verso, dá por desgraça occasião a parecer d'aquellas *Poecias Constitucionaes*, onde maliciosamente se-insinuaram a sua magestade uma especie de *conselhos ou advertencias asperas*, pondo medos com a sorte de alguns soberanos; e se-arrojava uma прégação perpétua contra a tyrannia: dizia-se bem da sua real pessoa, porém sempre, ao menos indirectamente,

muito mal dos reis e da realesa. E' certo, que em um Elogio dirigido a um rei, não se-diz mal de outros reis, por ser indecencia mais que manifesta. Isto até entre particulares é uma grande incivilidade. Além d'isso (falando figuradamente) todo o papel é branco em comparação da tincta de escrever, e comparação tal só pôde servir no elogio do papel pardo. N'uma palavra é necessário confessar, que com decencia e com gôsto, Neros e Calígulas nunca podem intrar no elogio de um soberano, especialmente como o nosso.

(B) (á margem N. 5.) Estes versos (*são versos de meu irmão*) logo desde o princípio, no seu todo, e várias partes, dão muito logar a interpretações siniestras, como as da nota precedente.

(C) (á margem N. 1.) *As basforadas catonicas* (é o meu soneto — *Todos livres*) de ambos os quartetos d'este soneto não entram em tal assumpto, senão para se-atacarem vitoriosamente, e destruir-se de todo o seo pernicioso effeito; de outra sorte têm visos d'aquelle chamada *Confissão de Voltaire*, onde se-publicaram descobertamente os seos erros, debaixo do fraco, e malicioso salvo-conducto de um: *Confesso que errei, n'isto, e n'est'outro.* As anticipações, que infelizmente existem, dão todo o logar a esta lembrança maligna.

(D) (á margem N. 3.) No elogio de um rei (é a minha *Meditação*) e por conseguinte da realesa, não pôde vir bem a proposito o *indifferentismo político*; isto dá muita occasião á malicia de juízos temerários; e muito mais ainda aquella pintura, parece que feita de bom grado, de uma rebellião da

plebe romana, aonde sobresahem as côres do entusiasmo republicano.

(E) (á margem N. 4.) Vinte e tantos versos de crimes, e penas de reis condemnados pela justiça dos céos (é a minha *Apparição de Fenelon*), parecem mais uma pregação doctrinal, mui fóra de propósito, do que um elogio. Isto lembrou no outeiro, com as malignas reflexões sabidas.

Eis-aqui em resumo o que me-ocorre. E mais me-lembra, por occasião do sonho último, trazer á memória d'estes senhores, que a desgraça de Fenelon na corte proveiu de uma interpretação maligna d'esta qualidade. Segue-se

Composições com algumas notas etc. etc.

A APPARIÇÃO.

..... poucos reis o inferno incerra
Porque entre poucos se-divide a terra.
Gabriel Pereyra — Ulysséa.

; Meia noite! Cançado o pensamento,
E cheio o coração do amor da patria,
Adormeço: ; Phantasma venerando,
Que me-queres? quem és? d'onde has surgido?
; Roupas sacerdotaes! ; na dextra um bago!
; Quem és, pastor de espíritos? ; que aspecto!
; Que surrir de pacífica virtude!
; Que auréola de luz nas cãs pendentes!
; Quanto céo, quanto amor no olhar, nas vozes!

¡ E's tu visão da mente allucinada,
 Luminoso phantasina, ou vens do Elycio?
 ¡ Ah! vens do Elycio! Eu te-conheço e adoro.
 Dos reis educador, dos reis amigo,
 Amigo das nações, eu te-abençoo.

¡ Fenelon! Fenelon! ¡ Que nome, ó povos!
 ¡ Com que suave orgulho o-repetimos!
 Fenelon! Fenelon! ¡ Porque entre os louros,
 Que ao tumulo lhe-dão canóra sombra,
 Não vão todos os reis mudos sentar-se
 A meditar cada anno um dia ao menos!

Com ar meigo e risonho o sabio velho
 A dextra me-estendeu, e em tom de amigo,
 » Vem, meu filho, me-diz, segue os meos passos:
 » Leio em teo coração, leio em tua alma,
 » Tu amas a verdade, e ousas disel-a;
 » Odeias mais que a morte a vil lisonja,
 » Queres de Lysia ao rei dar puro incenso.
 » Vem pois; o incenso puro, o digno d'elle,
 » Em vão por outra parte o-buscarias;
 » Só para além dos tumulos, no Elycio,
 » Na mansão da verdade é que se-colhe.
 » O enflorado laurél, com que pertendas
 » C'roar, poeta, a c'rôa do monarcha,
 » Lá o-tens; acompanha-me, não tremas.
 » Nos jardins de além-mundo as flores riem
 » Formosas, immortaes, immarcessiveis,
 » Como as sombras de heroes que alli vaguêam. *

Da sacra aérea mão tocado apenas,
 Sinto subito o ânimo arraiado
 De interna luz insólita; sou livre,
 Livre como elle das prisões terrestres,

Senhor de mim, dos séculos, do espaço.
 Transposta a horrenda Styge, o Léthes mudo,
 Eis se-abre á sua voz a brônea porta,
 Sem que ouse a nos-ladrar o cão trilingue.

Por entre povos de infelizes sombras
 Sanguinolentas, palidas, convulsas,
 Que em tormentos de horror se-revolviam,
 Fomos correndo: a abóbada de ferro
 Retumbava co' a barbara mixtura
 Dos açoites, dos silvos das serpentes,
 Dos ais, das maldições, de tardas queixas,
 Do clamor das Euménides raivosas,
 Dos dentes a ranger, do pranto amargo,
 E do fragor dos inflammados rios.

— »; Olha, me-exclamia o conductor chorando,
 » N'esses campos de horror, sem fim, sem fuga,
 » Vê que de povos réos se-estão carpindo!
 » ¡ E estarão sempre! A imparcial justiça
 » Na terra a-procurais, e ella aqui mora.
 » ¡ Não vês por este oceano de infelizes,
 » Alguns, de longe a longe, em quem das furias
 » Os açoites mais ríspidos estalam?
 » São esses os Calígulas, os Neros,
 » Os reis... que o sceptro em clava transformaram,
 » Bebedores de sangue; outros, no luxo,
 » Ao som dos ais da patria.... adormeceram;
 » Muitos, de insano amor escravos torpes,
 » De amadas entre as mãos depondo o sceptro
 » Pagaram co'o seo povo os seos praseres;
 » Muitos, não vendo nume em céo sem raios,
 » Ousaram, vís hypocritas, fingir-nos
 » Um deus a seo contento e á sua imagem,

„ Um deus por quem os principes nefandos
 „ Reinavam, que fadára a especie humana
 „ A escravidão e ás trevas da ignorancia ;
 „ E ao alphange, ao patibulo, á fogueira
 „ Mandaram propagar esse ímpio culto :
 „ Sancta religião, leo véo sem mancha
 „ Assim foi pelas mãos do fanatismo
 „ Incobrir a política oppressora.
 „ Muitos, ebrios de glória, (¡ oh glória ! ¡ oh nome !)
 „ Para pascer seos olhos insolentes
 „ Disseram, ide, exercitos, ser paga
 „ De um trophéo que nos-orne a régia estância.
 „ ¡ Não os-vês ? pelas penas os-procura ;

 „ Não pelo trajo : as púpuras não passam,
 „ Não passam c'rôas para cá das campas ;
 „ Saiâmos já das lóbregas moradas ,
 „ Horrendo ingresso ás regiões piedosas. , ,
 ¡ Eis o Elycio ! eis o Elycio ! esqueceu tudo.
 Aura pura e vital, clarão sereno
 Nos-restaura, nos-anche, e nos-consola ;
 ¡ Tudo é júbilo, amor, delicias d'alma !
 De arvores immortaes ondêam bosquês ,
 Sonoro imperio de mais bellas aves.
 Atravéz de planicies de ambrosía
 Mana, em rios, caudaes, o leite e o nectar.
 Em sua veia, em suas margens de ouro
 Sob ás verdes abóbadas frondentes ,
 D'onde chovem o mel, o incenso, as flores ,
 Perenne côro de gentis sereias
 Aos dignos de renome altêam hymnos.
 Cada um tem a sua ; enquanto vivo ,

Teve-a dentro; é seo nome — a consciencia.—
 Flores, sem nome em linguas de viventes,
 Brilham por toda a parte, intertecendo
 Alcatifas, pyramides, grinaldas,
 Grutas, palacios, thálamos, cabanas.
 Tudo é risonho, harmonico, suave,
 Perfumado, fecundo, enlêvo, festa.

„ Segue-me sempre, me-bradou mœu guia.
 „ Segui-o — ; Salve Elycio dos Elysios,
 Monte inessavel, nem sonhado a vates;
 Triumphal Capitolio, sem Tarpeia;
 Mansão dos heroes maximos! “ Detém-te „,
 Me-diz, parando, o conductor: — „ Chiegámos:
 „ Não te-é dado ir ávante. Aos extremados
 „ D'entre a turba dos optimos, a elles
 „ Só, pertence este sítio : olha a cidade
 „ Pomposa de palacios diamantinos,
 „ Sua eterna vivenda: a minha (; graças;
 „ Graças aos numes bons!) lá está no cume,
 „ Por entre os loureiraes, em cujas folhas
 „ MENTOR, MENTOR! os zéphyros susurram.,,
 „ Logo á hora em que nasce um genio grande,
 „ Aqui mãos invisiveis lhe-assignalam
 „ Seo alcáçar futuro: mas a traça
 „ Da architectura, a vastidão, a alteza,
 „ A escolha da matéria, estão pendentes,
 „ Sem n'o elle presumir, do seo arbitrio:
 „ Cada accão que lá faz digna de premio
 „ Troca-se em preciosa pedraria,
 „ Que vem ser parte á fábrica moleme:
 „ E á hora do expirar.... o exemplo novo
 „ Que então dá, fecha a abóbada; retinem

,, Vivas em todo o Elysio , e elle apparece .,,

Disse, e me-foi mostrando, uma por uma

As estâncias dos principes d'outr'ora ,

Que deram leis , virtude e gloria á terra.

Por sôbre cada portico brilhava

De um semi-deus o nome. Uns inda vivos

Na tradição , na história e nas saudades ;

Outros sepultos co' as nações sepultas.

— , , , i De novo morador poucas deviso ! , ,

,,— Poucas , , me-tornou elle, e vi fugir-lhe

O perenne surrir dos labios mudos ;

Mas recobrando-o logo : — , , Alça teos olhos

,, Ao cimo... além... ao cimo... á dextra parte

,, Dos lares meos , bradou , entre a pousada

,, De Tito , o bemfasejo , e a do meo Numa ,

,, Que lá está sobre o thálamo de rosas

,, Co'a sua Egérie ao lado. Entre elles , surge ,

,, Com assombro dos dous , outra vivenda ,

,, Que bem vês d'hora a hora estar crescendo :

,, E' o lar de João , do rei dos Lusos ;

,, Este sempre , benigno' , ha-de seos povos

,, Accumular de bens , incher de glória :

,, Artes , sciencias , brilharão por elle :

,, Em ti-mesmo , em ti-mesmo , obscuro vate ,

,, De seo amor , de seo amparo ás musas

,, Eu vejo estar brilhando um claro annúncio : (1)

,, Será de Lysia amor , do mundo inveja ,

,, Oh ! se me-fôra lícito mostrar-te

,, Futuros que no ânimo insoffrido

,, Me-estão fervendo.... Basta : ao mundo volve ,

,, Conta o que has visto ; incredulos não temas :

,, Dize que Fenelon só foi teo guia ;

,, Para te-darem fé sobra o meu nome. ,,
 Cheio de espanto, de prazer absôrto,
 Corro, e busco beijar-lhe as sacras vestes:
 Busco tres vezes abraçal-o ao peito,
 Tres vezes me-fugiu ligeira sombra:
 Cheio de sancto horror, tremendo, accórdo:
 E em characteres indeleveis sinto
 Na alma impressa a visão, que excede os sonhos
 ¶ Lusitanos, folgai! Jamais se-apague
 Em vossos corações tão fausto agouro.

NOTAS.

(1) Não por vaidade de talento, que não ha em mim onde a-assentar, mas só por ambição de agradecido, quero registaraqui, para crédito do monarca dadivoso, o decreto com que, para me-exforçar de preencher as esperanças que de mim se-tinhão áquelle tempo, e que tão imperfeitamente vingaram, sua magestade me-fez mercê de pão abundante para toda a vida; graça, que, a ter ainda hoje efeito, me-dispensaria de desbaratar em trabalhos cançados, deslusidos e morredouros, a maior e melhor parte da poetica subs-tância, que ainda me-resta: *Dis aliter visum.*

Decreto de mercé feita a Antonio Feliciano de Castilho.

Por efeito da minha real munificencia, em attenção ao distineto talento, que tem manifestado *Antonio Feliciano de Castilho*, e à grande applicação com que se-dedica ao estudo das sciencias na universidade de Coimbra: Hei por bem fazer-lhe mercê da propriedade de um dos officios de escrivão e chanceller da correição de Coimbra, que se-acha vago, não tendo ficado filhos legitimos do ultimo proprietario: e sou outro sim servido conceder-lhe facul-dade para nomear serventuario, sendo pessoa apta e approvada pela mesa do desembargo do paço. A mesma mesa o-tenha assim inten-dido, e lhè-mande passar os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 8 de junho de 1819.—Rubrica de Sua Magestade.—Registada a fl. 26.

MEDITAÇÃO.

RECITADA NA SEGUNDA NOITE.

Quare fremuerunt gentes, et populi
meditati sunt inania? Adstiterunt reges
terræ, et principes convenerunt in unum.
Psalmo II.

Quando o genio mortal, arrebatado
De fervente, de audaz philosophia,
Se-abalança a gyrar no inextricavel
Labyrintho moral da especie humana,
Vai sem guia, sem norte, esvoaçando
Por trevas densas, que a rasão não gasta;
Em suave planicie enxérga ao longe
Larvas brilhantes de risonho aspecto;
Alli corre, alli pára, exulta; e lança
Sobre a movele areia as amplas bases
De alta constituição que illustre os povos,
Os-melhore, os-contente, os-felicite.
Raciocinios, não homens estudando,
Social pérfeição tocar presumê:
Fortuna, a primogenita do Eterno,
O-pune da ousadia; as asas bate,
E o pomposo edifício eis que se-abysma.
Fugiu, desfez-se em nada o mentiroso
Tropel de larvas de risonho aspecto.

De govêrno em govêrno os povos gyram;
O insaciavel coração não dorme:
Monarchia, republica, tyrannos,
Tudo houve em Roma, e Roma descontente!
A moral pérfeição... ventura a todos,
! Quem pôde afioito promettel-a aos povos?

¡ Homem ! tu pôdes pôr um nome aos astros ,
 Conhecer suas órbitas imensas ,
 Forgar a terra a se-cobrir de fructos ,
 Das bravas feras subjugar as fúrias ,
 O raio ardente dirigir na queda ,
 Torceer o curso aos caudalosos rios ,
 Rasgar o seio dos sañudos mares ,
 Voar aos gêlos , que amontão o pólo ,
 Subir aos ares transcendendo as nuvens ,
 Baixar da terra ás lóbregas intranhas ;
 ¡ Homem ! tu pôdes tudo , o Eterno o-soffre ;
 Mas o Eterno não quer , mas tu não pôdes
 Teo proprio coração tornar contente .
 Velam sobre o universo olhos supremos :
 Na mão do creador se-volve o mundo ,
 Elle nos-vê , nos-ama ; os se-s mysterios
 E' deseso sondar . Pára , recúa ,
 Philósopho , ante o deus , auctor dos homens .
 ¡ Pôdes tu mais do que elle ? ¡ A' providencia
 Pôdes sustar o insuperavel curso ?
 ¡ Teos projectos não vê , não vês que abortam ?
 Nascido em Spartha , cidadão te-ostenta
 Sublime , audaz , republicano altivo .
 Nascido em Roma , nos formosos d'as
 De um sabio Numa , a realesa adora .
 Segue a Pompeo nos transes da Pharsalia .
 Cumpre as leis , serve á paz , e ao bem da patria ,
 ¡ Mas inda descontente , inda murmuras !
 Nas do govêrno variadas fórmulas
 Só uma aos olhos teos pôde ser justa ,
 Conforme á naturesa e boa aos povos
 Volve os olhos , philósopho , procura

Mais cauta luz nas margens do Tamisa;
 Britannico Nestor, que tu veneras,
 La te-dirá: — « Cada nação reputa
 » Pelo melhor o seo governo antigo:
 » Tem cada um seo gênio, os seos principios;
 » Moral, virtudes muita vez oppostas. »
 ; Como ha-de o velho, á monarchia affeito,
 Pequenos cidadãos republicanos
 A' patria apresentar? ; Como ha-de em Roma
 Crear vassallos, que subjeite a Cesar,
 Um severo Catão? ; como creal-os
 Um povo inteiro, a cujos pés cem vezes
 Se-abateram no pó lictoreos feixes,
 E a alta cerviz os consules dobraram?
 Subjugar-se tentou Roma orgulliosa,
 Mas viu-se o Povo abandonar seos muros;
 Diser sem custo adeus aos patrios numes;
 Co'os tribunos á frente, e celebrando
 Da republica o nome em sacros hymnos,
 Ir-se abrigar nas proximas montanhas,
 E alli gosar de Roma entre os desertos.

Fallae, pendões do liz, leões da Iberia,
 Lusas quinas, fallae: ; que pról surtiram
 Em târno a vós pregões da liberdade?
 Co'o brilho, estrondo, e rapidez do raio
 Ella ha passado; e novamente o sceptro,
 Qual desde priscos seculos se-víra,
 Se-vê na mão dos reis. — ; Salve tres vezes
 O' de pod'rosos reis pod'oso filho!
 ; Do povo mais fiel, do mais submisso,
 Grande, augusto senhor: em paz repousa
 Seguro á sombra dos herdados louros!

SONETO.

Recitado na terceira noite.

MOTE.

Sagrae-lhe cultos, erigi-lhe altares.

Todos livres, egunes todos nascêmos;
 E' lei, virtude, instinto a liberdade.
 Não quer ferros quem busca a sociedade;
 Homens servir a homens não queremos.

Alma, raio do céo, todos nós temos;
 Sobre nós só a lei e a divindade.
 Servir ou morrer deve a humanidade?
 Morra: escolha o melhor dos doux extremos.

Assim bradou Catão republicano,
 Presto a soltar o espirito nos ares,
 Depois de Roma exticta, inda romano.

Volve Catão dos tenebrosos lares,
 Dirás, vendo o monarchia lusitano:
Sagrae-lhe cultos, erigi-lhe altares.

Ahi diante vai agora uma cousa, chamada *ode*, porque emfim algum nome se-lhe-havia de dar. E' paródia da XIII do 1.^º livro de Horacio, a qual por isso me-pareceu bem pôr-lhe em correspondencia. Se o eu não fisesse, raro leitor poderia acarear a imitação com o original, porque Horacio, que tinha a basófia de se-persuadir que nunca havia de morrer de todo, ja se-acha, não só morto e condenado, mas interrado, perdido e posto em esquecimento. Uma ode sua, quando por algum acaso, como este, apparece agora, faz a estranhesa de cousa nova: é o que sempre acontece com o muito antigo: é como quem desincanta um osso de mastodonte.

Por mim confesso, que do perdimento, em que vão cahir totalmente dentro em pouco os poetas românos, tenho pena: era outra religião, outra civilisação, outra gente, não ha dúvida; mas conheciamos tudo aquillo: na eschola nos-tinhamos naturalisado romanos com os nossos mestres, que o-eram como Scipião e os Gracchos; e tão cren tes, que não datariam senão por kalendas, nonas e idos. As nossas primeiras noções aquellas foram. Brincámos, crescemos com Rómulo e Rêmo, e ainda os-vímos mampar na lobâ, que pór signal era ruiva, na margem do Tibre, alli onde estava uma figueira. Assistimos á primeira fundação da aldeola de Roma; ás suas primeiras brigas de feiras, chamadas batalhas; ao seo rapido adolescer; á formação de sua indole nacional; ás suas ambições sem limite convertidas em realidades; á transformação das suas rústicas virtudes em vicios esplendidos, em crimes sellados com o cunho da grandiosidade. Os nossos primeiros affectos, n'aquelle edade, em que se não pôde amar senão no vago, á luz da história romana e ao calor da romana poesia, se desinvolveram e floriram. Qual de nós não assistiu pre-

sencialmente ao rapto das sabinas? não esperou, com o coração a pular-lhe, o signal do rei no meio do espectáculo para ir tomar a sua, que de certo não era a mais péccea? ¿Quem se não lembra de que estava em casa de Lucrecia n'aquella mal-estreada noite da visita do primo Tarquinio? ¿Quem se não recorda de se ter achado muita vez no circo, ao pé da tribuna das vestaes, e com alguma d'ellas interrada vivo no fundo do sepulchro vasio entre a lanterna, um pão, e uma bilha de água? ¿no Egypto com Marco Antoniô, á mesa de Cleopatra, quando ella ingoliu a pérola? ¿e n'aquellas festas escondidas da deusa Bona, tão appetitosas para rapases? ¿e nas de Venus, que não carecem de epístheo, e nas de Flora, e nas campestres das nymphas das árvoreas, das fontes e dos rios? E direi mais, porque é verdade, ¿qual é de nós o que n'esses dias d'entre puericia e juventude, cathequisado pagão pelo Chompré, e confirmado tal pelo seq Tibullo, Propercio e Ovidio, não contemplou com anciedade a lucta do christianismo recem-nascido e coroado de espinhos com o paganismo velho e coroado de flores: ¿e mirão contradictorio d'aquelle indeciso jôgo, não favoreceu com um certo desejosinho secreto aquillo mesmo que aliás reprovaria com o intendimento?

..... *video meliora, proboque,*
Deteriora sequor.....

Isto que sucedeu a todos os que ainda estudámos látim, tambem ja havia passado pelos nossos poetas velhos, d'ondu veiu sahirem todos elles, no que escreveram, tão pagãos como um arúspice; e, quando não, lá está o Camões, que ha-de ser o que sempre em tudo se-ha-de citar: baptisado tinha elle sido, mas quem o-procurasse achar, havia de ser n'um banho da Castalia ou da Áganype.

Depois dos poetas romanos vieram pois estes poetas romanizados, radicar-nos ainda mais n'aquellas primitivas

affeições, tão casadas com a edade em que as-tomámos, e tão de lembrar e suspirar para as que de apoz se-vão seguindo; depois, á mesma terra, onde morámos, fez para aqui muito — que toda ella foi romana — e o-está confessando nas ruinas de edifícios, nas reliquias de dinheiros e de artes, em parte da legislação, em quasi todas as superstições e usanças populares, e bem podémos diser, na totalidade da linguagem, cujas palavras, ainda as que menos o-parecem á primeira vista, são latinas, e semi-latinas as conjugações, as phrases, a construcção, as figuras e allusões, e não poucas das joyas posticas de proverbios e anexins. Ora depois de tudo isto, quererem que atiremos todas as latinarias ao diabo, para nos-ficarmos só com um ou dous generos de antigualhas menos antigas e não sei se-acrescente que de menos substânciа poetica, as gothiccas, por exemplo, e as mouriscas, parece-me que não é bem; ja porque emvez de ampliar cabedaes é restrin-gil-os, e ja porque é mandarem-nos renegar o que nunca de todo se-renega, que são as phantasias que nos-incharam o coração na primavera da vida.

Se esta prosa parecer sobreja para a pouquidade do assunto, que a-suggeriu, peço que a-recebam como expli-cação e defensa adiantada de alguns versos meos latinos, com que, pelo discurso d'este volume se-virão a incontrar; versos que eu bem podia ter deitado ao lume, como outros muitos, visto o como vão os tempos para este genero de fasenda, mas que assentei em salvar, por ter sido esta a lingua, em que primeiro versejei, e a que por isso sobre todas me-recreia; e tambem para que meos filhos, incitados por este documento, ponham peito a sabel-a mais devéras do que hoje se-costuma, porque sem muito de latim não creio eu na possibilidade de haver nem muito pouco de portuguez.

AD REMPUBLICAM.

Quinti Horatii Flacci.

LIB. I, OD. XIII.

O' Navis, referent in mare te novi
 Fluctus! ò quid agis? fortiter occupæ
 Portum; q̄ nonne vides, ut
 Nudum remigio latus?

Et malus celeri saucius Africo
 Antennæque gemant? ac sine funibus
 Vix durare carinæ
 Possint imperiosius

Aequor? non tibi sunt integra linta;
 Non Dī, quos iterum pressa voces malo,
 Quamvis Pontica pinus,
 Silvæ filia nobilis,

Jactes et genus et nomen inutile:
 Nil pictis timidus navita puppis
 Fidit, tu, nisi ventis
 Debes ludibrium, cave:

Nuper sollicitum quæ mibi tedium,
 Nunc desiderium, curaque non levis,
 Interfusa nitentes
 Vites æquora Cycladas.

AO ESTADO,

Intrando para ministro o Conde de Bastos.

ODE PARODIADA DA XIII. DO LIV. 1.^o DE HORACIO.

¡ O' Nora, novo burro escoicinhando
Te-vai metter em asoinado gyro !
¡ Oh, que fases ? ¡ vais dar teo cabeçalho
A orelhudas cabeças !

¡ Não vês como os calabres te despiram
Dos alcatruses que regavam hortas ,
Atando-te outros que entre si se esguicham
Sem deitar nada fóra ?

¡ Não vês como os suões que te-hão zurrado
Te-racharam as rodas ? ¡ como se-abrem
Os eixos com caruncho ? As noras velhas
Ja não são para danças.

Não tens calabres sãos , nem carpinteiro
Por quem chames cabindo escangalhada,
Bem que eras de bom pão ; de antiga mata
Bem que te-chames filha.

Nada fia um quinteiro que é prudente
Em vêr pintado a oleo o ingenho podre ;
Se não queres cabir esbandalhada ,
Tem cuidado co'o burro.

ELEGIA PRIMA.

AD MUSAM QUOD LATINE SCRIBERE INCIPIAM.

Nunc nova Castalides repeatinus carmina Musæ,
 Carmina non patriis einodulanda sonis.
 ¶ Ecqua data est toties patrio sermone canenti
 Gloria? ¶ quæ nostris laurea certa comis?
 ¶ Quid Nymphas profuit, quid nos silvestria Faunos
 Agmina, quid vernalis concinuisse rosas?
 Et juvenum curas modulis, et pocula Bacchi
 Me frustra docuit Teia Musa Senis.
 Nequicquam in Tragicis ausus prodire cothurnis;
 Vel duo, vel nemo carmina Lusa legit.
 Jam pudet exactorum sic sine honore laborum!...
 Tende, precor, doctum, Musa Latina, chelyn.
 Me juvat in Latii perfundi fontis humore;
 Insequor et lauros, Naso poeta, tuos.
 Non patrii post hac visorus culmina Pindi
 Auferor, infrondens destituoque solum.
 Jam steriles valeatis agri, et vos mænia Mondæ,
 Quique Tagum colitis, barbara turba, Getes.
 Altera me revocant jam Numina; Numina fas est
 Ut sequar, et nutus, aurea Fama, tuos.
 Ergo meæ ventis cymbæ date carbasa, Musæ,
 Gloria quo nobis æquore monstrat iter.
 Vos, zephiri, adspirate fugæ, adspirate secundi
 Vosque adeste salis cœrula turba Deæ.
 Jam me Romano currentem pectine chordas
 Adspicient populi, qua patet usque solum.

Et me jam noscent gaudentes Tibridis undæ,
 Et Rhodani, et fluctus, maxime Rhene, cui.
 Sequana me capiet, Nilus, Tanaisque nivalis,
 Et Thule, et primo littora clara die.
 Solve rate in jam, Musa fugax, vos, quos ego linquam,
 Este salutati tempus in omne mibi,

ELEGIA

IN NATALEM MEUM.

Sidera carminibus veniunt dignissima festis,
 Sidera per nostras adnumerata dies.
 Jam mibi post quintum subiit lux tertia lustrum,
 Candida natali concelebranda meo.
 Ergo agite, et læto perfundite pocula Baccho,
 Excitet ut festum tristia corda merum.
 Quisquis es, obductis cui mens male nubibus horret,
 Hinc abes, ô nostris inficiande jocis.
 Ite procul durum, curæ genus, ite, labores,
 Omina nascenti neuquid acerba ferat.
 At vos et violis mensas, et spargite lauro
 Limina, dum referunt myrtlea serta Lares.
 Jam decet inducta redimiri fronde poetam,
 Et dare Numinibus jam bona musta bonis.
 Parce Deum genitor, vos parcite numina Ponti,
 Quique cruentata, Mars, geris arma manu;

Parcite vos cuncti, quibus est non rustica cura;
 Quid mihi vobiscum est? Rusticus arva colo.
Sed vos, o Nymphæ, adsit, mea gloria, Nymphæ,
 Spernite et arboreas, candida turba, domos,
Et sacros fontes, et gratis flumina ripis,
 Pictaque purpureis floribus ant'a suis.
Necnon arborea Cybele de fronde revincta,
 Et, quæ custodit paschua læta Pales,
Flava Ceres, Bacchusque pater, Faunique bicornes,
 Et Flora, et quotquot numina campus habet.
Sed vos ante omnes nostris succedite tectis,
 Thespriadum castæ, turba novena, Deæ.
Tempus adest votis; sacro intremuere Penates
 Adventu, et sensi corde micante Deos.
Jamque, precor, taciti linguis animisque favete,
 Nam fas est humili verba referre sono.
Dique, Deæque omnes, quibus est mea rura tueri
 Cura, quibus placebo simplicitate meâ;
Quos ego jam posito revoco ad convivia libo,
 Dum viget integris alma juventa rosis;
Vos facite, ut quotquot dederint mihi fila Sororum
 Tempora, seu juveni, seu tribuenda seni,
Semper apud nostros lætetur Musa penates,
 Sanctaque libertas, purpureusque pudor;
Ut circum modulentur aves, ut grandia pleni
 Poma habeant rami, paschua semper oves.
Nec desint æstate umbrae, zephyrique nemusque,
 Nec caret pleno bruma severa foco.
Nam mihi divitiae, paupertasque improba sordent,
 Vos date me parca simplicitate frui.
Mens sana, et sanum corpus: sint semper amici;
 Quos inter yates adnumerare velim.

Exulet a tectis, aditus vel nesciat istos
Quicumque aurata struxit in urbe domum.
At famæ imprimis rumor exulet, impieat urbes,
 Magnorumque canat magna tropœa ducum,
Fortia facta virum, casusque et nomina regum,
 Aut populi tristi jura relapsa vice.
Quid juvat agrestem, quarum non indiget, arces
 Noscere? me silvae, me casa parva capit.
Sit nobis tantum curæ, quid proferat arvum,
 Quod solvat partu fæta capella suo;
An soles, nimbiæ juvent, an fertilis annus,
 Quærere; quo crescat vinea læta jugo;
Vel quibus incisa decerpitos cortice ramos
 Inserere arboribus, tempore quove, novos.
Area parva quidem laudi, sed maxima nobis,
 Tuta quibus satis est munera habere deum.
Sed quid ego invideam luxum, quid sceptra tyrannis?
 Læta redit semper nox mihi, læta dies.
Ne timeo quo se vertat fortuna, nec amens
 Tela puto jamjam per latus ire meum.
Hic me nemo timet, vigili nec milite servor,
 Janua, dum carpo somnia, nostra patet.
Quod vescor, nutrit ager, quod vinea, poto,
 Defluit arboribus mensa secunda meis.
Non mihi gestantur bis tinctæ murice lanæ,
 Sed mea quam nigro tegmine portat ovis;
Vidi ego, quæ traherent de colo fila puellæ,
 Atque inter cantus crescere noctis opus.
Aureis ille rotis, veste spectabilis aurea
 Pervolet, ut circum quisque miretur opes;
Et plateæque, forumque tonent spumante quadriga,
 Centum equitum currat post sua terga manus.

Nos, ubi libuerit, lenti spatiabimur umbra;
 Neque meos grados qui notet ullus erit.
 Tytirus in pratis formosus obambulat ipsis,
 Et mecum repelit, quos dedit ante, sonos;
 Et modo Gessneri, modo dulcia carmina Quiae
 Ad ripam canimus prætereuntis aquæ.
 Inspirant violæ, vocat aura, nemusque subire
 Suadet, ubi ad cantus stat philomella suos.
 Inde pedes quocumque ducent, sine lege vagamur,
 Aut sedeo, aut dulcis lumina somnus habet.
 Quid nimis? ergo agite, o divique, deæque colentum:
 Neve preces referant ventus et aura meas.
 Hic sinite optata labi mea tempora pace;
 Me tegat ista, precor, terra beata piæ.
 Olim forte aliquis montana cacumina cernens;
 Queis nostri quondam delituere Iares,
 Vos, dicet, valeatis, agri, quibus ossa poetæ
 Maxima condit humus, nec lapis ullus habet.
 Qualia cumque estis, vos jam, loca sacra, verebor,
 Queis fas felicem condere posse virum.

VERROS

*Escriptos no Álbum de Miss Martin, na véspera de
 seu embarque para Londres, onde se havia
 de demorar por alguns mezes.*

Dos anjos, irmãos teos, o côro léve
 Te-siga pela undosa immensidade;
 E lá na patria e na tornada breve
 Te não deixem soffrer mais que a saudade.

Não imprimiria este soneto, á conta do seo eruissimo
desabrimento, principalmente agora, que tantos annos pas-
saram ja, depois de absolvido pelo infortunio o objecto
d'elle, se, no tempo em que temerariamente o-mostrei
a poucos amigos, se não tivessem espalhado cópias d'elle
pelas mãos de todos os liberaes. Não o-posso anniular:
registo-o, para ao mesmo passo ficar registada a repro-
vação, que nunca deixarei de dar à similhantes abusos da
exaggeração poetica.

AO USURPADOR

Nos dias da sua omnipotencia.

„ ¡A' vante! calca o povo lusitano.
„ Pane-o da culpa de te-crecer sincero.
„ Sê benigno co'os máos, co'os bons severo:
„ E o throno assenta no terror, no engano. „

„ Nem vestigio sequer ja tens de humano:
„ Em poucos dias excedeste a Nero.
„ Filho algoz, vil Caim, perjuro, féro,
„ ¡Parabens! ¡triumphaste, impiotyranno! „

O hymno das furias, seo hosannah, é este:
E se cabe o praser no abyssmo eterno,
Monstro dos monstros, ¡que praser lhe-déste!

Mas ha, mas vella um árbitro superno;
Se ao som dos ais da patria adormeceste,
Ao som do raio accordarás no Averno.

O SACRIFICIO A CAMÕES.

Advertencia.

O seguinte poemeto foi scismado em Lisboa, onde negocios urgentes me-trouxeram a furto do meu esconde-rijo na residencia parochial de S. Mamede da Castanheira do Vouga, quando a perseguição a liberaes, no reinado de D. Miguel, campeava mais accesa. O saudoso alto da freguezia das Chagas, onde tão bons dias de infancia e primeira mocidade havia passado, me-inspirou isto e muito mais que não coube na escriptura. Eram tempos maos; e comtudo da noite até deshoras em que me-pasci n'estes pensamentos, parece-me que tambem agora estou sentindo saudades.

POEMETO.

Depois de tanta ausencia, eis-me sentado
 Na conhecida pedra, em face ao templo
 Que ri de longe ao marinheiro luso !
 Aquellas são as árvores : oh troncos,
 Troncos da minha infancia ! aquella a tórre
 Dos tão sonoros, tão contentes sinos !
 Eis la em baixo o Tejo : cá se-ostenta
 A chusma de apinhados edificios.
 Alvejai para mim, como alvejaveis,
 Edificios da patria ; e tu fulgura
 Sob a lúa eminente, amigo Tejo.

¡ Oh que formosa lua a de Ulysséa !
 Esta sim , esta intende-me , conversa ,
 Tem coração , espirito , saudades ,
 Devaneia , suspira . Astro fagueiro ,
 Quem nos-mudou assim ! vi-te outro tempo
 Brilhar sobre estes muros , como um lustre
 De opulento festim : hoje assimelhas
 Meditabunda luz sobre sepulchros .
 Então , apoz o dia afadigado
 Me-hospedavas aqui , n'esta hora mesma ;
 Por baixo d'estas árvores festivas ,
 Com musicas e amor , com dança e versos ;
 Inda hoje ca me-atrahes ; mas solitario .
 ; Eis o estio ! o passeio vai deserto ;
 Os assentos são nús , e este ar é mudo .
 Inda os nossos segredos se-confundem ,
 Astro gentil ; mas quão' diversos hoje !
 N'esse commércio nosso antigamente
 Tudo eram bens e jubilos ; agora
 Somos nós dous amigos , que se-abraçam
 Para carpir sobre commum desastre .
 Lua , ¡ não te-restar um só d'aquelles
 Raios de tanto amor ! ... uma só aura ,
 Minha amiga , uma só , que em seo carinho
 Me-enxugasse estas lagrimas teimosas ! ...
 Embora : corram livres e abundantes
 Desde as raias da alma , origem sua .
 A minha alma está triste , equal á chamma ,
 Que arde encolbida e que palpita a medo
 Ao pé do moribundo em tardas horas ;
 As trevas invejosas mais de perto
 A-investem cada vez , fluctuam , crescem ,

Vem, fogem, precipitam-se, triumpham
 ; A alampada expirou ! Taes se-me-apinharam
 Em torno da rasão medrosa e incerta,
 Das desgraças da patria horrendas sombras.
 ; Ah ! se a razão também lhes succumbisse !

Fugir, com o coração rasgado e morto,
 De lusos campos, que assolavam lusos ;
 Vir buscar um consolo, onde cuidava
 Que a polidez, o luxo, e os restos grandes
 Da alta opulencia antiga encobririam
 Os ais da dor e a palidez da fome ;
 Vir buscar illusões dos bens na falta
 ; E achar mais fundo horror ! .. que alma de ferro,
 Tanto mal, sem tremer, contemplaria !
 Por estas horas, um susurro alegre
 Animava tudo isto. Eram torrentes
 De esplendidos frisões, troantes coches,
 Que abalavam as ruas inundadas
 De mil vistosos, mil contentes ranchos.
 Pelas francas janellas trasbordavam
 Luz, vozes, riso, canticos, ventura.
 De povo estuavam fulgidos theatros.
 ; Ah ! penuria e terror mudaram tudo !
 Os bailes e spectaculos trancados
 Em muda noite dormem : não respiram
 De uma só casa as vozes da alegria ;
 Os laços sociaes se-espedaçaram ,
 O cidadão dos cidadãos se-esconde ,
 O homem entre homens solitario gemie.
 Tornou-se crime a voz e o pensamento,
 O amor da patria reo, dever o opprobrio.
 Nos profanados templos retumbaram

Os pregões de Baal; e em face ao Christo,
 Seos ministros, impunes, premiados,
 Mentem aos céos, á terra, á consciencia;
 Vertem da lingua fel, blasphemia, embustes;
 Como orvalho celeste imploram sangue;
 E esquecido o evangelho e a charidade,
 O odio, as vinganças, o alcorão voseiam.
 Peja a innocencia os carceres; a honra
 Vai com ferros aos pés varrendo as ruas:
 Os tribunaes só velam para a morte;
 Nas praças alterradas não descângam
 Os cadasfalsos, as vorases pyras;
 O algoz recebe dons, e escuta aplausos;
 E os argos do poder, sem fim, sem conto,
 Espiam, colhem, levam de contínuo
 Ao genio assolador materia nova.
 Tal jaz este gigante das cidades,
 Tal lhe-roe nas entranhas renascentes
 Eterno abutre de implacavel fome.
 ¡Patria, patria, e nem sis se quer nos-deixam!
 Cala-te, coração; não me-recordes
 O tempo, em que toda esta Lusitania,
 Era digna do sol que a faz tão bella!
 Respiravamos n'ella uma harmonia
 Da terra e céo, da naturesa e do homem.
 ¡Quem previu tal futuro! Assim folgava
 Pompeia, e ja nas lavas do Vesuvio
 Lhe-vinha a morte, a campa, o esquecimento.
 ¡Vede o Tejo qual vai! é este o sonno
 De um monarca em grilhões. Emfim cahiste
 Com tuas cãs, imporio do universo.
 De tanta glória, tanta vida e tanta,

Só dura uma lembrança dolorosa
 Nos cantos do Camões. Se o patrio nome
 Não tem de se-perder na culta Europa,
 Nem de sumir-se pelo mar dos tempos,
 E' que esta anchora o-agarra á eternidade.
 Eis como envergonhando a patria ingrata
 Se-vinga o Bardo heróe; votou-lhe em vida
 A lyra, a espada, o amor; e inda não farto
 Manda seo genio vigiar-lhe os louros.
 ¡ Coubesse na alma grande outra vingança !
 Que victimas a-applacar-lhe a campa humilde
 Um reino, todo, em lagrimas, em ferros !
 Olha a torrente aurífera, que o Grande
 Nomeava seo Tejo, e a cujos coros
 Chamava todo amor : *Tagides minhas.*
 Maldisei-me essas ondas, que arrojavam
 Pela foz desabrida ao largo oceano.
 O heróe de amor e Marte, o cantor d'ambos.
 Inda o-vejo, da pôpa debruçado,
 Mandar sandoso aos lectos fugitivos
 Um longo adeus sem voz, e nu d'esp'rança.
 Da espuma o trote, o frémito da vela
 Lhe-aperta o coração, cáem-lhe nas ondas
 Lagrimas dignas de soldado luso.
 Quantas almas sua alma abraça ao longe.
 ¡ E nem uma talvez lhe-sente o affago !
 La vai, soldado, e pobre, e desvalido,
 La vai, e as curvas prayas apinhadas,
 Ao desapparecer da extrema vela,
 Dão glória aos cabos, o soldado omittem,
 Que desvalido e pobre os-faz eternos.
 Depois de ausencia longa, eis tórno a vel-o;

Ri, chora, aplaude ao Tejo, e o Tejo é surdo.
 Mutilado, indigente, obscuro e alegre
 Beija este chão tão frio; offrece á patria
 A espada tincta, o braço, a tuba, a glória.
 Do ninho seo paterno ao céo levanta
 Pregão, que afora Elysia atiça o mundo.
 Cinge-lhe o louro vencedor dos tempos,
 E recabe na penuria. E' esta a hora
 Em que de um terreo lar, sem luz nem fogo,
 Onde Camões, ! Camões! dorme no feno,
 Sahe esse Antonio, o Tito dos escravos,
 O escravo da amigade, e ousa nas trevas
 Um pedir, que injuría os céos e a terra...
 ACCUDÍ A CAMÕES QUE EXPIRA A FÓME.
 Que lagrimas sublimes lhe-rebentam,
 Quando uma ou outra mão, la d' hora em hora,
 Passa e deixa cahir ceitil escasso
 De seo senhor no capacete humilde !
 Elle o-estende, mostrando-o repassado
 De balas de infieis; nenhuma o-cinge
 De tanta e tanta palma que seo dono
 E colheu, e cantou. De rua em rua
 Pede, invoca, enrouquece; a quantas portas
 De damas, de senhores, ja famosos,
 Do poeta no canto, e nos amores,
 Não foi talvez bater; bater vãmente !
 Dá meia noite, eis volve ao seo tugurio.
 Quasi toda a cidade está dormindo;
 O resto se-diverte; os dous se-abraçam:
 Um chora, outro surri, qual soffre menos?
 — „ Antonio, inda ámanhã não morreremos, —
 — « Senhor, a charidade é quasi surda,

“A vossa glória esteril; muito a custo
 “Obtive apenas... ,—“¡ Meo Antonio !
 “Que exemplos a futuros escriptores !
 “¡ Que pago ! que laureis ! mas não importa ,
 “Servi os meos, um tal serviço é premio. ,—
 —“Não choreis,—“Meo amigo, eu não me-chório...
 “Mas tua dôr me-dóe; queira a fortuna
 “Pagar-te os bens que me-ficou devendo:
 “Eu ja me-afiz a tudo; a providencia
 “Sabe que existo: os annos meos cansados
 “Vão no fim; pouca vida exige pouco.
 “Antonio, uma só mágoa me-accompanha ;
 “E' ter dado o meo estro, enquanto ardia ,
 “Aos ingratos e ingratas; e hoje velho,
 “Além de um coração, não ter que dar-te. ,—
 —,, Cantai os outros, (não lh'o-invejo) e amai-me.
 “Se eu de afectos intendo, os vossos cantos
 “Valiam menos do que o vosso afecto. ,—
 O poeta suspira; alguns momentos
 Reina silencio fundo; o escravo o-rompe:
 —“¡ Bem sei eu onde agora vos-queria ! ,—
 —“¡ Onde amigo?,-“Eeu comvosco.,-Ah! la em cima
 “Na patria que ama sempre e paga tudo ,
 —“Não,,-“Pois onde?,-“Ah! Senhor, na minha terra.
 “Terieis, como agora, o vosso escravo ,
 “E uma choupana vossa, e umas palmeiras,
 “Que vos dessem, de graça, os ricos fructos ;
 “Meo amor, e o dos meos, e a paz, e oocio ,—
 —“Enchuga as tuas lagrimas; não sonhes
 “Mais penas para nós,—“¡ Vêdes ? aperto
 “Todo o vosso thesouro entre douis dedos ! ,—
 —“Eis o pão. ,—“Mas ; só pão, nem se-quer vejo

“Com que dar-vos papel, — “Qu’importam versos ? , ,
 — “Mas vossa malha é um medico, e soccorros ?
 “Meo bom senhor, ouví-me, e por piedade ,
 “Não engeiteis, não engeiteis meo rôgo.
 “Muito ha que esta lembrança, inda que triste,
 “Me-afoga o coração; foi algum anjo
 “Queim me-inspirou; sem duvida; cedei-me,
 “E’ meo primeiro, e meo extremo rôgo. —
 — “Porque não falas pois ! ! ergue-te, e fala !
 “Tu solugas ! eu tremo; acaba, amigo, —
 — “Vendei-me, — exclama o servo em voz medrosa ;
 Pasma, emmudece, espera e assim prosegue :
 — “Procurai-me um senhor que seja humano,
 “Que me-permitta ás veses visitar-yos;
 “E vendei-me, por deus ! , , — “Cala-te... escuta.. .
 “Uma voz a cantar na vizinhança...
 “Ouves ? ... são versos meos : oh ! não te-agradam
 “Aquellos tons suavissimos ! , , — “Vendei-me;
 “Eis meo primeiro, eis meo extremo rôgo.—
 — “Meo Antonio, amanhã vende essa espada,
 “Inutil carga das paredes nuas;
 “Vende esse capacete, onde mendigas
 “Um cobre que te-cança, e não nos salga:
 “E depois.... o hospital. Ah ! meo amigo,
 “Quando este capacete me-cobria ,
 “Conteve quanta idea o mundo abrange,
 “Mas, confesso, esta não, — “Mas o meu rôgo ? ” —
 “Antonio, tambem tu ! — Como falavam,
 Despontou a manhã. Camões lhe-entrega
 O capacete e a espada; aponta à porta;
 Vê-o sahir; segue-o co’ a vista, e g’me.. .

.....

„ Adeus ninho da dôr „ exclama o triste,
 „ E para nunca mais. „ ¡ Onde vai elle !
 Sem guia, toto, e inferno, áquellas horas ?
 ¡ Onde ha-de o pobre escravo ir procura-lo !
 Onde, já lh'o elle ouviu ; no horrendo albergue
 Que a pia charidade off'rece aos pobres.
 Lá corre : péde, exora ; introu, procura ;
 Descobre... vê... abraça... e em longo abraço
 Mixtura gôsto e pranto, amor e queixas.
 Servo, infermeiro, confidente, amigo,
 Multiplica-se em mil, cerca-o de extremos ;
 Cumple-lhe officios de familia e patria.
 Morre Camões, mendigo entre mendigos,
 Estranho aos seos, nos braços de um estranho,
 Mas entre elles deu tudo ; aos seos ingratos
 O coração, o ingenho, a vida, a glória :
 Ao seo amigo a amarga liberdade,
 Tarda fama, uns ceitis, e poucos livros.

De tão impíos avós proscripta raça,
 O destino em miserrima hecatomba
 A teos manes, Camões, nos-sacrifica.
 A injuria foi-te aseda ; ah que a vingança
 Te amargaria ao fel ! quem me hoje dera
 Essa harpa lacrimosa, onde entoaste
 Lamentos de Sião caída em ferros,
 Saudades de Israel em terra alheia !
 Não ha canto no globo, onde bannido
 Não chore um portuguez : aos ais d'essa harpa
 Que de ais seriam echo em toda a terra !
 Mas feliz seo desterro ! alta saudade
 Lhes-queima o coração ; porém seos olhos
 Não vêm da patria as longas agonias.

Nenhuma ferrea mão lhes-tapa a bocca,
 Ninguem lhes-manda rir quando os-açoitam.
 ¡ Oh meos amigos, que eu chorei partindo ;
 Ficai, pois que o destino assim piedoso
 Vos-concede essa amarga desventura,
 E não nos-invejeis. Se a providencia
 Não marcou algum termo á nossa infâmia,
 E se os cantos, que a medo e a furto exhalo,
 Não têm por capitolio o cadasfalso,
 Talvez tardio abraçoinda vós-leve.
 Quem viver ousaria, onde olhos lynces
 Profanam té o incognito das mentes !

Ah ! meo ermo, saudoso presbyterio,
 Quando será que eu veja os espaldares
 De teos densos rosaes, teo tecto humilde,
 O cedro hospitaleiro, as alvas pombas,
 E as heras do portão e as cerejeiras,
 Ornamento do adro hervoso e sancto !

EPITAPHIO.

Gravado no tumulo de um rico beneficio.

Se és pobre, lè, chora e passa !
 Meo coração já não bate
 Ao aspecto da desgraça !

A DESERÇÃO GLORIOSA.

Explicação.

Os ossos do officio de poeta — disse o meu parente Te-lentino — que era a pobresa. Não serei eu quem o des-minta; mas sempre digo, que ainda o officio tem mais ossos: — um d'elles é a forçada obrigação, em que a miudo nos-vemos, de intrar como terceiros em amores de outrem: verdade é, que esta prática tem decahido muito, depois que se-apagaram os ultimos vestigios do biô-co e jalusias, dos serões no estrado e dos descantes á esquina; então as mulheres, semi-arabigas em seo viver, & em sua invisibilidade divinisadas pela imaginação dos homens, eram objecto de culto: — para elles se-tempem-rava, ao raio da lua, a viola, que logo sobre o peito parecia repetir em voz alta os suspiros e gemidos, que por de traz o coração lhe-ensinava baixinho: para elles se-distillavam dos melhores ingenhos aquelles perfumes, hoje rançados, a que chamavam então poesia, e que a dez leguas em redondo exhalavam misticidade: — é abrir o Camões em qualquer canção, ode ou sextina das suas, para louvar a deus por aquellas adorações idólatras tão de véras rendidas, que ainda hoje dão tentações de astomar ao pé da letra: as mulheres, que elles requebravam, eram, se hemos de fiar-nos em todos esses evan-gelhos de namorados, uns entes tão outros das de hoje,

que até custa a perceber como aquillo tão aereo, tão espirito, e só cortejado de espíritos, e que de carne e ossos tinha apenas *quantum satis*, uma forma ou simulachro á imitação dos anjos antigos, pôde chegar a produsir causa alguma carnal, e muito menos esta raça, tão carnal e tão positiva, que hoje somos. — Os proprios nomes das mulheres pareciam ao senso íntimo d'aquelle gente ideal um genero de profanação, ou, quando menos, uma improriedade repugnante: e, desde que se-tractava de render vasalagens extáticas, e métricas, ao que hoje chamariam simplesmente uma Ignez, Catharina ou Maria, todas estas grosseiras confianças cessavam; e em logar da Ignez, Catharina ou Maria, surgia *arcadicamente* uma Natércia, uma Tirce, ou uma Isméné. — Era como se largando o nome - prósa da vida real, ellas tivessem despido o que tinham de terrestre; era uma apoteóse sem pyra, um portentoso *fial nymphæ*: e depois, como se-cría devéras n'aquillo, o amor, que saíhes-exprimisse, tinha necessidade de ser também, ou pelo menos de se-representar, ethéreo, expurgado de sensualidade e egoismo, etal como um *sylpho* encarnado o-poderia tributar a uma *sylphide*. Ainda não tinha vindo Jorge Sand ao mundo: — cría-se em virtudes; até nas masculinas, quanto mais nas femininas; havia a cada canto Magriços e dose de Inglaterra, e havia ainda mais raras Phénix; havia, aos centos, Jacobs, que depois dc *septe annos* suspirados em balde começavam de servir outros *septe annos*, disendo. — mais serviram, se não fôra para tão longo amor tão curta a vida.

Ora, como não era justo nem possivel que só os iniciados na linguagem poetica, fossem galanteadores de damas, seguia-se que os desfavorecidos das musas, para se-poderem mais depressa ou melhor insinuar, tinhão de recorrer ao

prestimo sempre charidoso dos poetas , que assim se-viam forçados a sentir , amar e cantar por si e pelo proximo:— emprestavam como ricos mercadores o seo cabedal aos necessitados , que lá o-negociavam , como podiam , para seo interesse, e o-pagavam, se jámais o-pagavam , em dinheiro, em protecção, em esperanças ou em palavras, que era restituir na mesma moeda. Admittidas todas estas suposições , alias verisimillimas , temos , *ipso facto* , absolvidos um grande numero de poetas , a quem a multiplicidade de nomes de damas em suas tróvas celebradas trasia, no tribunal da pública opinião , accusados de bandoleiros e galanteadores universaes : d'aqui em diante, sim: quando a posteridade encontrar em collecções de versos de um nosso contemporaneo mais de um nome de mulher , condemne embora a esse auctor por inconstante , porque em nossos dias já não é o mesmo :— a poesia já não é necessaria, porque esse culto das mulheres passou como todos os cultos : os versos, que amansavam feras, não amansam nem assanham a cousa alguma : o cálculo e a economia politica poz-nos o juiso no seo logar : somos positivos , e descobrimos que as mulheres não eram mais do que um elemento, para produsir annualmente uma addição nos mapas statisticos. Das especulações politicas e financeiras , & como pôde sobejar tempo e vontade para curar de femeas , como quando não havia mais nada que faser? o seo valor no mercado está baixissimo — *les rois s'en vont*, disse um philóospho ; qualquer outro podia diser com mais verdade , *les femmes s'en vont*: mas não importa: os reis vem tornando, e as mulheres hão-de tornar tambem ; e ambas estas soberanias, melhoradas do que foram, porque o mundo subindo e descendo lá vai sempre caminho da perfeição — pobresinhos dos que vieram a elle n'esta edade de transição , como lho-chamam os philosophos :— que se-

consolem pensando em suas netas: só por isso é bom ter descendencia: quem n'a tem não morre todo; e quem todo não morre pôde confortar-se com a esperança.

Mas voltando ao meu propósito, repito, que a poesia não é já visco para caçadas amorosas: passaria ate de ridículo o querer deveras namorar em verso: sem embargo esta cantata foi ainda feita, como outras minhas composições, para servir de intérprete a sentimentos amorosos de outrem perante certa dama, em realidade muito amavel, muito digna de versos, e muito capaz de os-comprehender e sentir.

O namorado, que ainda a esse tempo, em 1829, não lhe-era mais que namorado (mas isso era-o devérás) víra cahir sobre muitos de seos parentes e amigos as furias da perseguição politica: — cheio do fogo da liberdade e dos seos vinte e dous annos, determinou desertar das bandeiras que em melhores dias havia jurado e a cuja sombra servira sempre como oficial brioso, e ir juncitar a sua espada ás invenciveis espadas da Ilha Terceira: o diser adeus para sempre á sua Lisboa era o menos; o mais e o tudo era o descobrir esta ousada resolução áquelle cuja mão lhe-estava já dada irrevogavelmente: soccorreu-se aos meos versos e em tão abençoada hora lh'os-fiz pára serem messageiros e desculpadores da má-nova, que apenas, depois de entregues e lidos, se-tornaram a avistar, foi ella a primeira, que, devorando varonilmente as angústias de ambos, falou d'aquella partida como de cousa necessaria e urgente, dos aprestos para ella, dos mutuos lenitivos que já para a ausencia tinha phantasiado, e emsím do praser de se-tornarem a abraçar em dias mais felises, para nunca mais se-apartarem. Esses versos, que, pelo fructo, poderiam merecer o nome de bons, perderam-se não sei como: em vão, como a outros muitos, os-procurei n'estas

excavações. A cantata, que ora offereço, foi escripta alguns dias depois, para a hora precisamente do apartamento.

Os meos leitores folgariam de conhecer este par: não tenho licença para nomear-lh' o; o chrisma poetico de Lilia encobre um nome muito illustre e muito digno de sua dona. O desertor, que na campanha da liberdade se-extremou por gentilezas de armas, quaes eu nos meos versos as-tinha propheticamente historiado, retrahido hoje do serviço militar, desfructa, convertidos em realidade, os sonhos do seo amor; e ambos juntos são felizes, pela felicidade e caricias de quatro filhos, todos gentis e esperançosos. Os laços, que os-uniam, não se-apertaram, que não podia ser, mas tornaram-se de flores: — agora caminham unanimes, e surrindo, para a velhice, que ainda está longe, sem temerem a morte nem a-desejarem.

CANTATA.

Ceos! ï não ouves a trombeta
Com que a augusta liberdade
Enche a equorea immensidão
De um rebate atroador?

Adeus, Lilia! eu não resisto
A tão nobre chamamento:
Já na vela ondeia o vento
Cáró á gloria, infesto a amor.

Com a nautica celeuma

Já vão surgindo as anchoras. Que instante!
Que amargo so deuet! Ah! se em teo peito
Ardia chamma equal; se, como eu sinto,
Crescel-a sentes n'este adeus funesto;

Se ardes qual me eu devóro.....

Eu te-lamento, oh Lilia, e não me chório.
Pulos ceos, por piedade, amado incanto,
Cála esses gritos, esses ais modéra;
Não firas este seio que inda ha-pouco
Me-juraste ser meo. Basta de pranto;
Voltarei, voltarei, amado incanto.

Olha, aprende a alegria

D'aquelle marinheiro que, assentado
Sobre a anchora que ergueu, ledo assovia:
Já disse adeus á terra; aos seos amores
Talvez tambem; mas sem fraquesa incara
As duas solidões, oceano e ausencia.

Sermos nós menos firmes

Fôra vergonha, oh Lilia. Ah! considera
Que eu não fujo de ti; se á gloria corro
A gloria, em recompensa, ha-de apertar-nos
Estes laços de amor. Nossas cadeias
Eram de rosas só; verás quaes ficam

Mais seguras em dobro:

Como as ramas do louro as-fortificam!

Para alcançar-te, oh Lilia,

Quaes os titulos meos? thesouros raros
Têm preço não vulgar; e a naturesa
Duas Lilias não fez. Deixa que eu vôle
Onde o meo braço, os meos rivaes espante,
E das armas lhes-mostre ao ferreo brilho

Que da patria de heroes fui digno filho,
 Que sou de Lilia não indigno amante.
 Crê-me: eu mesmo por ti cárar me-sinto,
 E estremecer de horror, quando esses braços,
 E esse peito me-apertam, quando beijas
 Esta bocca de escravo, que mal ousa
 Um ai sumido em quanto a patria morre.
 Sim, de teos pés arranco um vil escravo,
 Que atravez de um phantastico diadema
 Só vía em torno luctos;
 Mas em troca a teos pés, trarei, não tarde,
 Um soldado que a espada te-apresente,
 Forjada de grilhões, e accesa em sangue
 De despotas brutaes: por entre a palma
 Que espessa o c'roará, n'aquelle fronte
 Bella co'a negra côn dos marcios fogos,
 Bella co'as cicatrices,
 Conhecerás.... exclamarão teos olhos
 Primeiro do que a voz n'aquelle instante:
 « Parabens, patria minha, eis meo amante! »
 Ceos, ¡ nem mesmo este quadro
 Mitiga a tua dôr! Com mais vehemencia
 Me-apertas inda ao seio? em nova cópia
 Já me-inundas de lagrimas? Ah! Lilia,
 Eu sinto que a virtude me-vacilla.
 ¡ Que te-vou eu pedir.... mas firme pego!
 Do seio o amor aparta,
 Suspende o pranto, e dise-me que parta.
 Dise que amor primeiro
 Está que o mundo inteiro,
 Mas que a virtude e a pátria
 Primeiro estão que amor.

**Que cidadão se-nascê
Antes que a amar se-aprenda ;
Quê exiges por off'renda
A queda do oppressor.**

**Fraquesa, unica força de teo sexo ;
Graças aos ceos ! prohibe
Cristado capacete ás aureas tranças ;
Já que a victória que em teos olhos brilha
Mavordia c'rôa ás tuas mãos não péde ,
Não serás patriotica amazona :
Mas sê vestal da sancta liberdade ,
Nutre em meo coração seo fogo eterno ,
Nem permittas que amor nol-o profane :**

**Virgem, formosa, ingenua ,
Como as vestaes de Roma ,
A sua fé, seo nobre exemplo tóma .
Crê, velando esta chamma alta e divina ;
Vêr n'ella o dom maior do empyreo aos homens ;
Que a salvação do estado a-pede accesa ;
Que te-contempla o céo ; pensa em ti mesma !
Ou velal-a, ou morrer na dôr, no opprobrio ,
N'um sepulchro e co' a patria. ¡ E que ! suspiras ?
Bem ! triumpha a piedade !**

**Eis-te a vestal da sancta liberdade.
Lilia, outra vez, eu parto ; é vind'a a hora ,
Abraça-me, eu te-perco. ¡ Ouves os gritos
Que me-chamam da nau ? ¡ Voar não sentes
Em teos cabellos zephyro importuno ?**

**¡ Espera... Lilia... escuta !
O' céos, de tantas súpplicas, de tantas
Falas, ajustes, votos, mal guardados**

Para o funesto adeus , emvão procuro
 Na asanada memória algum vestigio.
 Fica , supporta a vida : a mão que aperto ,
 Não por ultima vez , de ca'sustente
 Meo brio , meo ardor , minha constancia.
 Em quanto os olhos meos verão só ondas ,
 Rochas , soldados , céo , dá que a miudo
 Cópia dos sons que agora me-captivam ,
 Tuas letras de amor , la vão gerar-me ,
 Como um celeste orvalho ,
 Na aridez da existencia algumas flores.
 Escreve-me que vives , que a tua alma
 Não mudou para mim : permitte ao pranto
 Apagar livremente o que escreveres.
 Meo coração , sem o menor estudo ,
 Saberá bem ler tudo ,
 Pranto , phrases , amor , patria , deveres .
 Se o fado me-surri , minhas respostas
 Serão sobre cadaveres escriptas
 De vís escravos co' o damnado sangue.
 Porque hemos de chorar ? o dia inteiro
 Me-verá sentinella , ou combatente
 Na praia , ou nos fragosos baluartes ;
 De noite um sonno breve , e Lilia em sonhos
 Me-enganarão a ausencia.
 Antes de adormecer , já reclinado
 Nas orvalhadas róchas ,
 Ante a lua prateando as vagas êrmas ,
 Cá virá meo espirito invisivel
 Ver-te , abraçar-te , ouvir-te ; ah , não duvides ,
 Em tudo , ó Lilia , mè-haverás presente .
 A luctuosa côr de teos vestidos

Vêl-a-hei, verei tranças desatadas
 Sem adorno adornadas.
 Os dedos distralidos
Verei correr no quérulo piano,
 Ora ensaiando penas,
 Ora em sumido som da glória os hymnos:
 Ouvir-te-hei, quando lendo, ou já Lucrecia,
 Ou Virginia, ou Cornelia, alimentares
 Em tua alma romana equaes virtudes.
 Pois que é meo, dirás tu, romano o-quero,
 Bruto, Virginio, ou Graccho.
 Sim, já te-escuto, e taes serão teos votos,
 Votos que hei-de cumprir, por Lilia o-juro!
 Pela patria, a rival que a Lilia vence,
 Por este não venal, sagrado ferro,
 E pelo rei dos reis que nos-fez livres!
 Já me-sinto no seio alvorotado
 Um não sei que divino; esta alma cresce
 Ante o aspecto do p'rido, alto preságio
 Do favor do destino: eu vejo as ondas
 Livres e furiosas
 Exultando, ao troar das nossas ballas,
 Jogando com despreço os lenhos rotos,
 Os mastros incendidos,
 E os infames cadaveres sem campa
 D'esses tigres estupidos, só tigres
 Com quem lhes-quebra os ferros.
 Vejo nas crespas fragas estalando
 Seos peitos desleaes, e a liberdade
 No penhascoso solio ensanguentado
 Cingir eterno louro,
 E apontar-nos o Téjo. Ai do Jugurtha

Quando, rasgada a púrpura, chorando
 Thesouros com que a fé comprar suppunha
 De senados crueis, desamparado
 De uma africana abjecta soldadesca,
 Do solio que usurpou, descer aos ferros
 Da triumphal carroça; e desditoso,
 Sein obter uma lagrima, e devido
 Víctima ao ceo e á terra, intrar raivando
 No carcere e em si mesmo.

Então, e só então, livres e ovantes,
 Acharei a ventura entre os teos braços:
 Não cabem com grilhões de amor os laços,
 Nos livres é virtude o ser amantes.

O hymeneo, cuja imagem deleitosa
 Nos-sorriu tanto e tanto, ba-de vir tempo
 Em que seja um dever, como hoje é crime.
 Por elle á naturesa pagaremos

O fôro universal; daremos, Lilia,
 A' patria cidadãos, em quanto agora,
 Só de pensal-o tremo, o bem mais doce,
 Outro eu, outra Lilia que pendesse
 Ao teo seio de mãe, seria de ambos
 Contínua reprehensão, contínuo susto.

Ir arrancar do nada, ir dar co' a vida
 Servidão, infortunio, opprobrio a entes
 Que devemos amar! Ah se é terrivel
 Matar seo filho ao limiar da vida,

Para uma alma sensivel
 Esse crime, a pat d'este, attrahe, convida.
 Deus! la troa o canhão: valor, constancia!
 E' sinal de partir! Ultimo beijo,
 Ultimo e paizo. Evita a preya; foge §

**Não me-exponhas á misera ventura
De ficar ao teo lado ;
Esquece o amante, e pensa no soldado.**

**Soffre a vida, ou volte ou morra :
Ver-me-has teo, se-tórno avante ;
Se morrer, soffre outro amante
Que nos-haja de vingar.**

**Póde amor, e não a patria
Dispensar na lealdade :
Mas se a amor só tens piedade
E' seo ultimo rogar.**

DEFENSA DE UM INCONSTANTE.

Advertencia.

Depois de um leal, veiu um inconstante procurar a minha musa para terceira, em seos amores: era apertado o caso; tinha sido coñhido em flagrante infidelidade mais de uma vez pela sua amada, e não havia modo para a convencer de que não tinha visto o que tinha visto: quando se não pôde negar o crime — diz Quintiliano — que não fica mais arbitrio ao patrono senão defender ou transferir a competencia do tribunal: — transferir a competencia do tribunal era impossivel, sem embargo de que a juisa era

a propria parte offendida : restava-me só o defender ; — defendí , como se-verá nos versos , com as melhores rasones de rábula , que me-accudiram . O êxito do meu arrasoado passou ainda muito para além da nossa expectativa ; as explicações justificativas , que eu dei de cada um dos crimes allegados e provados contra o meo cliente ; quadraram tanto á julgadora que não só absolveu o réo , mas passado um mez tinha irritado passo a passo o comportamento d'elle , e ido muito para diante .

CANÇONETA.

Desterra teos vãos ciumes ,
Festejo a quantas são bellas ;
Mas sempre a rainha d'ellas
E's tu, Armania cruel.

De teo semblante as lindesas
Adoro n'outros semblantes :
São meos passos inconstantes ,
E' meo coração fiel.

Não t'o-nego, com Armia
Falo ás veses em segredo ;
Não t'o-nego, este arvoredo
Viu-me com Lilia brincar :

Poréin com Lilia só brinco ,
Por ter nos brincos teos modos ;
De Armia os segredos todos
Os teos me-fazem lembrar.

Furtei, (confesso, e tu viste)
 Dous beijos, ou tres a Estélla;
 Gabavam-me os beijos d'ella,
 Quiz ver, se eram como os teos.

Toquei no seio de Tirse
 De rosa uns botões fechados;
 Tu és bella em teos enfados,
 Quiz ver, como era nos seos.

Se a Ismene pedi cabello,
 Foi só, por tambem ser louro;
 Fui rico do teo thesouro,
 Sem o-obter da tua mão.

Amo em Gertruria o teo riso;
 Amo os teos olhos em Jonia;
 Preso nas cartas de Aonia
 Tua escripta, é discripção.

Um só coração me-coube,
 E tu és a flor das bellas!
 Nem mesmo entre os braços d'ellas
 Te-fóra infiel jamais.

Por distracção tenho ás outras
 Vesés mil teo nome dado,
 E até hoje inda a teo lado
 Não tive enganos eguaes!

**Meo pensamento amoroso
E' qual Favonio entre as flores,
Que a mil susurrando amores,
Elege a rosa entre mil ;**

**Por todo um jardim vagueia,
Mas guarda a affeiçāo saudosa ;
Passa, e lembra-nos da rosa,
Da rosa ingenua, e gentil.**

**Quanto mais julgas, ingrata,
Perder a tua conquista,
Tanto mais se-augmenta a lista
Dos teos triumphos sem par.**

**{ De meu coração te-queixas
Serem sem conto as rainhas !
São escravas, que não tinhas,
Que vão teo carro puchar.**

**Dez Annalias te-abandono,
Jonias duas, seis Themires,
E apoz estas, quantas vires
De semblante encantador.**

**Armania, sobre aureas rodas,
Por tuas rivaes tirada,
Sóbe, de myrto c'roada,
Ao capitolio de amor !**

Lá, sobre as aras do nume,
 Jura um premio aos meos ardores.
 Quanto amará teos favores,
 Quem tanto os desdens te-amou!

Depois, soffre, que ame sempre
 Em teo sexo a todos grato,
 Os pedaços de um retrato,
 Que a naturesa quebrou,

A

JOÃO JORGE DE OLIVEIRA E LIMA.

Explicação.

O inverno, de que todos ainda estão lembrados, o fúrioso e pertinacissimo inverno de 1829, teve para mim quinze dias inteiramente formosissimos.

Tinha eu feito em Coimbra conhecimento, que logo se melhorou em amisade muito estreita, com o sr. João Jorge de Oliveira e Lima, conego de S. João Evangelista, e no collegio dos Loyos d'aquelle cidade lente, a esse tempo, de theologia moral. Era moço, versado nas boas-lettras, prendado com mil talentos para agradar, e franco liberal, como toda a sua familia, á excepção de seo tio, o afamado pregador no Porto, fr. José de Lima.

A attracção mutua, que sempre chega a reunir os con-

frades da mesma parcialidade política, e muito mais quando essa anda debaixo, foi a que primeiro me-deparou o bom encontro; o restante viéram a fasel-o no tracto, a benignidade da sua condição communicativa e o meu gôsto. A poucos dias andados, conheciamo-nos de toda a vida, e para toda à vida nos-amavamos.

Era por desembro: tinha eu de me-tornar para a residencia de S. Mamede da Castanheira do Vouga, meu abrigo serrano e silvestre, *mea regna* como pela sua choupana disia o pastor de Virgilio, meu paraíso n'esses annos tristes, e hoje minhas tristissimas saudades. S. Mamede, assentado nas faldas da serra do Caramulo, e apartado septe léguas de Coimbra, é convisinho da estrada, que de Coimbra leva ao Porto. Lá tinha por essa occasião de seoir o meu amigo; aproveitou o lanço para vir conhecer a silvestre magestade e naturaes formosuras do meu retiro. O temporat, com que já nos-pusemos a caminho e que por todo elle nos não largou, fomos achal-o na serra ainda mais indómito; cada regato era uma torrente; cada recôncavo uma lagôa; as árvores mais corpolentas vinham-se abaixo escachadas com o vento; as loisas e cólmos dos telhados aldeões descompunham-se e voavam; os gados curtiam fomes, os homens receios e terrores ácerca das futuras novidades. Era uma consternada estação: emendou-a deus depois, que esse condão tem, já ha muito tempo, esta sua máquina chamada natureza: os tristes prognósticos dos lavradores quasi sempre sahem baldos. Então porém era brava e feia a serrania: e que mais era preciso para ser deliciosa por dentro a casa com a amizade, a abundância, bons livros, um piano sofrível e uma fogueira de ceço e urzes, cercada todo o setão até á noite velha de flandeiras, histórias e cantigas? Assim se-nos escoaram como um sonho, quinze dias sem sol nem sauda-

des d'elle : então , quando a tempestade parou para recobrar forças e recomeçar assolações , o nosso hospede se-despediu , levando em troca do coração , que nos-deixava , os de todos nós , e seguiu jornada para sua casa , onde sei que os dias do incantamento da serra foram depois muitas veses recordados.

Logo que a tardia primavera voltou , e os caminhos se-foram deixando transitar , recebo , com um presente de vinho do duque , muito velho e muito generoso , uma carta do nosso amigo , amavel e graciosa como elle , e na qual me-enviava um beijo de cada uma de suas irmãs.

Se jamais houve caso para versos era-o este , quanto a mim. Quaes sahiram desambiciosos , por entre o florir das roseiras e limoeiros que vestiam a minha livraria , e que ainda lá estarão para outrem , taes os-mostro ao público : não servindo este preâmbulo para mais do que para lhes-carear indulgencia ; se já por ventura n'elle mesmo , que todo versa sobre cousas de minha vida íntima , não vai aggravio de culpa com culpa nova. Mas quem sabe (e sabem-n'o todos) o-quanto se-amam memórias , que já contam quinze annos , e divinisadas pela amisade , levar-me-ha á boa mente assim os versos como a prosa ; sobretudo sabendo , que este amigo , e o melhor de todos , que eu nunca tive , o pastor d'aquelle ermosinho de S. Mamede , o dono d'aquella residencia , meo irmão , já ambos fizeram a jornada , d'oncde se não torna , e me-esperam para onde infallivelmente havemos de ir.

CARTA.

S. Mamede da Castanheira
do Vouga, maio de 1829.

No fim dos insulsos meses
Das tão praguejadas chuvas,
Quando ja ninguem contava
Com mais pão, aseite, ou uvas;

Quando as terras eram calda,
E as casas montes de lama,
Nem os campónios sahiam
Do lume, nem eu da cama;

Quando ja todos resavam,
E um compadre me-disia
Que tractasse eu da minh'alma,
Que o mundo se-derretia;

De repente vira a grimpa,
Raia o sol, fervem festejos,
E do norte aqui nos-voam
Vento e musa, e vinho, e beijos.

Não foi mais o pasmo e o gôsto
Na face lisa e vermelha
De Noé, findo o diluvio,
Ao ver o arco da velha.

Qual do cavallo de Troya
 Se-começou a descer
 Longa fila de valentes,
 Que puseram tudo a arder,

Taes da prenhe enorme caixa ,
 Apenas se-abriu em casa ,
 Os bravos frascos sahindo
 Puzeram todos em brasa.

Quanto perdeste em não ver
 Este alvoroco geral !
 Ha muito tempo que tanto
 Se não ria em Portugal.

Dançavam velhos e moças ,
 Dançavam moços e velhas ;
 Um andava ás cumbalhotas ,
 Outro guiava as orelhas :

Muitos berravam saúdes ,
 A quem tanto bem mandou ,
 Um entoava o *Te Deum* ,
 E eu cantava o *Rei-chegou*.

Um capitão reformado ,
 Que na passada campanha
 Foi tambem provar á França....
 Do Bordeus e do Champanha ;

Que hoje digere á vontade ,
 Sem banda nem boldrié ,
 E que tem voto por quatro
 Em vinho verde e água-pé ,

Decidiu, que nas tabernas
 Francesas nem hispanolas
 Nunca um Baccho se-topara
 Que d'este chegasse ás solas.

O bom cura entusiasmado
 Lhe-disia = tem rasão ! =
 Vinho igual só o dos cachos
 Da Terra da Promissão.

Assim uns depois dos outros
 Foram louvando os teos frascos ,
 Quando o siso afogueado
 Introu a assentar nos cascos.

Eu tambem, que tinha ouvido ,
 Que todo o vinho criado
 Lá n'essas terras do norte
 Era vinho de enforcado,

De Orfeo desejei a lyra
 Para chamar taes carvalhos
 Para o logar d'estes nossos ,
 Que dam zurrapa e bogalhos.

Esse produsem delícias ,
 Praseres , versos , risadas ;
 Estes por cá geram moscas ,
 E moscas de chuço armadas.

Mas cuidas que eu , tendo a lyra
 De aureas cordas feiticeiras ,
 Me-contentava em roubar-te
 Os carvalhos e as videiras ?

¡E as meninas! cujos beijos
A tua carta me-traz!
Beijos mais fortes que o vinho,
Pois tiram o siso e a paz!

¡E tu mesmo! Sim, tu mesmo
Em guarda do côro lindo
Ou com vontade ou sem ella
Cá virias rebolindo.

Depois, para segurar-vos,
E evitar a deserção,
Traria ao som de sonatas
O que falta á solidão,

O Luxemburgo e Versailles,
Aureos theatros de França,
Os passeios de Cithera,
Modistas, jornaes de dansa,

Dez coxinheiros da Italia,
Leves carrinhos ingleses,
E o teo tio padre mestre,
Para teo debique ás veses.

Mas essa lyra perdeu-se
Como as varas de condão,
Não ha senão o teo vinho,
Quem me-enfeite a solidão.

E pois não posso obrigar-te,
Ao menos pedir-te posso,
Que não faltes á palavra,
E voltes ao êrmo nosso.

Vem ver amigos saudosos,
 Vem um desterro alegrar,
 Prova-nos ser digno filho
 Dos bons homens de Villar.

Quando o enlameado octubro,
 Terror dos collegiaes,
 Te-chame ao throno de pinto
 Das questões e das moraes,

Dá uma saltada aos montes;
 Vem vêr o urso poeta;
 Esquece uns dias que és loyo,
 Para ser anachoreta;

Mas não temas ver o mesmo,
 Que achaste da outra vez,
 Que agora cá estão as fadas
 De cabecinhas de pés:

Alcina e Armida creavam
 Uns Elysios de improviso;
 Estas alcinas de vidro
 Faseim d'isto um paraiso.

Faseim ver jardins nos matos,
 Andar as casas aos pulos,
 E dançar por esses ares
 Os bosques e os Caramulos.

Então, apesar da murça,
 E académico diploma,
 Renovaremos na Beira
 Os jogos floraes de Roma.

Se tudo isto não bastasse
 Para vencer a aversão,
 Que sem dúvida te-inspira
 Tão agreste solidão,

Dir-te-hia, que, pois quiseste
 Ser *meo padre director*,
 Não deves abandonar-me
 No meu aperto maior.

Trago escrúulos terríveis,
 Mas cuja causa tu déste,
 Ja co'a carta tentadora ;
 Ja co'o teo nectar celeste :

O nectar, bebo-o com gôsto,
 E gôsto particular;
 E creio que ha moralistas
 Que a isto chamaun peccar;

A carta, co' os negros beijos,
 Me-inspira soberba e mais....
 Emfim por ti tenho ao menos
 Dous dos peccados mortaes.

Sim; tenho soberba, e gula,
 Mas deus, que vê meos transportes ;
 Bem vê que se elles são grandes
 Tambem as rasões são fortes.

Vem pois, meu Lima, não tardés
 A acalmar-me a consciencia
 Co'os textos da irmã da minha ;
 A tua immortal sciencia. (1)

No entanto irei proseguindo
 Nas minhas iniquidades,
 Bebendo o duque, e adorando
 Desconhecidas deidades.

Com c'roa de parra e murta,
 Duplicado immolador,
 Irei matando o meu tempo
 Em honra de Baccho e Amor.

Mas, a propósito, amigo;
 Sabes tu que a minha sina
 Só me-dá ter dulcinéas,
 E é cousa que me-amofina!

Em quanto tu de osso e carne
 As-achas de todo o lote,
 Eu por aereas princesas
 Me-abraso, novo Quixote.

Ceos! d'estas novas senhoras,
 A quem dedico os meos ais,
 Nem sei os nomes, nem mesmo
 Se são duas, tres, ou mais.

Mas saíam quantas sahirem,
 Sou de todas cavalleiro,
 Coube-me o genio de Ovidio,
 Posso amar o mundo inteiro.

Mafoma é falso propheta,
 Mas conhece os corações;
 Viu que a ternura de um homem
 Pôde abranger multidões.

Se o que dava harem na terra
 E huris nos céos aos fieis
 Não fisesse em lombo e vinho
 Dous interdictos crueis;

Dobrado imperio por elle
 Ganhára o infernal careca;
 Mais peregrinos iriam
 Ver o tumulo da Méca.

Tu, mais benigno, dás vinho,
 Que faz a gente feliz,
 E concedes mesmo em vida
 Celestes beijos de huris.

Ora pois; nunca as mãos doam
 A quem faz tal uso d'ellas,
 D'hoje a um anno igual remessa,
 E igual mensagem das bellas.

NOTAS.

- (f) A sua, Theologia: a minha, Canones.

EPIGRAMMAS.

I.

Amigo, estou tão poeta,
Que em versos consumo o dia,
Tomára achar um remedio
Que me-curasse a mania.

Se queres gelar o estro
Isso está na tua mão,
Lê as odes do Filinto,
E os sonetos do Garção.

II.

Brevemente sahe á luz,
Obra de um genio distinto,
Uma versão portuguesa
D'opera omnia de Filinto.

III.

Amigo, tive esta noite
Negro, horrivel pesadelo;
Ainda ao lembrar-me d'elle
Se-me-arriopia o cabello.

Deus te-livre, e livre a todos
De sentir o que inda sinto:
Pois não sonhei que me-liam
Tres páginas do Filinto?

O SEO A SEO DONO.

Apostára eu que, entre os que houverem lido os decepados epigrammas, que ahi ficam, uns os-darão por desacato litterario, outros por documento de leviandade; visto como ja muitas veses, pela minha parte de portuguez, tenho dado tributo de agradecido louvor a *Filinto Elycio*. Ora como eu com todos me-quero bem, reléva que, em poucas palavras, lhes-dê satisfacção, e accuda por meu crédito; direi, antes de tudo, que não tenho, (nem invéjo aos que a-têm) presumpçao de immutavel nos juisos; — se de alguma cousa se-houvesse ella de ter, seria antes, quanto a mim, de possuir um ânimo flexivel, prestes sempre para receber e pesar as alheias rasões, e sempre disposto a, por ellas, ora rectificar ora ratificar as suas.

Não conheço auctor, dos que, em diferentes e apartados prasos de minha vida, tenho relido, que me não parecesse de cada vez mais ou menos diverso; e isto, que me-tem acontecido, não sou hoje tão vaidoso, que me-persuada que nunca mais me-haverá de acontecer.

Quando estes chascos trovei, não se-me-figurava o cabdal de *Filinto*, senão uma especie de cáhos, intermeado de algumas particulas luminosas: nenhuma verdadeira creaçao, affectos poucos e tibios; pensamentos vulgares ou falsos; gôsto bastardo ou muito incerto; saber insufficiente; estylo inculto, desegual; linguagem de

furta-côres , escura , affectada , dissaborosa , inadmissivel.

E esta derradeira clausula do meu arbitrio , a tocante á linguagem, foi a que eu expressei, haverá vinte annos, nos epigrammas , que por nenhuma outra rasão estampei agora senão para , pública e solemnemente , os-renegar diante de quem quer que os-houvesse conhecido ; porque, revocados ao meu tribunal, *Filinto* e eu , para se-examinar a sentença ja dada sobre a linguagem , achei que devia elle de sahir absolto e glorioso , e eu condemnado nas cuestas , que assim lhe-estou pagando com a minha vergonha.

Os senões , que eu vi , e muitos verão ainda na linguagem de *Filinto* , não eram d'ella: nem eram , pareciam-n'o ; — e pareciam-n'o porque se-olhavam de má parte , com máos olhos. *Filinto* é intelligivel , mas não são , nem querem ser, intelligentes os que o-lêm. Atiramos para elle o peccado que é nosso ; — é achaque 'velho no mundo , já se não cura. Mas a verdade é que, só por só , nenhum escriptor de nossa lingua fez por ella tão momentosos serviços ; nem talvez todos juntos contribuiram mais para a-salvar nos affrontosos transes em que a França de nossos dias a-traz mettida.

Foi elle o primeiro que levantou voz pelo seo Portugal ; elle o alferes que arvorou o estandarte ; elle o capitão , e por muito tempo elle tambem e só elle , todo o pé de exército d'esta sagrada reconquista.

Demasiou-se , disem os hypercríticos e disse-o eu ja ; demasiou-se no uso das antigualhas — ; Que muito ! o excesso dos francelhos desafiou o seo de portuguez de lei : esta defensa lhe-bastára , mas tem outras. Para nos-envergonhar de mendigarmos em nome de uma lingua rica a outras menos ricas , cabia e importava mostrar , mas que fôsse com alardo , até que ponto ella o-era ; a cada

vocabulo enxacôco ou phrase chilra , substituir , ás du-sias , vocabulos e phrases equivalentes , deitados para a banda pela incuria desleixada ou pela moda ; e , a poder de perseverança , fasel-os conhecidos e intendidos : conseguido o que , certo ficava o tornarem para logo á cir-culação , como veiu a acontecer . — Que de mumias do diccionario não andam ahi hoje , redivivas , lustrosas de se-gunda mocidade , mettidas em boa roda , e em toda a parte bem-vindas e bem aceitas ! Os proprios tarelos , que chasquearam o desinterrador , e houveram a riso o seo empenho , galanteiam-n'as hoje ; e com duas ou tres d'ellas , que chegam a empregar , ja se-dão por mui primos e ca-baes na patria fala : e assim vai pouco a pouco . por en-tre o escarcéo e vagalhão da imprensa tradusideira , nave-gando por seo rumo , sem descahir muito ; a vernaculi-dade , que algum dia nos-será restituída , com toda a pos-sivel opulencia antiga , e com os havres novos que as necessidades lhe-hão trasido e lhe-hão-de ainda traser comsigo .

Tudo isto a *Filinto* se-deve originariamente ; o que , juncto com a recreação e desinfadamento , que de sua le-i-tura recebemos , ja desconta davantagem a tal ou qual escuridão em que os ignorantes ou superficiaes vão , a princípio , tropeçando a cada página .

— * —

AO

USURPADOR EX-INFANTE

Miguel Maria do Patrocinio,

NA SUA SAIDA DE PORTUGAL.

• *Advertencia.*

O elequente oraculo dos estoicos, Seneca dá (se a ponto me-accorde a memória, no seo livro da *Ira*), uma peregrina receita para nos-precavermos contra os accessos da cólera; receita, que depois o Metastasio acconselhou á sua Chloris, sem lhe-diser cuja era. O bom do Metastasio, sendo tão abastado, cahia muitas veses n'isso, — furtava sem se-sentir : —

Placati, o pastorella ;
 Ritorna a farti bella. Ah non sai come
 Ti sfigura quell'ira. A me nol credi ?
 Specchiati in questa fonte. E ver ? T'inganne ?
 Riconoscer ti puoi ? Quel fosco ciglio ,
 Quella rugosa fronte
 Quell' aria di fierezza.
 Non scema per metá la tua bellezza ?

O peior é , que nenhum enraivecido tem lembrança , paciencia , nem tempo , para se-pór a estudar , no espelho de Seneca ou na fonte de Metastasio , a fealdade , com que a paixão lhe-transtorna o semblante . Se a água e o crystal conservassem aquelle aspecto para o-mostrarem a seo dono , depois de parado o delirio ! mas esquecem-n'o com a mesma pressa , com que um lisongeiro se-transfórmava .

De um só espelho sei eu , que se uma vez se-embebeu da phisionomia de um homem em qualquer lance , nunca mais a-demitte : este espelho é a imprensa . Espelho abençoad o e maldicto ao mesmo tempo ; que não só nos mostra a nós , mas nos-assoalha aos outros ; que nos não retrata uma vez , senão milhares de veses ; que não ressurte o retrato só para o perto , mas para todo o mundo e para todos os tempos — ; Cuidado ! cuidado com elle ! os que ainda lhe não chegastes ao pé ! — estudae-vos , fai-sei-vos bellos e amaveis antes de a elle vos-apresentardes ; que vos não descubra , nem por sombras quaes depois vos-pesaria de terdes sido . — Falo-vos , como amigo e experimentado ; e experimentado por muitas veses ; que daria eu hoje muito por quebrar não pequenos pedaços d'este meo espelho , que me-segue e ha-de seguir sempre ; como um trasgo escarneador , contra o qual não valem esconjuros nem águas bentas . Aleijões poeticos , aleijões philosophicos , aleijões moráes , aleijões politicos , tudo , este maligno daguerreó-typo da alma reteve para m'o-andar mettendo á cara , nas horas (que , sem elle , seriam de ouro) em que diante de mim me-assento a conversar-mos sem testimonhas . Dos aleijões litterarios e poeticos me-rio eu , que tenho a vaidade de a não ter em cousas taes . Dos politicos também me-rirei , que ja vi muita politica , e ja sei pouco mais ou menos o como as

cousas correm n'aquelle jôgo de brincadeira; mas dos moraes e dos philosophicos..... ; não pôde ser ! já li Jorge Sand e não aprendi a rir d'elles.— ; E são muitos, de mais a mais ! Bem sei que não corro grande perigo, de ser apedrejado, que mal haveria quem atirasse a primeira pedra ;— mas emsím isso não faz nada ; elles sempre la estão, e por mais que eu arréde os olhos, bem os-enxέrgo. ; Pois que estejam e que fiquem nas más horas ! Ao menos, hei-de vingar-me bem vingado, em lhes-dar váias á falta de *vade retro*, todas as veses que me-surgirem.

Tinham rasão Seneca e Metastasio. O espelho do homem infurecido representa uma hedionda figura, só bela para estudos moraes.

N'esta epístola a D. Miguel, vejo retratada uma héra diabolica, não do meu coração, que nunca esse (com a mão sobre a consciencia o-digo,) quiz mal devéras a ninguem, mas do meu espirito, *genus irriabile*. D. Miguel acabava de cahir do throno : devéra de ter sido esse o dia da indulgencia plenaria : o raio, que derrete um sceptro dentro na dextra, que, havia annos, o-apertava, e uma corda sobre uma cabeça, que nunca pensou em perdel-a, e que fica viva, é um tão espantoso executor da divina justiça, que, depois d'elle, ja aos odios humanos não deve ficar mais nada que faser : mas os dous principes cahidos, o de Portugal e o de Hispanha, D. Miguel, e D. Carlos, cría-se então que a Inglaterra os-levantava do pó, encastoados em ouro e brilhantes, para os-levar e guardal-os no seo peito, como dous punhaes de reserva e de boa témpera. Infortunies longos nos-haviam feito desconsolados: accreditámos n'isso; bramiu-se; houve até, e muito, quem blasphemasse da generosidade do vencedor, que no seo festim se não embriagava com o sangue

do vencido. Eu atirei imprecações contra a pôppa , que levava das nossas prayas um dêsgraçado para um destérro de toda a vida. A minha desculpa , ante mim , é só esta,—que n'essa hora ainda as cabeças dos padecentes se não tinham começado a desfigurar no patibulo : ainda grande parte de minha familia andava foragida : ainda do campo da batalha se não tinham atirado os ultimos cada-veres para a valla, e os ultimos centenares de feridos para os hospitaes de sangue.

Não sãõ desculpas , são simplesmente explicações.

Se um povo fosse como um pobre auctor ; se elle podesse mirar tambem n'um espelho o seo immenso vulto , e pr  secear , depois de reserenado , a figura que representou no seo delirio ; o entusiasmo , com que espesi-nhei o cabido , com o exemplo de um povo se-poderia auctorisar.

Estes versos , dardejados todos n'uma noite , e , por-que assim o-digamos , de um jacto , e logo impressos , fo-ram tres veses reimpressos no decurso de onze dias.

EPISTOLA.

Promisi ultiorem ; et verbis odia aspera movi.

Virg. En. L. 2.

Em hora má do pôrto desaferres ,
O' principe das trevas , cujo nome

E' do bardo fiel defeso á lyra.
 Em ires vezes má hora a prâa infanda
 Commetta o mar co'as furias por nereidas,
 Por galerno os tufões, e ao leme.... a parca.
 Possa a brisa da terra aos teos ouvidos
 Só levar ais dos teos, e vivas nossos !
 Possas tu não sentir nas ásas d'ellas
 Mais que orvalho de lagrimas, que nutra
 Na aridez de tua alma agros abrolhos.

Vomitára-te o oceano em nossas prayas,
 Monstro devorador; leve-te o oceano.
 Cumpriste o encargo teo; jaz nua a terra,
 Sangue os rios, ruinas as cidades.

O' mar, a cujas brenhas o ímpio affoita
 A vida, n'este sólo mal segura ;
 O' mar, que em tua infancia devoraste,
 Pór criminosa, a geração dos homens ;
 Que profundo, que indomito, que immenso,
 E's emblema e pregão de liberdade,
 Estampaço por deus na face do orbe,
 Ahi tens o usurpador e o parricida,
 O réo mais negro, o mais feroz tyranno....
 ¡ Que farás d'elle ? E se astros vingadores
 Te-vedam subvertel-o ao céo que infama ,
 ¡ Onde irás tu depol-o ? ¡ Em que rochedos
 De listrigões ou cyclopes ? em que antros
 De ursos ou de dragões, seos dignos socios ?
 Antro ou rocha haverá que não se-afundem
 ¡ Se a praguejada quilha ousar tocar-lhes ?
 No Atlantico, e bem longe, entre douis mundos
 Lá estão de Sancta Helena eternas rochas,
 Onde do grão proscripto inda hoje os manes

Mixturañ seo gemer aos sons das vagas.....

Não : — das vagas rainha abominosa ,

Refalsada Albion , alli sepulta

Da omnipotencia o filho , o novo Atlante

Sustedor do universo ; alli concentra

N'um ponto só toda a grandesa humana ;

Mas quer , nos muros seos , que chama livres ,

Agasalhar os despotas do mundo ,

Sacudidos do solio horrorisado !

Lysia te-arroja do rasgado seio ,

C'roado , imberbe algoz ; mas (não desmaies) ;

Vais opulento ; Albion , a prostituta ,

A prostituta vil , te-alonga os braços , (1)

¡ Que mendigo quisera esses thesouros

Co' um' hora d'essa vida ; ou que alma inglesa ,

Inglesa mesmo , acceitaria o pacto !

Vellarás entre cofres , que atulhaste

De lagriñas e sangue ; em montes de ouro

Revolverás teos sômnios transparentes ;

Pernoitarás armado ; a cada instante

Ullularás no horror das trevas mudas ,

Vendo espectros de velhos , de meninos ,

De mulheres , de heroes , e a régia sombra

Do piedoso , em quem pae não conheceste .

« ¡ Nós te-esperamos » clamarão feroses ,

« Nós te-esperamos lá ! Viver na história

« Foi teo desejo , e viverás : mas caro

« Te-ha-de custar ; que a eternidade existe .

« Se hypocrita o não creste , aprende-o ; pas ma ! , ,

Assim dirão partindo ; e tu convulso

E accordando ao tremor das proprias armas ,

Saltando em terra bradarás » ¡ socorro ! , ,

**Porém debil, como homem que ha fugido
Mãos de mortos, e traz inda no rosto
A pallidez, reflexo do outro mundo.**

Melhor que a noite não será teo dia.
Se as proprias tuas victimas soubessem...
Davam-te inda uma lagrima. Opprimido
Do ferreo céo do inglez; a vista ao largo,
Por sobre o equóreo immenso, em vão buscando...
Não patria; que a não tens: — não ja parentes;
Que os-proscreveste: — amigos não; que amigos
Só a virtude os-conta; — mas escravos,
Mas pompas, mas poder, e o ar e o solo
E a primavera d'estes campos lusos; —
Não vendo mais que aspectos orgulhosos,
Mofadores talvez; não mais ouvindo
Venal lisonja deificar o opprobrio,
Mas sons de lingua barbara, que ignaro
Julgarás sempre execrações e insultos; —
Fugindo ás multidões, onde olhos lynces
Te-estudarão na face arcana da alma; —
Não parando nos ermos inacessos
Com medo ao luso ferro; — ousando apenas
Beber do rio as águas fugitivas,
Comer dos fructos da árvore colhidos
Por tha propria māo.... i'que vil mendigo,
Que alma inglesa invejára essa fortuna?
Invocarás em teo delirio a morte:
E a morte, que alistaste em teo serviço,
Virá emfim, virá. Tua alma sólta,
Mas avergada de flagícos negros,
i'nde se-irá perdida? O livro grande
No dia da trombeta pavorosa

Responderá, se humanos o não ousam.
 Mas teos ossos na terra, e sob a lagea
 Dormirão sonno máo ; teo nome inscripto
 Não pedirá suffragio ao passageiro:
 Teos frígidos bretões, em teo sepulchro
 Não plantarão cypreste, a cuja sombra,
 Tremulada do vento, errem teos manes :
 Não, que ja não terás com que pagar-lh'o.
 Perigrino, cançado do caminho,
 Nunca irá, pôsto o sol, tomar descânço
 N'essa pedra infamada : e se algum' hora
 Passo ou voz te-quebrar mudez profunda,
 Não será de philósopho ou de amançé,
 Que entre urnas vão scismar e intristecer-se ;
 Serão festins e canticos de lusos,
 Serão danças, de rosas coroadas
 Dos filhos de teos martyres. — Vae, monstro :
 Sólta a véla, ergue as anchoras, restruge
 Com o canhão derradeiro a praya livre ;
 Desaparece. ¡ E prestes no horisonte
 Se-te-abysmem, co'a vista d'estes cumes,
 As illusões e as últimas esp'râncias !
 Ah ! quaes vão ser teos longos pensamentos
 Debruçado da tremula amurada
 Sobre a rôta, fugaz, sonora espuma ?
 ¡ Quem o-sabe ! A poesia, pois que empresta
 A penhascos sentir, idioma aos brutos,
 Ouse pôr em tua alma intendimento :
 " ¡ Assim nascestes, minhas glórias leves,
 " E assim passastes ! Hontem rodeado
 " De vassallos sem número, de lâncias,
 " Que á minha voz corriam rebanhadas

« Como ceara ao vento ; e hoje ludíbrio
 « Dos esquadões horrísonos das vagas !
 « ¡ Eu, cuja mão cruenta era' osculada
 « De um povo altivo ; eu, cujo olhar fulmíneo
 « Infundia o terror, vejo ora inulto
 « Surrir-me ao lado o nauta, o passageiro
 « Olhar-me face a face, e o sentinelha
 « Voltar-me impune a espalda insultuosa !
 « ¡ Tudo me-abandonou, qual névoa errante,
 « Se a-fere o sol do estio, o sol do Tejo ,
 « Que eu nunca mais verei ! ¡ Eu trahi tudo,
 « E tudo me-trahiu ! — ¡ De braços tantos....
 « Não tive um, que fiel me-assassinasse !
 « ¡ E eu, eu porque o não fiz !... Perdendo tudo
 « ¡ Não me-restava um ferro ? ¡ eu não podéra
 « Com formoso morrer lustrar meos crimes ?
 « ¡ Tanto hábito de morte, uso tão longo
 « De beber sangue, prometteram nunca
 « Tão cobárde vilesa ? ¡ Oh ! que é terrível
 « Como porta de averno a sepultura !
 « Eram , e são comigo os meos remorsos ;
 « Elles sós contra si detêm meo pulso :
 « ¡ Se eu cuidára co'a vida anniquilal-os ,
 « Lançára-me ao profundo ! — ! Ai ! que não haja
 « Em roda d'este mar , nas raias do orbe ,
 « Refúgio, onde ao remorso um réo se-esconda !
 « ¡ Longe, longe, pesares importunos !
 « Reinei, máo grado ao céo, máo grado aos homens .
 « Meo carro triumphal deixou vestigios
 « Fundos em mais de um seculo. ¡ Fui grande !
 « De almas plebêas o remorso é filho.
 « Para o perder de todo, ¡ oh ! se eu podesse ;

„ Novamente perjuro , intrar em Lysia ;
 „ Colher meos vencedores generosos ,
 „ E punil-os de o-ser ; cingir meo throno
 „ De um inuro de cadaveres ! ... Deixada
 „ Da religião a máscara ja rôta ,
 „ Requintára em feroz , seinda é possivel .
 „ De horrores , que espalhei , não me-arrependo :
 „ Desespera-me , sim , que esses horrores
 „ Firmassem mais a odiosa liberdade :
 „ Era tenue scentelha ; eu , vento adverso ,
 „ A-fiz incendio , que devora tudo . ”

Taes sejam teos verdugos devaneios
 Por solidões do mar , enquanto os lusos
 Restaurâmos , em paz esperançosa ,
 Terra de nossos paes , desaffrontada .
 Não bastarão á fama as cem trombetas
 Para te-irem ralar de dia em dia
 Co'os bens que dadivoso o céo nos-chova ;
 E co'as glórias dos teos dobrar teos luctos .
 Mas luctos , mas remorsos ; que te-importam ,
 Se do mal contra o mal tens feito escudo ;
 E do que um vicio döe te-curam vicios !
 Socios de corrupção jamais falecem ;
 Com elles dissipando idéas torvas ,
 Restaura , alonga , perpetúa as órgias .
 Afoga na ampla taça o último raio
 Da cadente rasão ; persegue as feras ,
 Menos feras que tu ; no circo usado
 Vae bravesa ensinar ao touro horrivel ;
 E , cançado de insânia , adormecer-te
 Nos braços de uma Aspásia , ou Láis ou Phryne .
 Teos primeiros recursos foram estes ,

Estes serão teos ultimos recursos.

¡ Que seria de nós, se em tua fronte
 Durasse até ás cás essa usurpada
 C'rôa, cahida enfim ! ¡ Que pouparias,
 Affeito ao sangue, tu, que para jôgo
 O-derramavas na viçosa quadra,
 Quando a alma naturesa é meiga em todos;
 N'essa edade, em que Nero inda era pio ?
 Mas amor os leões e os tigres dónia,
 E para ti amor não tinha um laço.
 ¡ A tua raça (¡ parabens ao mundo !)
 Raça de monstro, acabará comtigo !
 Graças aos outros despotas, não houve
 Princesa, que por vítima arrastasses
 A's aras de hymeneo. Falhou nos ímpios
 D'esta vez a politica : ¡ sóbre ella
 Uma vez triumphaste, ó naturesa !
 Nenhum quiz o labéo de haver-te filho,
 Nenhum d'esses, que amavam nossos ferros,
 E que apenas o som da queda tua
 Lhes-echoar nas abóbadas douradas,
 Têm de chorar amargo entre blasphemias.
 Mas elles que estremeçam, chorem, rujam,
 Mordam-se; ja ninguem lhes-teme as iras.
 Mais sancta convenção reune os povos,
 E metade dos reis tem parte n'ella.
 Dos outros o poder velle os seos servos ;
 Fará muito : da edade o dente occulto
 Os thronos carcomeo, ja não é raro
 Que dos crimes o peso allúa os thronos.
 Não foi para applacar da ursa os filhos,
 Inimigos da luz, que em Lysia houveste,

O' barbaro, perdão, thesouros, fuga.
 Sequioso o cadasfalso te-pedia;
 Mas foi lei do Senhor na infancia do homem;
Não matarás Caim. — Deram-te a vida
 Porque inchentes de sangue generoso
 Co'um pouco sangue vil se não remiam;
 Deram-l'a, porque longo te-consumam
 As venturas de Lysia, e gotta a gotta
 Pelos ouvidos vás bebendo a morte;
 Deram-l'a enfim, porque a ninguem dás sustos,
 Mas compaixão e horror: embora abrindo
 Teos avarentos cofres, alugasses
 As voses, o sénado, as náus, e as tropas
 Da que ao turbante e á cruz serviu na Grecia:
 Foste nimio cruel, não nos-dás sustos.

¡E ousar d'esses bretões o bardo altivo
 (¡Maldicções á injustiça até do genio!)
 Ousar chamar ao lusitano — *Escravo,*
E dos escravos o infimo — quando elles,
 Mais que ninguem, nos ferros nos-retinham!
 ¡Quando nos pactos improbos da força
 O luso sangue, a lusa liberdade
 Era por elles sotoposta ao ouro!
 ¡Fomos servos, mas servos insoffridos;
 Servos sempre em murmúrio, e odiando-os sempre;
 Servos, que dos grilhões fisemos armas,
 E te-affrontámos, despota, e vencemos,
 E somos livres, e o-seremos sempre,
 A despeito de ti, de Albion, do mundo!
 ¡Vae! São dignos de ti, e és digno d'elles!

NOTA.

(1) Justiça a todos. Aos ingleses honrados a nossa gratidão.

A

UM AMIGO MEO

No dia dos seos annos.

A ti, que em tão férrea edade
 Lembrar fases aureos dias,
 E que inda em tempos melhores
 Citado exemplo serias:

Que, se obscuro não vivesses,
 Fiseras crer aos mortaes
 Nos idyllos do meo Gessner,
 Nos tempos patriarchaes:

Homem bom, não por virtude,
 Mas por indole e condão,
 Bom, como as rôlas são meigas,
 E as rosas fragrantes são:

Tu, que em nossa terra és livre,
 E feliz em nossa edade,
 Porque tens dentro em ti mesmo
 A ventura e a liberdade;

Porque na espôsa e na prole
 O teo mundosinho abraças,
 E albergas em manso asylo
 O talento, o amor, e as graças:

Permitte que o vate amigo,
 Co' a lyra dada á virtude,
 Os teos festivos penates
 N'este alvo dia saúde.

Entre, bem-vinda, em teos lares
 Musa, que, estranha á mentira,
 Nunca deu rosas no inverno
 Ao natal de uma Belmira;

Nem, por faser salla aos grandes,
 Em seos escusados annos,
 Lidou por furtar ao tempo
 A foice dos desenganos.

De flores sem mel, nem cheiro,
 Que não vivem mais que um dia,
 Para assentar-se ao teo fôgo
 Não se-ha-de ornar a poesia.

Tal como a-présas, a-devo;
 Qual a-devo, a-dá meo peito;
 A's musas, que tens em casa,
 Seja o pobre canto acceito.

; Como a tua festa eu amo
 Toda de amor e alegria,
 Sem galas, nem luminarias,
 Nem salvas d'artilheria!

Com repiques e foguetes
 Não se-alvorota a cidade;
 São os annos da ventura;
 Não são os da magestade.

São puros contentamentos
A quem praz a solidão ;
Porque não é pelo estrondo
Que logram ser o que são.

Como flores preciosas
Em sêcca estufa incerradas ,
Seguras de estranhos ares ,
Desabrocham perfumadas ;

No doméstico retiro ,
Só vistos do céo que os ama ,
Florindo estão mansamente
Para si , não para a fama .

Nenhuns jornaes faladores
Dirão gostos que aqui ha ;
A festa , que eu presenceio ,
Nenhuma história a-dirá .

Mas podesse a musa minha
Pintal-a muito em segredo
Aos raros que de ser homens
Não se-correm , nem têm medo .

Leve a história os seos monarchas ;
Eu lhe-diria : « Sabei
« Que hoje n'este imperiosinho
« Se-festeja outro bom rei ;

« Não rei , que á herança ou conquista
« Devesse os titulos seos ,
« Mas rei pela naturesa ,
« Mas rei que reina por deus .

“ Rei, como foram por certo
 “ Os primeiros das nações,
 “ Por cartas tendo a bondade,
 “ O amor por constituições.

“ Rei, cuja ausencia é saudade,
 “ Cuja presença alegria;
 “ Rei, cuja lei é o exemplo,
 “ Cuja fôrça a sympathia.”

Eis o que todo o seo povo
 Cá n'estas horas douradas
 Festeja, como o-festejam
 Os córos das boas fadas;

As quaes, tecendo invisiveis
 Dançares de boa estrea,
 Formosa vida lhe-cantam
 Co' a bocca de risos cheia:

“ Meio século te-démos,
 “ Meio século nos-déste;
 “ E nem de longe inda vemos
 “ O cume de teo cypreste.

“ Outra metade nos-deves,
 “ E nós tambem t'a-devemos:
 “ Dormi, parcas! parai, fusos!
 “ Este é nosso: Irmãs, cantemos!

“ Cantemos, irmãs, as bençãos
 “ Das eras patriarchaes:
 “ Meio século é volvido;
 “ Dêmos-lhe outro tanto, e mais.

“ Vida levada entre amores,
 “ Cultivada na bondade,
 “ Se homens podessem ser numes,
 “ Duraria a eternidade. ” —

Até aqui julgo escutar-lhes
 A suavissima canção:
 Ai! quem lhes-ouvíra o resto,
 O melhor da predicção!

Se um vate pôde mover-vos,
 O' vós, fadas carinhas,
 Eu vo-l'o peço, entoae-lhè
 Um porvir todo d' rosas.

Como dos gêlos do norte,
 Apoz longa' ausencia crua,
 De novo o-restituistes
 Ao bom céo da patria sua,

Do labyrintho espinhoso
 Dos negocios e árdua lida,
 Onde a públicos ingratos
 Inmola o descânço e a vida,

Por vossa mão (se é preciso
 Um prodigo, amigas fadas)
 Transportae-o sólto e alegre
 Para as rústicas moradas.

Ellas lhe-têm os desejos,
 Todo o seo amor é d'ellas:
 Desterrae-o para os frescos
 Viçosos campos de Bellas.

Pois que o-merece, alli gose
 Da familia entre a ternura,
 Os quadros da naturesa,
 As delícias da leitura,

O incanto das bellas-artes,
 Praseres do tracto agreste,
 E ja na vida do mundo
 Ante-gostos da celeste.

La, por entre árvores suas,
 E de aves suas saudada,
 Veses sem conto esta aurora
 Lhe-renasca afortunada.

Veses sem conto o-c'roemos
 A' sua mesa natal,
 De quanta flor esquecida
 Nos-deixa a quadra invernal..

E porque nada lhe-falte
 A seos táticos desejos,
 Enquanto as cãs lhe-sorriem
 Sob'as grinaldas e os beijos,

Pascoer-se-ha sua alma em versos
 Pelo meó amor dictados,
 Escriptos por sua filha,
 Por seos netos recitados.

EU,

ANTÃO VERISSIMO, E A MÓSCA.

Parábola.

Eu tive um condiscípulo amantissimo,
Que era um sancto rapaz, e nada cábulas,
Transmontano, por nome Antão Verissimo,
E, como eu, estudava para rábula.
Tinha por vil a herdada vida agrícola,
E rindo-se assignava na matrícula.

Sapato engraxadinho, e meia fina
Substituíu á tamanca costumada;
A' vesteia de burel capa e batina,
Gorro ao grosso chapéo, Paschoaes á enxada,
A senhoria ao tu, á broa o trigo....
E um viver novo ao seo viver antigo.

Se o hábito per si fisesse o monge
Sem precisar disposições internas,
Se para um côxo em pouco tempo ir longe
Lhe-bastasse o cuidar que tinha pernas,
Sem dúvida seria Antão Verissimo
Estudante, e estudante chapadissimo.

Como lavrando desbancava a mil,
Suppos, que estudar leis e cegar herva
Seria o mesmo, não sabendo o nil
Invita dices, faciesve Minerva,
E um canon do Genuense (que diz muito!)
— Não tentes o que excede o teo bestunto.—

Os termos de Paschoal e Cavallario

Gastava a procurar o dia inteiro
No martyr descosido diccionario ;
E á noite decorava ao candieiro.
Ir á aula, almoçar, jantar, cear
Só tinha vago; o mais era estudar.

Disem, que quem porfia mata caça;
Julgo proverbio de cabeça tosca.
Vamos á história: Um dia na vidraça
Viu o nosso doctor asuada mósca
Esvoaçar, zunir, andar marrando,
Passagem pelo vidro procurando.

Poz de parte um momento a lei mental,
E co'os olhos no insecto, exclama assim :
„; Oh que teimoso e estúpido animal !
„; Embora teimes, teimarás sem fim :
„; Por entre ti e o sol não vês que está
„; Um vidro, que passagem te não dá ?

„; Segue o exemplo das más, que andam com gôsto
„; A dançar sobre aquelle assucareiro ;
„; Do amigo que alli dorme chucha o rosto ,
„; Depois esmôe a andar no travesseiro . „;
Eu, que dormir fingia, e não dormia ,
Da tal offerta em trôco assim disia :

„; Déste á mosca um conselho prudentissimo ;
„; Tão bons os-dês tu sempre em sendo râbula !
„; Mas és qual frei Thomaz, Antão Verissimo ,
„; Ou como o homem da tranca na parábola.
„; Dez vidros furaria esse animal
„; Antes que intendas uma lei mental.

„ Entre ti e a sciencia ha vidros baços;
 „ Nem tu, nem cem de ti os-romperiam:
 „ Vende o candieiro, a loba, e os calhamagoes,
 „ Torna-te ás terras que batatas criam.
 „ E' melhor ser um farto lavrador
 „ Do que um mirrado e estúpido doctor.

„ Manda ao inferno os livros sybillinos,
 „ Vem para a cama conversar comigo:
 „ De Horacio eu falarei, tu de pepinos,
 „ Depois eu de Virgilio, e tu de trigo.
 „ Tire das leis com que dar uso aos queixos
 „ Quem pôde; e cada qual gyre em seos eixos.“

N'esta fábula histórica se-intíma
 O que ninguem ignora, e não se-observa:
 A tal sentença velha, obra mui prima
 Do=*nada faças, se o não quer Minerva.*=
 Isto é; que um génio, que nasceu de encôlhas
 Não vá metter-se a redactor de folhas;

Que um mestre sapateiro, afreguesado,
 Não vá ser na tragedia actor primeiro,
 Que em transportes de príncipe ultrajado
 Ralhará como mestre sapateiro;
 Quem nasceu para chufas e chalaça
 Nem epopéas, nem tragedias faça;

Que aquelle que nasceu para ladrão,
 Seja ladrão de estrada, e não juiz,
 Procurador, letrado ou escrivão;
 Que um bode se não metta a ser derviz,
 Nem um burro a académico; nem... nem....
 Exemplos d'isto número não têm.

Foi uma bella festa a do anniversario de sua magestade a rainha em 1834. Por toda a parte se-patenteava espontanea, verdadeira, estrondosa, a publica alegria. Era um immenso ramalhete de esperanças em botão, que são sempre as melhores. Muitas não chegáram a abrir; muitas das que abríram, murcháram logo; mas ainda então se não previa nada.

D'entre os innumeraveis festejos de tal dia e noite, nenhum, cuido eu, sobre-levaria ao baile, dado a SS. MM. no arsenal do exército pelo inspector, que então era, o sr. Leão. Fôramos convidados, meo irmão, Augusto Frederico de Castilho e eu, para recitarmos, na presença das augustas personagens, a rainha, o imperador e a imperatriz, algumas breves poesias accommodadas ao tempo e ao logar, que em verdade era inspirador. As sallas brilhavam ornadas todas de trophéos de armas. Por ellas gyrvam alguns dos generaes de D. Pedro, com os seos lauréis da véspera, ainda tão viçosos: por baixo das janelas corria o Téjo, nunca deslebrado das suas glórias velhas.

Dos septe sonetos, que seguem, os doux primeiros, de meo irmão, e os cinco restantes, meos, nenhum chegou a ser recitado, porque uma leve alteração sobrevinda a subitas na saude de S. M. F. com o calor das sallas, e a necessidade de accudir ainda a outros sítios, onde era desejada, lhe não consentiram demorar-se aqui mais de um quarto de hora. Sâbiram porém impressos no Periodico dos Pobres de Lisboa, do dia 24 do mesmo mez e anno.

Da lusitana cívica pharsalia
 Quem é esta que brilha entre os horrores,
 Qual brilha juncto a Marte a māi de amores,
 Deixados os vergeis da amena Idalia?

Campeão da liberdade, o avô na Gallia
 Obteve estatuas, canticos e flôres;
 O pae, ao vencedor dos vencedores
 Pediu a espada, e mereceu a Italia.

Cópia da māe, no amor, na formosura
 De livres digna próle, a Pedro unida,
 Firma-o na glória, inchendo-o de ternura.

Para bem nosso e d'elle és tu nascida:
 Paga-o tu só da pública ventura
 Dando-lhe a par de um anjo um céo na vida.

E' grande o macedonio heróe de Arbella,
 Mas chora só talar um globo inteiro.
 Grande é Pompeo, mas déspota guerreiro
 Cesar; dos fados lhe-desluz a estrella.

Grão Constantino inda hoje nos-flagella
 Co'o fanatismo que arraigou primeiro.
 Luiz, monstro brilhante, em captiveiro
 A França exhaure, em quanto as musas vella...

¡Basta!.. Aos grandes do mundo, inda assombrado,
 Surge, ó Pedro, oppõe ja tua memória:
 Cedeste em mundos dous o sceptro herdado.

Ao throno alçaste a liberdade, a glória:
 Rei, cidadão, legislador, soldado,
 Dos grandes o maior serás na história.

Por mais de um lustro a brenhas confiado,
 Livres, sem mancha, inthesourei meos dias;
 Carpi na lyra as patrias agonias,
 Soei rebate contra algoz c'roado.

Mais de um filho dos montes a meu brado
 Foi combater as legiões sombrias;
 Tu, valor que os-regeste, me-regias,
 E fiz soldados, se não fui soldado.

Proscripto, não salvei mais do que a lyra;
 Mas góso a patria, abraço a liberdade,
 E virtude sem p'rigo ao vate inspira.

Quem sob os pés de Nero ousou verdade,
 Bem pôde, sem rubor, lançar na pyra
 Um grão de incenso á lusa divindade.

A' joven mãe de Lysia resgatada,
 Musa livre, os teos vôos abalança:
 Com taes recordações, tão vasta esp'rança
 Viu-se nunca em tres lustros combinada?

Glória á filha dos reis, ao throno algada
 Pelo jús de conquista e jús de herança;
 Glória áquella, a quem glórias affiança
 Seo nome, o patrio exemplo, a lusa espada!

A Justiça, Bellona, a Liberdade
 Juram mantel-a ao povo.... hão-de mantel-a:
 São deidades guardando outra deidade.

Temei, filhos da noite, a sua estrella!
 Vinde, vede-a, expiae vossa impiedade,
 Morrendo de vergonha ás plantas d'ella.

Tempos dos Paladius , eras distantes
 Das leaes , das corteses galhardias ,
 Vós, vós, ressuscitais em nossos dias
 Mais puros , mais honrosos , mais brilhantes.

Raros outr'ora , impávidos e amantes
 Rampiam lança em guerra , ou correrias ;
 Superstição , ou fama , eram seos guias ,
 Brandos olhos seos premios relevantes.

Entre nós é plebêa a heroicidade :
 Morre-se , não por tímidas donzella
 Sim por deusas , a glória , a liberdade .

Liberdade ! eu a-canto , eu góso d'ella !
 Mas a glória c'roada , essa deidade ,
 Nem a-pude ir vingar , nem pôsso vê-la !

De Ignez e Pedro aos plácidos ardores
 Honra, virtude, céo, tudo surria;
 Sonha rasões d'estado a tyrannia,
 E Ignez lá morre a golpes de traidores.

Pedro nos corações dos matadores
 Do coração viuva a dôr sacia;
 E assombrando o universo, á morte frig
 Arranca, adóra, e c'rda os seos amores.

E's a Ignez de outro Pedro, ó liberdade!
 Quiz-te; viu-te immolada ás mãos de insanos,
 Volveu-te ao sol, ao throno, á eternidade.

Restava morte aos corações hircanos,
 Puniu-lhe com o despreso a indignidade!
 Mas ai de ora em diante, ai dos tyrannos!

Se é lícita uma lágrima nas rosas
 Com que, ó noite de abril, nos rís c'roada,
 ; Dos martyres da patria libertada
 Uma lagrima ás sombras generosas !

Seos sepulchros dão palmas gloriosas,
 Heróes herdaram sua nobre espada,
 E hecatomba de tigres lhe-é votada
 De dia a dia ás cinzas sequiosas.

Mas no elysio onde estão, hoje pensando
 Que um dia mais que céo por Lysia passa,
 Saudoso se-reúne o egregio bando.

Murmuram longo viva á joven Graça,
 E involuntária lágrima escapando
 Do nectar entre as mãos lhe-turya a taça.

OS SONHOS.

**I Recordas-te, ingrata,
Quando eu te-disia,
Que em sonhos Armia
Cedia aos meos ais?**

**Surrias, còravas,
Fugias, juravas
Que nunca os meos sonhos
Seriam leaes.**

**Armia, esta noite,
Segundo o costume,
Tornei co'o meu nume,
Tornei a sonhar.**

**Qual és, eras rosa,
Gentil, espinhosa,
Sem par nos rigores,
Nas graças sem pá.**

**Dou graças ao fado,
Ja sonho esquivança;
Ja luz esperança
No meu coração.**

**Tu juras que em sonhos
Só ha falsidades,
E nunca deidades
Juraram em vão.**

AO POVO.

NAS ELEIÇÕES DE 1834.

Depois do que já n'este volume tenho ponderado e confessado, mais de uma vez, dou por ocioso infadamento faser um preâmbulo a esta epistola.

Que toda ella me-sahiu do coração a trasbordar sincero amor da patria e de um espirito ainda cheio de fé politica, se quem lê estes versos o não adivinha, sei-o eu pelo menos com toda a certesa. Que a maior parte dos conselhos, que se aqui davam, eram muito de receber, e provavelmente o-serão ainda d'aqui a cincuenta annos, é uma verdade irrefragavel; mas não menos o-é que o meo entusiasmo liberal produsiu mais declamação que poesia, chegando ao desaccórdo de falar ao povo em punhaes; porque se o punhal do poeta é como o do actor tragicó, que ao ameaçar o golpe se-ingole pelo cabo dentro, e o sangue, que depois mostra, é só pintado a óleo, o do povo é algumas veses de aço fino e entra a valer. Ainda que se não fale senão a gente como esta nossa, tão bondosa e pacífica de seo natural, sempre é perigosa temeridade o lembrar-lhe violencias, seja qual fôr o fim que por ellas se-antolhe: e se isto é a respeito de versos ; que se não poderfa diser a respeito da prosa, que ainda corre

por peiores mãos! ? Em prosa porém, deus louvado, nunca eu me-lembro de haver mettido similhantes cousas.

Lyra do patrio amor, deixa toada

Longa nos corações, e eu te-penduro,
disia eu rematando este escripto: toada longa não a-deixou ella sem embargo de duas consecutivas reimpressões: mas quanto ao pendural-a; pendurei-a, que de versos politicos não tornei a faser, que me-lembre, senão uma pequena facecia, que ahi ha-de vir algures adiante, sob o titulo de *Elegia á morte da Chronica*, e alguns outros nadas volantes.

EPISTOLA.

Povo, ó nobre sem fausto, ó rei sem jugos!
Vate plebeo, que de plebeo se-présa,
Te-envia o pensamento, o amor, e os sustos.

Povo, tu volves triumphante aos lares,
Que emfim remiste: e mal deposta a lança
Inda vertendo sangue inda não sêcco
Teo suor generoso; eis novos p'rigos
Te-estão chamando a campo! Ardua foi ella
A c'roa de laureis, com que te-ornaste;
Mas unir-lhe é mister outra, e mais ardua,
A do carvalho civico. Pugnou-se
Grande batalha sôbre a propria campa,
E venceu-se! Inda a arena escorre em sangue;

Já nova liça tens, contrarios novos !
 Em cego inextricavel labirintho,
 Reino e mansão do inrêdo, ímpios te-aguardam
 Em graciosas máscaras occultos.
 Farão por desunir-te; e de êrro em êrro
 Condusindo-te incauto, inerme, illuso,
 Darão contigo em não sonhado abysmo ;
 E accordarás, mas tarde, ao som do escarneo
 Dos oppressores teos. — Vá longe o agoiro !
 Inteiro os céos aos perfidos o-volvam. —
 Vingaste, mereceste a liberdade :
 ¡ Mas tem-l'a certa ou firme ? Alerta, ó povo ,
 Que os inimigos teos andam álera.

Em masmorras gemer ; dormir por furnas ;
 Perigrinar o globo ; errar mendigo ;
 Vellar sob uma abóbada estrondosa
 De ferro e fogo , a desabar contínua ;
 Retingir de alto sangue o mar e os campos ;
 Ver meia destruída a patria herança....
 ¡ Quem o-soffreu para comprar senhores ,
 Hoje senhores e ámanhã verdugos ?
 Salvar-te ou perecer de ti depende :
 De teos suffragios a terrivel urna
 Vai conter, pensa-o bem , teo fado inteiro .
 ¡ Que farás pois ? Devotamente insano ,
 Julgarás tu bastante , em teos comícios ,
 Segundo a antiga usança , invocar deuses ?
 Como fraca mulher n'um lance estreito ,
 Da providencia aos braços arrojar-te ,
 E adormecer ? Invoca , invoca os numes
 Virtude e liberdade. O altar , o fogo ,
 Os oraculos seos nos céos não moram :

Deus os-poz dentro em nós, seo templo é na alma.
Liberdade e virtude nos-revelem
De seos ministros, qual lhe-apraz a escolha;
E ai de ti se inspirado a não confirmas!
¡ Ai de ti, povo : que ultrajar impunes
A numes taes nunca homens o-podéram !

Respeitoso e tremendo eu me-recolho
 N'este templo int'rior ; e á luz perenne
 Com que deus nol-o-aclara , estudo a lista
 De homens nascidos para bem dos homens.
 Sob esta vasta abóbada mil veses ,
 Tristes , vagos , propheticos murmúrios
 Vêm agitar-me , e eu digo : — ¡ A terra lusa ,
 A terra dos heroes dada a perversos !
 ¡ Nunca ha-de amanhecer a glória em Lysia
 Apoz noite de seculos ? Mentiu-nos
 Quem glória nos-cantou de antigas eras :
 Das conquistas a página foi ampla ,
 A de expiações maior. Tropheos injustos ,
 Palmas de latrocínio , o sangue e o pranto
 De povos fracos nas extremas do orbe
 Foram crimes de avós , sān pêjo aos netos .
 Gritos d'essas nações aos céos voaram ,
 E um vento eis dos tropheos nos-varre o globo .
 Glória de liberdade era mais bella .
 Hoje sóa em voz alta a liberdade ,
 E ella vai grande risco : e talvez breve ,
 Se zelo em cidadãos não se-afervora ,
 Nos-abandone , ou desertando as praças
 Como proscripta , pávida se-accolha
 Aos penetraes mais intimos dos seios .
 Muito ha que a sua luz , qual sol do outomno ,

Ora brilha serena , ora se-innubla ;
 E ha mais de um ponto escuro no horizonte ,
 Que darão tempestade , se conjurios
 De popular suffragio os não removem .
 Removam-se : nação , que tanto ha feito ,
 Fará tudo , que o-deve , e o-pôde , e o-ousa .

Pensae que hoje a ventura anda de perto
 Off'recendo-se a nós risouha , facil ,
 Mais que a povo nenhum : quebrou-se o antigo
 Dúplice talisman , sob ara e throno
 Por impostoras mãos depositado :
 No sonno dos grilhões ganhámos forças ,
 Que inda inteiras estão , que vão crescidas
 Com o longo triumphar ; ao clarão vivo
 Do facho da discordia assoladora
 Rostos , nomes de amigos , de contrarios ,
 De ambiciosos , de heroes , de escravos torpes ,
 De indiff'rentes , de perfidos , de todos ,
 Se-estudáram , se-apontam , se-repetem ;
 E por bem derradeiro , externas luses ,
 Feliz compensação do atroz deslêrro ,
 Vieram , confluindo ao Téjo absorto ,
 Revelar-nos de glória estradas virgens .

Povo grande , por ti , não por teo sólo ,
 Povo , agora teo rei , concebe cousas
 Dignas do applauso do universo attento !
 Concebe ver-te irmão dos povos justos ,
 Não pupillo dos barbaros ; concebe
 Que os teos costumes refloresçam puros ;
 Que á mente e ás expressões da mente humana
 Seos vòos naturaes se-restituam ;
 Que se-anteponha a codigos sagrados

Da usurpadora Roma um jus mais sancto,
 Que sem pesar na terra aos céos a-ligue ;
 Que a sciencia te-illustre, ornem-te as artes :
 A cultura feliz cubra as planicies
 De cearas, de aldéas, de rebanhos,
 De florestas e sombra as serras nuas ,
 As collinas de pâmpanos e abelhas ;
 Que ingenho industrioso augmente as forças ;
 Que o ledo, o convival commercio activo
 De rios, de canaes, de estradas amplas ,
 Urda seos laços de ouro a terras êrmas ;
 Que tributos inuteis, vexadores
 Não roubem mais o sangue aos que te-servem ,
 Para o-dar de banquete a quem te-esmague ;
 Que fuya de uma vez co'a vã preguiça
 A chusma inerte, que mendiga errante ,
 Tedio a si, peso aos mais, e infamia á patria ;
 Que aos das altas funcções, uteis embora ,
 Não sobre o nectar e ambrosía, enquanto
 Falte um pão negro ao que suou nas terras ;
 Que de estaveis exercitos custosos
 Tanta vez em leilão, pender não deve
 A salvação da patria, e sim que as armas
 Defensoras do povo, ao povo tocam ;
 Que nenhum de teos árbitros, que fossem
 Da liberdade apóstatas, escape
 Como réo no teo fôro a dar-te contas ;
 Concebe destramar tenções damnadas ;
 Concebe tudo grande, escolhe os dignos ,
 Em que o zélo, o saber, a audacia fervam ,
 E tudo grande c'roará teos votos .
 Mas, povo, n'este mar onde ora embarcas ,

Ha syrtes, ha parceis, ha monstros negros,
 E proa não velada acha naufragios.
 A baixa seduçâo virá primeira
 Co'a virtude na voz, nas mãos a bolsa,
 Traficar de infortunio em tom sumido:
 Alma de Iuso não se-troque a ouro.
 Podem vender-se o lar, o predio avito,
 A árvore paterna, o proprio leito;
 Mas o que em sangue dos irmãos pagaste
 Para t'o-herdarem filhos, é thesouro;
 Que se não vende ou céde. — Outros, tentando
 A crédula ambição com destras falas,
 Hão-de apontar-te os cumes dos favores:
 A futura medalha, a pingue renda,
 O accesso livre aos porticos dos grandes,
 E a officiosa pasta abrindo graças.
 Ah! quão mal pagam frivolas esp'râncias
 O bem certo de livre entre homens livres.

Mais perigosa astucia acharás n'outros
 Sem promessas nem dadivas: só falam
 No bem público e em si. Vão n'essa conta
 Poucos lcaes, grão número te-engana.
 Pensamentos sondar fôra chimera,
 Mas interroga acções, folheia tempos,
 Tira do homem passado o homem futuro.
 Ter combatido a usurpação não basta:
 ¿ Que fisera até alli, apoz que ha feito?
 ¿ Provou n'um tempo e n'outro amor á patria,
 Sympathia co'a plebe, alma nervosa?
 ¿ Por um cálculo vil não veiu á lucta?
 Quando n'ella egualdade proclamava,
 Não sonhava elevar-se? Ouviu-se (je a quantos!)

« Viva o povo ! » era o dia do conflicto...
 Passa o conflicto, e afastam-se do povo :
 Requestam distincções; namoram fitas ;
 Levam á escala os cargos, a opulencia ;
 Da choça natalicia erguem palacios ;
 E em coche insultador, troândo as ruas,
 Co'o pó, que inchêu seo berço o povo alagam.
 Não, riquesa e poder não dou por crimes,
 Mas poder orgulhoso é crime insano,
 E orgulhoso, sem meritos por base ,
 Para bons, para irmãos, nenhum mais negro.

Povo, que aras a terra, e descuidoso
 Só escutas balir dos teos rebanhos ,
 Só vês o céo e a fonte, a messe e a vinha ;
 Tu, que estes chamam barbaros, e os-nutres ,
 Vella por ti; mais altas novidades
 Que as das promessas do anno ora te-ocupem :
 Vella por ti, bradamos-t'o, que é tempo.
 Elles o-hão dicto em seo conselho de ímpios :
 « Invadamos o campo, e a qualquer preço
 « Extorquamos o voto á gente rude ,
 « Pois nol-o-negam cá : temos palavras
 « De embair, temos cofre, ameaças, nome ,
 « A lisonja, o mentir e agentes habeis.
 « Feito é, partamos. » — Subito partiram.
 ¡ Signaes desejarás porque os-estrémes ?
 Mas Protheo, que em cem fórmas se-desmente ,
 Não ha pintal-o. Treme dos *dourados* ,
 Que por primeira vez te-acariciam ;
 Treme d'aquelle, que ao serão da aldêa
 Só te-fala de principes, de grandes ,
 E mais quando elle mesmo é já subido ;

Treme des que á paixão de liberdade,
 Raia estreita marcando , accusam n'outrem
 Como excesso e loucura o zélo ousado :
 Limites á virtude é crime o pôl-os.

Ante elysies e averno , árvore immensa
 Fabulou mesa antiga: em ramos de ouro
 Aurea fructa lhe-pende; a mãos que a busquem,
 Não mandadas do céo, resiste immovel :
 Mas se heroe , charo a Jove, e em cujo peito
 Arde a virtude , que o remonta aos astros,
 Acertou de passar, pomos e pomos
 Nas attonitas mãos lhe-estão chovendo.
 ¡Povo , esta árvore és tu , plantada á frente
 Dó alto alcáçar das leis; homem não pôde ,
 Sem que obtenha teo fructo , intrar-lhe as portas.
 Não t'o-deixes roubar , mas lança-o facil
 Aos mimosos do céo , e aos teos mimosos.
 Procura os que logares não procuram ,
 O que á vanguarda, á hora dos combates ,
 Nas brigas da ambição não corre ás filas :
 Que obscuro cumpre a lei, detesta a força ,
 Tyrannos nem quer ter , nem ser tyranno :
 Este sim , que é do povo , e digno d'elle.
 Procura os que já bons , intrando em ferros ,
 Mais dos ferros no horror se-actisolaram ;
 Procura os que, deixando os patrios muros ,
 Perigrinos, por terra de estrangeiros ,
 Nos-andaram sciencia enthesourando ,
 Em quanto os mais, ou fôfos volteavam ,
 Ou com o feio de acções nos-deslusiam ,
 Ou supondo polir-se , o unico estudo
 Punham no perverter seos patrios modos ,

O trajo, a mesa, o sonno, o amor e a lingua:
 Estes, do chão natal profanadores,
 Longe do pensamento! Os outros se-amem
 Que amaram só do estranho o que nos-sirva,
 Nunca o seo jugo, ; Oh ! quem me-remontára
 De bronze a lyra, e me-dóara plectro
 Que troasse louvor, troasse infamia:
 Que dêsse em vivos sons o amor da pátria,
 Qual me-arde n'alma! A's aguias dos romanos
 Fisemos frente nós; perdido o raio
 Revoaram para o Tibre espavoridas;
 Nas tórras nossas, eclipsada a lua,
 Desterrámos, á espada, o mouro ousado;
 Co'os Iberos leões arremettemos,
 Fugíram; nova Roma e novas aguias
 Voam do Sena ovante e Lysia as-prostra:
 E gente do orbe inteiro dividida,
 Só de si mesma idólatra, uns ferozes
 Pescadores do oceano, que a nós devem
 Muita da força que os-tiron do remo,
 ; Hão-de seu armas conquistar-nos? ; Péjo,
 Péjo a nós, se ainda a dextra vexadora
 Beijarmos d'esses túmidos! ; Oh ! vêde-os
 Por entre nós a pavonar-se altivos,
 Qual senhor entre escravos! Allianças
 De ovelha com leão não mais, ó povo.
 Quem teo solo possue, teo céo, teos mares,
 Tão vasto ingenho e mãos, não necessita
 De avarento tutor: já tens, ó patria,
 Rasão, maioridade, experiencia:
 Procura amigos, protectores nunca,
 Ou, se houveres de os-ter, quaesquer, não esse.

Treme dos pusillanimes ou nescios
 Que t'o-crêm necessario : o teo senado.
 Com tão baixos Solons não prostituas.
 Essa Albion , tua amiga , a sócia tua ,
 Quem sabe o que ja agora anda minando
 Com' o ouro que foi teo ! ¡ Ah ! salva ao menos
 A consciencia e o voto omnipotente.

Se á lista de p'rigosos inimigos
 Podem juntar-se miserros , ó povo ,
 Não te-deslembte que te-cercam densos
 Os sectarios do monstro impunes , soltos :
 Janisaros , agás , derviches , imans ,
 Até visires. Pêjo não , mas susto
 Da consciencia má forga-os por ora.
 A se-esconder : são dentes interrados
 Do dragão morto , mas peçonha negra
 Inda os-anima ; e se hoje ainda não surgem
 Com medo ao ferro a te-arrancar teos votos ,
 Aguardam tempo idóneo , em que rebentem
 Como os de Cadmo , intrepidos e armados.
 N'esses vis corações , atros avernos ,
 Que de furias não vão ! Povo , confunde-os
 De teo juiso no terrivel dia.
 E se algum , mais insano , ousar seo voto
 Na assemblea da patria , que renegam...
 Se elle o-ousar , pois que a lei não previu tanto ,
 Possa o livre punhal voar-lhe ao peito .

Povo , horas de estudá na consciencia
 A musa não t'as-roube , a joven musa ,
 Que ás delicias de amor , que aos paphios bosques ,
 Onde segura modulárá ás nymphas ,
 Prefere sons tyreos , harmodios cantos ,

P'rigos nobres a insípidos aplausos,
 Glórias de um povo a fábulas vígosas.
 Por derradeiro adeus ella te-brada
 Que um voto ás véses só, rompe o equilibrio
 A' eleitoral balança,inda suspensa;
 Que de um eleito ou não, depois resulta
 Mais ou menos pendor na grão balança,
 Onde legislador, supremo genio,
 Bem ou mal, vida ou morte ás nações pesa:
 Cuidae-o em vós e estremecei do encargo.

O momento é solemne, o quadro augusto!
 O cidadão nos lares seos medita
 Sôbre um mudo papel sentença á patria.
 Erra a pluma entre os dedos temerosos,
 O coração palpita, a mente vôa
 De nome a nome, e pára: oh! porque é isto?
 E' porque lhe-andam na alma a estância chara,
 O seo pomar, o rio conhecido,
 A amante, o pae caduco, a espôsa, os filhos,
 O que tem e o que espera, o nada, o tudo.

Mas se afseigões domésticas são muito,
 Ha deveres que o vivo aos mortos prendem.
 Julgue elle que na escolha o-presenceiam
 Tantos, por mar, por terra, a ferro, a fogo
 Perdidos; tantos miseros finados
 Por hospitaes, por carcères, por brenhas;
 Tantos em vil suplício estrangulados;
 Tantos da fome víctimas, e tantos
 Que ostracismo peior gastou por longe.
 Creia ouvir estes palidos phantasmas,
 Nos derradeiros ais pedir vingança;
 Lein bre-se que hoje occultos sob a terra,

Foram nossos irmãos, e á superficie
 Patente o seo quinhão cá nos-deixaram ;
 Que a herança incargo traz, o defendê-la
 Da tyrannia-algoz ; e que é terrivel
 A' consciencia a citação do morto.

Possa o vil cidadão , que , ou se-defraude
 Do alto jus do suffragio , ou friamente
 Lá o-exerça á ventura , ou criminoso
 Mande sicarios por campeões á patria ,
 Possa não ver mulher sumida em luctos ,
 Nem cadaver passar , nem lá por sótãos
 Sentir vagidos de ignorado infante ,
 Que um remorso pungente o não salteie ,
 Que lhe não lembrem pálidas viúvas ,
 Orphãos tristes , e os martyres da honra :
 Possa nas horas , em que os mais repousam ,
 Tresvaliar contínuo a ver batalhas
 De septe contra oitenta , em mar de fogo ;
 Corpos a debaterem-se nas forcas ;
 Cabeças sobre postes , denegridas ,
 Mudos , olhos em alvo , ondeantes com as ;
 Crer-se em masmorras , ver as portas duras
 Fracassadas baquear-se , intrar com fachos
 Tropel de matadores , persegui-lo
 De canto em canto , desfechar-lhe ás vegas
 Ao som de um vir feroz , golpes e golpes ,
 E elle cahir e despertar no averno !

Lyra do patrio amor , deixa toada
 Longa nos corações , e eu te-penduro.

HYMNO

CANTADO NO REAL THEATRO DE S. CARLOS,

A 31 de julho de 1836,

ANNIVERSARIO DO JURAMENTO DA CARTA CONSTITUCIONAL.

Co'a mão sobre o evangelho
 A Carta foi jurada,
 Hoje co'a mão na espada
 Torhamo-la a jurar!
 Armas, armas! pendão fratricida
 Lá ressurge, lá sôa a rebate.
 Marcha, marcha! victória, e combate
 Povo livre não sabe estremecer.

Sahí das ímpias furnas,
 Tigres por nós vencidos;
 Não fôge dos jugídos
 Quem garras affrontou,
 Guerra, guerra, se os ímpios querem,
 Se o rei monstro proclamem de novo;
 Das victórias é deus o do pôvo,
 Que os perdões em vinganças trocou.

Novo congresso inflúa
 Qual sol a claridade;
 Co'a força a liberdade,
 Co'a liberdade o amor.

Mas se guerra cumprir, guerra, guerra!
 Co'as borrascas a palma floresça:
 Pedro, e ávante! Qual pó dispareça
 De uma vez o vil bando traidor.

11 *

ANACREONTICAS.

O QUADRO ANIMADO.

Tu, cuja dextra ingenhosa
De Febo aos cantos equal,
Cría prodigios sem conto,
Da naturesa é rival;

Cujo pincel, dirigido
A voz do ingenho fecundo,
Sabe n'um quadro pequeno
Junctar as graças do mundo;

A cujos toques divinos
Do nada se-vêm saltar
Terra, prado, outeiros, bosques
O céo vasto, o vasto mar;

Pintor, escuta os meos rôgos,
Invoca as musas e amor,
E dos meos bellos desejos
Fase o quadro encantador.

Pinta um valle, um valle ameno
Muito mais que os de Cythera,
Todo inteiro alcatifado
Dos mimos da primavera.

De copado bosque á sombra,
 De fria gruta na intrada,
 Prepara aos filhos das musas
 A mais risonha morada.

No meio dos meos amigos,
 Retrata-me n'esta selva,
 Preguiçoso e reclinado,
 Meio nu, na branda relva.

Meio nu, pois se é possivel
 Ao teo pincel creador,
 Deves mostrar que este dia
 E' de importuno calor.

Algens zephyros, brincando,
 Façam teo bosque ondular,
 E as manchas de luz e sombra
 Incertas no chão gyrar.

Em nossas faces córadas
 Co'o fogo da mocidade
 Brilhe o surrir da saúde,
 Do praser, da liberdade.

De cristal brilhante e puro,
 Que dos vinhos mostre as côres,
 Põe-nos em roda garrafas
 Ingrinaldadas de flôres.

Haja um regato, mas longe,
 Mas com brando murmurinho,
 Por não perturbar os cultos,
 As festas do deus do vinho.

Alguns mancebos ; cantando,
Tracem danças ingenhosas ;
Junquem macio terreno
Ramos e c'rosas de rosas.

Volteiem, de ramo em rame,
Co'as aves gentis amores,
Corram em busca das auras
Os zephyros brindadores.

Occultas por traz dos troncos
Bellas nymphas da espessura
Espreitem, tonversem beixe,
E vejam nossa ventura.

Algum, vendoa-as, se-erga á pressa,
— „ Caça estranha , diga , é esta !
„ Se é certo existirem nymphas,
„ Temos nymphas na floresta. “ —

Sôe um grito ; ergam-se todos,
Ellas fujam perseguidas ;
Risos , palmas e clamores
As-annunciem vencidas.

Pelos recantos do bosque ,
Pelas grutas dos outeiros
„ Victória , victória “ cantem
Os alígeros frexeiros.

Eu , no entanto , eu só no prado ,
Em vez de occupar-me d'ellas ,
Me-affigure a minha deusa ,
Que excede as deusas mais bellas.

**Eu suspire, e o gnidio numo,
O deus do meo coração,
Me-appareça, m'a-condusa
Pela sua propria mão.**

**N'um transporte, n'um delirio
Eu a-abrace, eu lhe-proteste
Que de uma eterna alliança
O instante primeiro é este.**

**Raras palavras soltando,
De quando em quando, entre os beijos,
Eu lhe-chame a minha deusa,
O iman dos meos desejos,**

**A glória da minha vida,
A fonte do meo praser,
O thesouro da minha alma
O meo tudo, o meo viver.**

**O' pintor, se omnipotente
E' teu pincel creador,
Em nome dos céos, desenha
Este quadro incantador.**

**E tu, rainha de Gnído,
Tu, cuja poder outr'ora
Soube faser de uma estatua
A nympha mais seductora,**

**Surrindo, bafeja o quadro,
E se-verá de improviso
Converter-se em realidade
Ao teo bafo, ao teo surriso.**

A TEMPESTADE.

Folhas, e ramos partidos
Revoluteiam nos ares;
A terra alveja co'as flores
Dos nossos lindos pomares:

Os relampagos se-accendem
De curto em curto intervallo,
Do raio cahindo ao longe
Retumba o medonho estalo.

Os relusentes chuveiros
Mudaram a terra em mar,
Dos campos, ha ja tres dias,
Tudo se-viu deserter.

Não se-incontra uma só ave
No labyrintho da selva,
Nem um lavrador no valle,
Nem um rebanho na relva.

Lilia, Lilia, a tempestade
Recrece cada vez mais:
¡Ouves lá na serra o torvo
Remorejar dos pinhaes?

São novos tufões! sahiram!
Descem varrendo a montanha!
Ja o rio atravessarn,.
Que espuma ante a furia estranha!

Range o tecto ao pobre alvergue,
As duras paredes tremem.
Muge o chão, vacilla a porta
Nos velhos quícios, que gemem.

¡Tu choras, Lilia! tu choras
 Com medo da tempestade?
 ¡Ergues as mãos desmaiada?
 ¡Pedes aos nunes piedade?

Vem, ó chara, e juntos ambos,
 Com devotos corações,
 Dirigiremos aos numes
 Fervorosas orações.

Esta fogueira brilhante
 Que ocupa todo este lar,
 Nos-supra o fogo sagrado,
 Ardendo em solemne altar.

Mas qual rogarei dos numes?
 Os que eu conheço melhor:
 De Jove os pequenos filhos,
 Doce Baccho, e meigo amor.

O' deuses, piedosos deuses,
 Sempre amigos dos mortaes,
 Vêde as lagrimas de Lilia,
 Condœi-vos de seos ais.

Longe da minha cabana
 Levae os ventos funestos;
 Dos vossos rosaes e viñas
 Poupae, ó numes, os restos.

Tudo o mais perega embora ;
 Mas á minha Lilia bella
 Deixaes do mundo este canto ,
 E a mim o viver com ella.

Do meo candido rebanho
 Aqui seremos pastores ,
 Felises co'as nossas aves ,
 Co'os nossos bosques e flores.

A vés ambos cada dia ,
 Par divino e encantador ,
 Daremos graças e cultos ,
 Baccho imberbe , e imberbe amor.

¡ Engano-me , ó Lilia ! . . . escuta :
 ¡ Não sentes . . . não é verdade ?
 Os ventos ja não resoam.
 Foi-se ávante a tempestade.

Rí-te , ó Lilia , enxuga o pranto ,
 Levanta os olhos ao céo ;
 O sol , o sol apparece ,
 ¡ Não finda o receio teo ?

Os nossos numes protegem
 Aos corações seos devotos.
 Desempenhemos agora
 Os meos , ó Lilia , e teos votos.

Eia , á pressa enche-me as taças ;
 Bebo em honra ao deus do vinhol
 Enche outra vez , este nume
 Não soffre um brinde mesquinho.

**Enche terceira, bebâmos....
Que balsamo-incantador!....
Vamos depressa, querida,
Dar tambem o culto á amor.**

o CLARIM.

**¡Que estrondo horrivel e agúdo
Retine, estremece os ates?
¡Que árgânteo clarim troveja
Os rebates de Mavorte,
Chamando heróes á peléja
Para vítimas da morte?**

**Nunca os lábios, que te-sopram,
Aborrecido instrumento,
Gosam do vinho, ou dos beijos;
Vulcano emfim te-desfaça,
E para incher meos desejos
Te-converta em funda taça.**

**Terás então melhor uso;
Não chamarás inimigos
Mas festival sociedade;
Serás de rosas cingida,
Farás brindes á amisade,
Serás o incanto da vida.**

Muito indeado me-houvera eu de ver, se quisesse dar cabal razão d'estas chamadas *anacreonticas*, que evidentemente não passam de sonhos de accordade. D'entre borrões tão velhos me-surdiram, que ja não posso achar na memória, o quando, o porqué, nem o para que as-fizesse. Algumas tiveram ha poucos annos a honra de appa-recer no *Correio das Dames*: só por isso é que reaparecem agora aqui: anacreonticas, são-n'o tanto, como quasi todas as anacreon-ticas modernas. O bom velho de *Teos* foi o unico innegavelmente, que as-fez como devia ser: ja o Horacio lhe-ficou muito para baixo, e mais era um epicúree de lei:

..... Aristipi de grege porcus:

dissem porém que não bebia vinho, apesar do muito que o-louvava: nós, por força, que havemos de ficar muito para baixo de Horacio, porque não só não cremos na divindade do vinho, mas nem ja no amor á moda d'elles. Com os costumes antigos hia bem, inten-dia-se e gostava-se de ver aquelle respirar delícias entre rosas e murtas, aquelle chasquear o mundo dos trabalhos, aquelle não admitir nada serio, nem a morte: — outros tempos, outras ideias. Estas mesmas cousas, entre nós, não passam de arremédos sem-sabores, tão dignos pouco mais ou menos de attenção, como as danças e cortesias dos ursos insinados.

O dythirambo foi genero de poesia; hoje, para escapar da nota de indecencia malcreada, ha-de ficar por força com a de tonteria pueril. A anacreontica está ainda em peior caso; porque a gros-seria do vinho ou é affeiada pela delicadesa do amor, que se-lhe-ajuncta; ou criminada pelo faser descer até á abjecção de méro instincto animal e bruto.

Chama-se a isto, assignalar a mareantes novéis o escólio, em que se-naufragou.

A' MORTE

DA

CHRONICA CONSTITUCIONAL DE LISBOA.

Elegia. (1)

Quâ data portâ reunir:
Virg.

¡ Céos ! ¡ porque anda no povo este susurro ?
 ¡ Volta o Miguel ! ¡ mudou-se o ministerio ?
 ¡ Deu-se emprêgo a traidor , castigo á honra ?
 ¡ Desligam-se , removem-se , vão presos
 Heroes , que pela patria o sangue dessem ?....
 !!! Qual história !!! hoje Astreia , outr'ora expulsa ,
 Pelas margens do Téjo anda a passeio
 De balança na mão pesando as cousas....
 ¡ Que novidade ha pois ? ¡ teremos guerra ?

Officiaes das reaes secretarias

¡ Diz-se que andam de tromba ! é outra a causa ;
 Morreu.... Numes dos céos, dae-nos constancia ,
 Morreu.... quem o ha-de crer ! e então parindo
 De pae mestiço uma hybrida creança !
 ¡ Morreu, morreu a Chronica ! .. ¡ vós , typos ,
 Da régia imprensa esmorecei nas caixas !
 Rapazes , que bateis as ballas fofas ,
 Dae com ellas na cara em ar de lucto !
 Foram-se as vossas páginas , e a nossa !
 ¡ Chorae , droguistas , que perdeis o embrulho ,
 O digno embrulho dô vendido incenso !
 ¡ Chorae , ó vós das mechas fabricantes ,
 Vós por cujo milagre em nossas casas
 Luz , e fogo nas Chronicas se-via :
 E tu , que em leito d'ouro as ondas rólas ,
 Padre Téjo , arrepella as barbas verdes ,
 E troca em teixo a c'roa dos canigos :
 Nunca mais levarás vaidoso aos mares
 Co'os mais despejos da cidade invicta
 A crespa chusma de papeis tão sabios . •
 ¡ Mas será sonho , Chronica ? ¡ é possivel
 Que ousasse a propria parca thesourar-te ,
 Como tantos por cá ? não lhe-tremêram
 As mãos dando no fuso o ultimo gyro
 Da tua parda estopa ? ¡ ah ! que essa roca ,
 (Se é dado usar de classico no estylo)
 Do canavial de Midas foi cortada
 No minguante da lua em baça noite
 Por trasgo avesso , e mão . Vive o contracto
 Do mão homem Rousseau ; vivem mil obras ,
 Que proclaimam sob'rana a vil canalha ;

¡ E tu morres , ó Chronica mansicha !
 Morre o teo proprio nome ! e o que é mais duro
 O sobrenome teo nem mesmo escapal....
 ; Que delicto fatal deu causa a tanto ?
 (Porque o ser sensabor nunca foi crime.
 Haja vista á Isabel das botas grandes,
 Que de Aragon non farte., ahí veio a Lysia
 Dat sensabor batalha ás nossas musas,
 E dorme em paz nas lojas dos livreiros.)
 ; Teo peccado qual foi ? nunca te-viram
 Tomar partidos, nunca fastigaste
 As costas d'um potente , inda que injusto ;
 Nunca te-intrometeste em vida alheia ;
 Deixavas ir o mundo á tona d'agua
 Sem nos-dar novas d'elle ; eras de resto
 Quasi classica emphrase , em patriotismo
 Quasi orthodoxa , e quasi nada em tudo :
 Em quanto a polidez, saráos da corte,
 Nunca viram maior cumprimenteira ,
 Segundo ouvi aos raios que te-liuma ;
 Passavas mesmo um pouco a aduladora:
 Só tiveste , que eu saiba , uns dous descuidos ;
 Um, ter dicto uma vez um nome Feyo ,
 Outro , um nome durissimo Carvalho....
 ; Chronica , ó flor das chronicas antigas ,
 E das modernas chronicas ! ; medélo
 Das chronicas por vir ! ah ! que innocencia ,
 Que formosura ingenua , ou viço de annios
 Co'a vida contrário , quando tu morres
 Bella , e quasi de mamma aos peitos chochos ,
 Aos peitos chochos da infeliz sandice !
 Da morte o d'ro pé calça egualmente

Do grão *Targini* as edições de luxo,
 E as folhas tabernaes d'un preço réles!
 Mas que immenso vasio em *Lysia* deixas!!
 O annuncio ou da novena; ou da modista,
 Das lombrigas os pós, o insigne mestre,
 Que em só dose licções demude a letra,
 A môna de um francez, que saiba contas:
 Por onde hão-de inculcar-se aos bons freguezes?
 ¡Será preciso recorrer-se a Londres,
 Aos *Globos*, *Armaçens*, *Mallas da tarde*,
 Ao *Correio*, ao *Jodo Bull* ou qualquer outro,
 Para diser que ha pílulas no Morley?
 Inda tudo não é: foi-se comtigo
 O narcótico-mestre, a que não houve
 Insomnio tão cruel, que resistisse:
 Por esses botequins viam-se ás dusias,
 Apesar do café, têp socio esperto,
 Leitores teos roncar, mal te-avistavam:
 ¡Onde hão-de ir d'ora ávante achar remedio,
 O poeta esquentado, o amante acceso,
 Um trahido da rima, outro da amada,
 O funcionario, que trepou não visto
 Ao píncaro das honras, qual lagarto
 De árvore annosa á plumula ondeante,
 Que aferra pés, e mãos para suster-se,
 E prevê sempre a toda a parte a queda?....
 Estes tristes somnambulos bem tristes
 ¡Que hão de faser sem Chronica? vellarem
 Até que o desespêro os-mande ao Orco:
 Estes, e muitos mais te-andam chorando;
 ¡Mas que muito! se cousas insensiveis
 O-fasem! por ti chora inconsolavel

O alſim, chora o quiçá, e os gallicismos,
Neologismos, tolismos, e archaimos,
Bem que por teo morrer não fiquem orphãos.

¡ Não ha que duvidar ! emfim morreste !
¡ Ah ! se esquerda não fosse a mente nossa ,
Mais de um horrendo agoiro o-annunciára !

Em roda do impressor por nove noites
Zuniu bisouro negro ; e á nona o-viram
Cahir de morte subita no prelo.

Ante a loja da Chronica tres veses
A' meia noite em ponto , a visinhança
Ouviu zurrar um burro , e intrar aos coices
Na somnolenta porta : uma cadella

Negra como um chapeo , nas horas mortas
Foi-lhe uivar feralmente , e dando a lume
Ante os frades de pedra uma podenga ,
A' luz dos lampiões morreu de parto.

Estes , e outros auspicios pavorosos
Claro haviam predicto um grão desastre :
E tu morreste , ó Chronica , ¡ tão leve ,
Como na terra o-foste , ella te-seja !

As musas , ou das nove , a da comedia ,
Mal que tenha lugar , ha-de a teos manes
Vir desfolhar , não louros , que os não acha ,
Mas dous tómos , ou tres das obras primas
De José Daniel , barco dos tolos ,
E almocreve das petas ; Clio , a dona
Do historico buril ha-de na campa
Teo epitaphio abrir , gravando um zero ;
E o passageiro , quando o-vir de longe ,
Dirá : lá jaz a Chronica ! não riam....

Já livre emfim de linguis maldisentes

Segura de vaivens, baixaste á margem
 Do irremeavel rio; affecta ás sombras
 Viste-las sem pavor no proprio reino.
 Charonte, bem que ancião, cortez co'as damas,
 Deu-te a mão para intrares na barcaça,
 E não te-acceitou óbolo, por pobre
 Disem os māos, e eu digo que por femea;
 De maneira que alli se só se-achára,
 Gerava-se o anti-christo. O que foi certo,
 Foi que a barca, levando os teos ballotes
 Não levava algum peso: o arraç annoso
 Viagem nunca fez, que tanto risse:
 Diz-se que o cão trifauce ao deseobrir-te
 Cahiu logo a dormir, e o fogo eterno
 Deixou com se-apagar tudo ás escuras.

Emfim já gosas no descango elysio
 Digno prémio de ti, vagando ociosa
 Juncto a um lago do Léthes: não á sombra
 De palmas dos heroes, rosaes de bellas,
 Mas de caramanchões de dormideiras,
 E de fresca tabúa, porque Mínos,
 Eaco, e Radamantho, ao pôr-te os olhos,
 Para lá und' voce te-mandaram.

Ora pois, largos séculos desfrutes
 N'essa mansão de pâtria; entre os mirrados
 Espectros do parnaso lusitano,
 E tantos mais, que não nomeio agora.
 Nunca o magriço *Orpheo*, teo velho espôso,
 De Virgilio *discípulo fluente*,
 Se-lembre d'ir buscar-te, onde lá poitas,
 E revocar-te á vida ioh! se o-tentasse,
 Possas tu, nova *Eurydice*; deixal-o

Como um pateta em meio do caminho,
E voltar á tabúa, ás dormideiras.

Adeus, eterno adeus, papel mansinho !
Se vires lá por grutas d'esse Léthes
A lei da imprensa, dise-lhe que venha,
Que já por Santarém não temos burros.

¡Adeus ! se alguma cousa em perda tanta
Nos-póde consolar, é ver que, ao menos,
Cá fica em tua filha a cópia tua,
Que de nome da avó se-diz Gasetta.
Pede ás parcas por nós, que á sua estriga
Junctem toda a porção roubada á tua :
De guerra a avó morreu : morreste, ó filha,
De má cólera ! os astros nos-defendam
Que de agourada fome espire a neta....
Antes, antes, ó Jupiter, em bombas
De estridula girândola rebente
A annunciar algum festéjo grande....

Rei dos reis, pae dos paes, nume dos numes,
Oh ! salva-a da penuria, lança a vista
Piedosa, do alto empyreо á rua do ouro !
Na loja da gasetta a chusma ferve ;
Bem a-ouves, bem vês ; mas vê, mas ouve
Que é tudo a desmanchar a assignatura !
Se a tua omnipotencia lhe não vale,
Adeus luses ! de aranha ondadas teias
Vão cortinar a loja solitaria !
Nunca mais se-ouvirão lá dentro voses,
A não serem do pállido caixeiro ,
Que, por tempo matar, jogue a petisca ;
E virá tempo em breve, em que sisudo
Outro Volney de largo meditando ,

Já sol posto, incostado a um frade rijo,
Cousas dirá....que eu não direi por ora.

NOTA.

(1) Bem carecia de notas, para se-intender, esta elegia; mas como lh'as não puz; quando pela primeira vez sabiu a público no anno de 1834; o querer pôr-lh'as agora, venceria já sôfros de impossivel. Todas estas allusões a pessoas e cousas, que então pareciam não haver nunca de esquecer — oh! tremendissimo desingano de vaidades politicas! — são já, a cabo de sós dez annos, enigmas e hieroglyphicos indecifraveis; — que serão as de hoje, d'aqui a outros dez? que serão todas as d'este seculo para o dia de anno-bom da era de 2000?? E ver a usâ nia com que andamos zumbindo alto, labyrinthando e esvoaçando-nos todos como enxames de moscas de verão á nossa réstea de sol, que dura um quarto de hora!! Parecemos os arbitros do mundo presente e futuro; e o mundo presente não faz senão zombar de nós, enxotar-nos, pôr-nos aqui um pouco de assucar, acolá um veneno, mais adiantar uma gotta de leite que nos afoga: (e o mundo futuro? o mundo futuro nem saberá de nós; terá de se-ocupar com a nossa varêja, que não ha-de desmentir da raça: o primeiro frio do outomno nos-atordoa, parou toda a fervura; o segundo nos-deita abaixo; vem a varredeira, que nos-ajuncta, cantando, para a sua pá: (que nos-procurem depois! A maior e mais ampla história, mais não é que um epitaphio muito curto e muito certo — nasceu, zuniu, morreu. — Não, senhores; ainda que pudesse, ja não punha notas a esta elegia.

RENDEZ-VOUS

*A uma senhora que sabia muitos versos do auctor
e desejava conhecê-lo.*

Se das musas a amigainda suspira
Por ver Castilho, cujos versos ama,
Venha, e verá que lhe não mente a fama,
Verá um ursotocador de lyra.

AS

FOLHINHAS ANTIGAS E AS MODERNAS.

Conto (1)

Um dia um cura velho,
 De Baccho adorador, gordo e vermelho,
 A' porta repimpado,
 Volvia e revolia
 A buscar na folhinha
 A resa d'esse dia,
 E tal resa não via.

Dez veses as cangalhas tira e limpa,
 E lavado em suor dez veses torna
 A' malograda emprêsa:
 Té que desinganado,
 Da teima emfim se-deixa,
 O brevário feixa,

E em taes exclamações converte a resa:

— „ ¡ Oh tempos ! ¡ oh costumes !
 „ ¡ Onde estão as folhinhas de algum dia !
 „ Ja de mim para mim tinha eu ha muito
 „ Que estas eram erradas.
 „ Segundo estas, passou-se o anno inteiro
 „ Sem eu ver o rendeiro,
 „ Que ajustou vir cada anno quatro veses !
 „ Se me eu fiasse n'etas, nove meses
 „ Diria que eram dous, ou quer que seja,
 „ Desde o casar ao baptisar na egreja.
 „ Não intendo tal festa...
 „ Entfim seja o que fôr: vamos á sésta. “

NOTA.

(1) Não fiz este contosinho para desacatar (é moda dos sabios em mez e meio) o clero, e particularmente os curas de alma ; mas por isso mesmo , que o parochiar é officio de momentosissimos resultados , não só espirituales , mas tambem temporaes , e que importa chamar para este ponto principaisimo a attenção de todos os que farem ou ajudam a faser parochos , para que olhem mais á sciencia e moral do homem , do que á sua librê politica ; não me pesa dar esta amostra de curas , como ha e eu conheço muitos , que invergonham a religião por sua ignorancia ; e por seo desleixo escandalisam e empeiroram o povo . Da ignorancia bruta , entre elles mui commun , mas que seja superfluo porei aqui um exemplo , não dos milhares que este reino me-está offerecendo , que não quero apôdos de satyrico , mas de alhetas e longes terras . . . ; dos Estados Pontificios ! — ; Em toda a parte da vinha anda o pulgão !

Colhemos o caso fresquinho do *Courrier de L'Europe* de 2 do corrente marzo , que hoje , 18 , nos-acaba de chegar ás mãos .

“ Um clérigo moço , de não vulgar talento e exemplar piedade , pregador de fama , e confessor muito procurado , caiu doente de molestia apertada e perigosa . Aconselhou-lhe o médico certas águas mineraes , bebidas na fonte , que ficava em um logaréjo , não longe da cidade onde vivia , sito lá para as vertentes septentrionaes dos Apenninos . Mas ou porque o mal não tivesse cura ; ou porque o remedio fosse desacertado , a infirmitade ingraveceu ; para logo se-perderam as esperanças , e sem deixar tempo a se-avisarem amigos nem parentes trou em artigo de passamento . Aqui se-vê o moribundo intregue só ao parocho do logar , que era um pobre cura serrano , mais camponio do que padre . Este , havendo para si , que o fim do seu confrade estava á porta , só cuidou em lhe-administrar o officio da agonia . Ajoelhou-se-lhe ao pé da cama , abriu o seo ritual e poz-se a ler . O agonisante achava-se nas últimas , e não tinha até ali podido tornar resposta a quantas perguntas o cura lhe-fisera . Mas com grande assombramento , e logo depois com grande escandalo e horror do mesmo cura , estremeceu-se como convulso , arrancando do fundo do peito negativas formaes e repetidas no fim de cada versículo , não , não , não : como quem protestava contra o valor das preces da egreja . ”

“ O cura foi continuando com assus orações cada vez mais energetic , e o mal-aventurado com as suas negativas , até que exhalou o último suspiro , que foi uma especie de ionca de desesperação . ”

“ Não havia dúvida para o cura : seo collega tinha repulsado até ao cabo os confortos espirituales e acabára impenitente . ”

« Chegam os parentes do defunto : seo primeiro cuidado é mandarem levar o cadáver para uma igreja da cidade segundo o costume. O cura da aldeia já tinha ido adiante, e a toda a pressa, para falar com o bispo de *Forlì*, e faser-lhe saber, por descargo de sua consciencia, o que era passado. »

« O testimonho de um eclesiastico, no tocante aos últimos momentos de um moribundo, recebe-se nos estados romanos como prova inteira : ficava logo certo, visto como o finado havia recusado até ao fim os soccorros eclesiasticos, que se não havia de sepultar em terra sancta. »

« Grande susurro por toda a cidade : a familia do morto faz tudo, quanto sabe, porque se-dispense na severidade do regulamento : e nada obtém. ¿ Que se-havia porém de faser ao corpo ? As antigas confessadas d'aquelle padre atestavam, a voses, a muita piedade e charidade, que sempre n'elle resplandecéra : e agora vinham em cardumes ajoelhar-se e orar em derredor do seo esquife, e cobri-lo de lagrimas e flores. Intendeu o vigario geral, que não havia remedio, senão justificar, perante o povo, a ordem ja dada. Chama o padre, que lhe-assistira ao passamento, e diz-lhe — que diante do povo mostre e leia cada uma das orações que o mal-aventurado lhe-repulsara. »

« O cura abriu o ritual ; aponta ao vigario geral a página ; e este leu... »

« ¡ Era o esconjuro ou o exorcismo contra os gásanhotos ! »

« O triste clérigo da aldeia não sabia latim : poserá-se a ler á tida no livro litúrgico : e o coitado do moribundo fazia todas as diligencias para lhe-dar a intender que não era aquillo. »

« A ordem, intendido está que foi revogada, e o corpo interrado com todas as honras devidas a um fiel. »

EPIGRAMMA.

Exclamou certo avarento,
A um que se-ia infocar :
— ¡ Feliz homem, que tres dias
Poude comer sem gastar ! —

A'

FONTE FRIA DO BUSSACO.

Ode.

Do cavernoso albergue, ao sol vedado,
 Sahe, de relance ao menos,
 O' alya nympha, solitaria e meiga,
 Da fria e clara fonte !

¡Quão bella deves ser, se a naturesa,
 O' nayade escondida,
 A urna argêntea em tuas mãos confia
 De tão formosas águas !

Ou pela aberta rocha ao menos lança,
 A furto, os negros olhos;
 E por entre o molhado e verde musgo
 Translusa o níveo rôsto.

Vê com que esmôro e pompa a naturesa
 Adorna o teo retiro:
 Olha estas grandes árvores, que apenas
 Sentem do vento os sôpros.

Olha a mansa bacía, onde se-espraia
 Tua água transparente:
 Farto musgo a-atavia, e musgo emtérno
 Gratos assentos fórmâ.

**Olha ; vê que nem Euros te-perturbam
O teo cristal sereno ,
Nem gado , nem pastor , nem ave ou fera ,
Nem folha desprendida.**

**Com que rumor as águas , em saindo
De seu não fundo tanque ,
Descem , saltando em fugitivo arroio ,
Pelo teo monte abaixo.**

**Castas sombras , pacífico retiro
Tão velho como os montes
! Sabeis que existe um deus com ásas d'ouro
Que os corações inflamma ?**

**Não : jamais entre vós ternos suspiros
Que amor arranca aos peitos ,
Nunca maviosas queixas se-escutaram
De corações escravos.**

**Aqui só reina a paz ; vivem com ella
As austeras virtudes :
E' d'estes cumés solitarios , tristes ,
Que o mundo se-despresa.**

**Jamais humana dextra em vossos troncos
Gravou terna legenda :
! Oh ! ! quem goza do pranto matutino
Da aurora , em taes logares ?**

**! Quem é que ao pôr do sol d'aqui contempla
O córado horizonte ?
! Para quem sólta o rouxinol em maio
Seos nocturnos gorgeios ?**

{Quem se-aproveita do luar , que deve
 As horrorosas sombras
 Romper aqui e alli mas tardas horas
 Da noite socegada ? . . .

Ninguem : — ; Porque juctaste estes incantos
 Pródigia natureza ?
 Aqui não vem Glicera , ou Chloe , ou Daphne
 Toucar-se juncto á fonte.

Nunca as graças gentis aqui vagaram ;
 Nunca talvez num vale
 Se-aproveitou dos mágicos delírios
 Que geram tæs dogares.

Tu vives pois , quieta em teu retiro ,
 Rara vez procurada ,
 O' alva nymphæ , solitaria e meiga ,
 Da fria e clara fonte.

Tenhas sempre , nas húmidas cavernas ,
 De águas alma abundancia :
 O ardente junho , o turbido janeiro
 Egual te-vejam sempre.

E quando , gasta a rígida cadeia
 D'onde o universo pende ,
 Ja sem ordem , sem leis o velho mundo
 Cahir sólto em pedaços ,

Então , antes que o céus as dispersas
 Reliquias ingolfado
 No horror medonho da segunda noite
 Houver ; salva-te , ó nymphæ ,

Com teos vassalos, invisiíveis genios;
Transporta n'um momento,
Inteiro, este logar sobre algum monte
Do aventureado elysio.

Por ora dorme em paz, meia incostada
Sobre a urna argentina:
Aqui ninguem teo sonno descancado
Virá interromper-te.

Só na alta noite alguma vez, ja quando
Alto silencio impera,
Accordarás ao baque de algum trencô
Dos annos carcomido,

Que farto dé ver seculos, e curvo
Ja por mil tempestades,
Desarraigado emfim cahir no meio
Da mata, que te-cerca.

ELOGIO A...

— » Tem lido quanto é moderno;
 » Estudou a Grecia e o Lacio;
 » Sabe de cór todo Homero,
 » Ovidio, Virgilio, Horacio.
 » Tem genio por dez ou vinte;
 » Tem milhões de poesias;
 » Seos versos são todos cheios.... «

— „ Sim! ¡ de que? “ — » De alarvarias »

IMPERTINENCIA DAS MÃOS.

ADIVINHAÇÃO MORAL.

N'um domingo de janeiro,
 Em meu capote embrulhado,
 Sosinho ao pé do braseiro,
 Puz-me a apertar regelado
 As mãos, que assoprei primeiro.

¡Mas qual meu pasmo seria,
 Quando ouvindo um rumor leve....
 Senti que das mãos sahia!
 Quero contar-vos em breve,
 O que uma á outra disia.

Dircita.

Arrede-se um pouco mais,
 Visinha, se lhe-parece,
 Não gósto de súcias taes.
 Julgo que ás veses se-esquece
 ¡ De que não somos eguaes !

¡ Tem frio ? vá-se aquecer;
 Mas não se-metta comigo :
 La tem capote, se o-quer:
 Lindo seio é meu abrigo,
 Que me-accolhe com praser.

Esquerda. Tocar-vos eu , illustrissima ,
 Não suppuz ser culpa horrifica ,
 Quando eu , escrava humilissima ,
 E vós , senhora magnifica ,
 Temos por mãe a mesmíssima .

¡ De ouvir-vos me-sinto extática !
 ¡ Fórmia , cór , dedos identicos ,
 Terão diversa pragmática ?
 ¡ Que é dos titulos authenticos ,
 Porque sois aristocrática ?

Direita. ¡ Que é dos titulos ! A espada ,
 A lyra , o pincel , e a penna ,
 A alliança , a fé jurada ,
 O sceptro que o mundo ordena ,
 De amor a expressão calada .

¡ Sou eu ; ou sois vós , que dais ,
 Ja cidades aos humanos ,
 Ja templos aos immortaes ?
 ¡ Sem mim , nos undosos planos ,
 Que náu arfára jamais ?

¡ De feras quem purga a terra ?
 ¡ Quem deu a Alexandre os louros ?
 ¡ Quem é que os êrros desterra ?
 ¡ Quem trouxe a Eneida aos vindoiros ?
 ¡ Quem o raio a Jove aferra ?

¡ Quem o universo renova ?
 ¡ Ou quem . . . mas . . . trabalhos vãos !
 Teo nome sinistro é próva.,.
 De qual d'entre as duas mãos
 Mais por seos feitos se-aprueba.

Esquerda. Vencida estou : ¡ Que dialectica !
 ¡ Que persuasiva rethórica !
 ¡ Que discurso cheio de ethica !
 ¡ Que vasta sciencia histórica !
 ¡ Que suasória tão pathética !

Em tudo falais verídica :
 De louvor com jús sois cúpida.
 No fôro , com tal causídica
 Vós foreis tudo , e eu estúpida
 N'uma sentença jurídica.

Direita. Basta , basta de ironias :
 Refuta rasões discrétas ,
 Se pôdes , porém não rías :
 Deixa da Italia aos poetas
 Eguaes esdruxularias.

Esquerda. Aproveitando a licção ,
 E a licença , que me-dá ,
 Juro já fé de honrada mão !
 Entrar em materia já ,
 Co'a mais sisuda oração.

No meó humilde intender
 A questão dous pontos tem ;
 Dous pontos : e vem a ser ,
 Se eu faço , ou não faço bem ,
 E se o posso , ou não faser .

Quanto á primeira , é verdade ,
 Que a direita diligente
 Funda , ou toma uma cidade ,
 Enquanto a esquerda dormente
 Jaz no seo bolso á vontade .

¿ Quer-se um návio ? a direita
 Agarra só no machado ,
 Prostra o bosque , serra , ageita ;
 Mal me-tenho precatado ,
 Apalpo uma náu perfeita !

Sem mim , tere a tecedeira ,
 Atira o atirador ,
 E cosinha a cosinheira ;
 Sem mim , tóca o tocador ;
 Tu és a só , e a primeira .

A cõr mesma , a cõr bastára
 A decidir a questão ;
 Tu és queimada , eu sou clara .
 O que vai de mão a mão ,
 Só não vê quem não repara .

Passando ao segundo artigo,
 Se posso, ou não faser bem;
 Com minha vergonha o-digo;
 Comigo a natura é mãe,
 Cruel madrasta comigo.

Tu nasceste habilidosa,
 Como eu inerte nascí;
 A educação cuidadosa,
 Que te-fez tão destra a ti,
 Fóra comigo ociosa.

João Jacques (certo animal
 Que tracta da educação)
 Diz, que com disvèlo igual
 Se-crie uma e outra mão,
 E eu serei tua rival.

Que, por exemplo, na escripta
 Nos-empreguem sem diff'rença....
 ¡ Havia ficar bonita !
 Ja Macróbio assim não pensa,
 Mas é porque esse medita.

Diz, que a parte esquerda é fria,
 Que a parte direita é quente:
 Com figado e anatomia,
 Decidiu, mui sábiamente,
 Que eu nada faser podia. (1)

(1) Macrobius. Saturnal. Lib. VII. Cap. 4.

Tu é que fases tolice,
 Fidalga, em não me-cortar
 Pela minha mandriice.
 Sem mim pôde-se passar.
 Abaixo a canalha... — Disse.

A direita, que affastada
 Se-tinha estado torcendo
 Em crespo murro fechada,,
 De injúrias tropel horrendo
 Hia soltar indignada...

Eis que ouço diversa gente
 Vir entrando na cosinha,
 Fugida ao frio inclemente ;
 Nos bolsos, com máguia minha ,
 Sumi as mãos de repente.

INSCRIÇÃO,

Para um monumento lapidar, juncto a Alcaçar-do-Sal, á memória dos liberaes alli assassinados.

Aqui de tua patria os defensores
 Tragaram do martyrio inteira a taça :
 Viandante! leva as lagrimas e as flores ;
 Lê só, dobra o joelho, adora, e passa !

HYEMS.

ELEGIA.

Arboribus cecidere comæ, tacuere volucres,
 Et nive sub tristi dura rigescit humus.
Jam procul intonuit contractis nubibus æther,
 Nigra repentib[us] ignibus alva milcant.
Nox rabidis fūtiōsa Notis ruit undique cælo,
 Et radiant toto sidera nulla polo.
Nunc agite, nunc ferte, viri, quæcumque per agros
 Raptæ procellosò vortice silva jacet,
Pauperis oh! tuguri dissolvite frigora, Divi,
 Longus et in noctem luceat igne focus.
Nunc, pueri, properate simūl, properate, puellæ,
 Considat mixtis garrula turba jocis.
Bruma, valē, valeatis, agri: dum luceat ignis,
 Ventorum ridet rustica turba minas.
Dum tereti volvunt fuso sua pensa puellæ,
 Altera in alterius carmina cārmen adit.
Et pecoris blanda comitatur arundinē custos
 Filidis argutos, dulcia verba, sonos.
Hæc canit aligeri contémptos Numinis ignes,
 Atque puellari tēla repulsā sinu.

Dumque capit, nititurque animos finxisse superbos:
 Nescio quis tacitus conficit ora rubor:
 Arrident cunctæ, cunctæ convicia miscent,
 Accensis oritur jam nova causa genis:
 Nescio quem spongent, de quo negat illa, Menalcam;
 Fabula nec pago notior ulla fuit.
 Nunc salibus locus est; nunc verbalicentius audent;
 Cum vetula in fusum candida fila trabens,
 Atque animo longos repetens, quos degerit, annos,
 Incipit, et narrat, dum latus omne silet.
 Nunc capit, aut trepida regem sub nocte vagantem,
 Cui procul è magica visa lucerna domo;
 Aut sine posticibus cantatae mœnia turris,
 Regnat ubi in raptâ virgine dirus Arabs.
 Ora tenent omnes, et longa silentia fiunt,
 Dum furit excluso turbidus imbre Notus.
 Quid cessare juvat? nunc pocula sumere tempus,
 Nunc deceat arguto tingere verba mero:
 Jam mihi castaneæ crepitant sine cortice flav,
 Quas prius accensis supposuere foci:
 Spargite nunc cineres, et opimam carpite prædam,
 Rursus j o! pateras, et bona vina date.
 Terque, quaterque juvat radiantis munere Libri
 Expleri: siccis sit malus unda pudor.
 Nos celeres ventos, tonitrus spernamus, et imbres,
 Amphora in alternas itque, reditque manus.
 Illic et risus, et verba jocantia certant,
 Atque pharetrati, candida turba, Dei:
 Illic et cœston, veneresque, et gratia triplex,
 Lusibus atque comes flava juventa suis.
 Basia ferventi fluitant commixta Liseo,
 Carmina blanda, novem, munera vestra, Deæ:

Quare agite, et diras, tu vir, tu fœmina, curas
 Pellite, non nostrum est, quod petit ira Jovis.
 Rumpatur, quicumque ratem temerarius audet
 Incerto fragilem conseruisse freto:
 Aut captis si quis miles ponit otia telis,
 Quique suos unquam deseruere lares.
 Nos servant circum, nemoralia mœnia, silvæ:
 Non ruit in quercus Jupiter ipse suos.
 Stramineis summas ferentia fulmina turres
 Parcunt non parvis invidiosa casis.
 Nos bona simplicitas, pietas nos alma tuelur,
 Lætitiaeque parens, Idaliusque puer.
 Nos tessare decet, genio indulgere secundo,
 Et canere, et quavis cingerē fronde caput.
 Jam vernæ pericre rosæ, cecidistis, aristæ,
 Uvaque pampino grata sapore Deo:
 Post aliquot fugient brumalia tempora lunas,
 Atque perituras terra feret violas.
 Cuncta volant, sapite, ô Juvenes, et, dum sinil ævum,
 Lucro apponatur, quæ datur hora brevis.
 Vernales aliis venient in gaudia soles,
 Qui Jove sub tristi somnia longa gerunt:
 At vos, inclusique domo, curisque soluti,
 Ludite; cessandi tempora longa manent.
 Oscula nec blandis pigeat sumpsisse labellis,
 Nec rapere invititis, grataque verba loqui.
 Me miserum has inter modo Julia nostra fuisset!
 Quod moneo, exemplis condociuisse velim.

A

MAURICIO JOSE' SENDIM.

Por tres veses solicitou e obteve de mim a officiosa amisade d'este nosso , mais ingenhoso e fecundo do que afortunado pintor, que eu me-deixasse por elle retratar: por tres veses sahiu d'esta sua empenhada obra , como de todas o-costuma. D'estes retratos o primeiro e o terceiro; que foram lithographados , conhece-os o público : o segundo , um bello quadro a oleo , conservo-o eu , como offerenda e memória do seo affecto. A epistola foi a expressão da meu agradecimento pelo primeiro.

EPISTOLA.

Já desde Homero , em tráficos do Pindo ,
Amigo meu Sendim , não roda o ouro.
Versos , bustos , painéis , primor das graças ,
Pague-os sécco bretão por sommas brutas ,
Se muito ha que do auctor deu cabo a fome .
Lisonja em metro , em marmores , em côres ,
Incommende-a o mimoso da fortuna ;

Pague com seos dobrões a glória alheia.
 Nós que, longe da terra, ao vulgo estranhos,
 Vivemos facil vida anachoreta
 Por solidões de imaginario mundo ;
 — Que os louros para nós, por nós plantados,
 Ouvimos susurrar por sobre o colmo
 Da hermidinha, onde as musas nos-visitam ;
 — Nós, nós, a quem deu alma a naturesa,
 Não terrea, não mortal, não simples alma,
 De instinctos animaes fugaz composto,
 Mas generosa, esplendida, sublime,
 Mixto da etherea luz, do olor das rosas,
 Do górgonio do cysne, e do profundo
 Bramir do oceano; e do beijar das rólas,
 E do alívio melancolicó da luá,
 E da calma do estío, e das sonoras
 Bafagens tuas, Hespero, e do lume
 Trémulo e scismador dos longes astros,
 Não pomos preço vil ao que é sem preço.

Como lá n'outra edade, entre homens simples,
 Colono, pescador, monteiro, artista,
 De mão a mão seos commodos trocavam,
 Tal dura e durará commércio nosso.
 Irmãs, e não rivaes, as artes-bellas
 Apertem mais e mais seos mutuos laços :
 Sua origem communum, seos fins os mesmos
 Impõem-lhes lei de amar-se, unir exforços,
 Umas ás outras realçar o encanto.
 Mais, muito mais que irmãs, são todas uma;
 Em nome, em forma varia é uma a essencia;
 A bellesa, a verdade, anceliam todas.
 • Pinta o Meónio, poetisa Apelles,

Phidias dergama em marmore a harmonia;
 Orpheo nos magos sons esculpe os deuses.
 Não ha mais que um só deus, uma verdade,
 Uma bellesa só: mostrala em cores,
 Em figuras, em sons, em phrases podes:
 São cultos de um só nume em línguas várias:
 A amendoeira, em flor é primavera,
 Primavera é como ella o céo macio,
 Primavera a violeta, os ninhos novos.
 Unica e pura a interna luz do ingenho
 Dos sentidos no prisma se-refrange,
 E sahe cambiada em fulgidos matizes.
 Como as cores são luz, são estro as artes.
 De nossa indústria os fructos permutemos.
 O mago teo, pincel doou-me aos evos;
 Se os versos meos aos evos resistirem,
 Nos versos meos refloirá teo nome.
 Ah! não poder eu mais... ! qual tu meo todo
 A' estampadora pedra o-confiaste,
 Capaz de consundir maternos olhos!
 Não poder eu tambem pintar no metro
 Genio, vida, expressão, physionomia
 De quadros, onde a mente aos olhos fala!
 Desegual foi comnosco a natureza:
 Amante seo feliz tu gosas d'ella,
 Abráça-l'a com extasi, surri-te,
 Descobre-te um a um seos mil incantos;
 E como se um tal bem não fosse immenso,
 Diz-te = Eis-me aqui, retrata-me, ó ditoso;
 D'onde os gostos extrahe, extrahe a glória. =
 Não assim eu: eu busco-a... ella se-occulta;
 Chamo-a, invoco... ou não vem, ou só de longe

Fugaz e esquia se-entre-mostra, e passa,
 Como visão por sonhos vaporosos; —
 Como scena confusa e namorada
 De já perdido livro; — como idéa
 Da mui longinqua infancia, que inda a medo
 Por sob as cãs revôa ao pé das urnas; —
 Ou como o astro da noite em selva umbrosa; —
 Ou como as voses de um serão do estio,
 Quando da aldeia as virações as-levam
 Sôltas e vagas ao curioso ouvido
 De erradio viandante; — ou como o volto
 De ingrata amada em vão, que evita encontros,
 Leve atravez das árvores refogé,
 Sem deixar mais de si que a viva imagem
 D'alva roupa esvoaçada e gostos idos!
 Realiso as qne a Grecia fabulára
 Impaciencias do Alpheo, quando entre as nevugas,
 Dôido de amor, frenetico, debalde
 A vedada Arethusa andou buscando;
 « Nympha, vi-te, clamava, ai! quero ver-te! »
 E o ai, com que as florestas apiedava,
 Não apiedava o coração da exempta.
 A' beira de suas águas fugitivas
 Depois cançado e triste hia incostar-se
 A procurar pelo ânimo saudoso
 Que feições inxergou, quaes poderiam
 Ser as maís que não viu; compunha-a toda,
 Linda sim, mas phantastica; e por ella
 Com longo affecto os echos entretinha.
 Por isso ninguem peça inteiro canto
 Na harpa quebrada! A voz de outros poetas
 Que o-só-le; não me-assombra: a solpha inteira

Perante os olhos seos se-desintrola.
 Minha harpa incerta em solidões por noite,
 Não apontados sons pendente exhala,
 A capricho de um zephyro que adeja.
 De Achilles, dos Jardins, do Eden os vales
 E dos Bardos o Bardo, Ossian o altivo,
 (Pelo seo estro o-juro ; immensa jura !)
 Taes não subiram, se ás geladas trevas
 Desde a infancia atro genio os-condemnára.
 Manhã da alma existencia, oh ! como alegre
 Me-alvoretreste ! Oh ! plena luz, inlêvo
 De que o minimo insecto ignaro gosa,
 Riquesa, de que é rico o mundo todo,
 Luz, com pródiga mão dos céos lançada,
 Vida, belesa, luz! palavra etherea,
 A unica de um deus no grão momento,
 Em que ao formado mundo erguia o panno...
 Luz, luz, eu te-gosei na infancia minha:
 Gosei!.... quem te-possue gosa-te acaso ?
 Não ; pródigo, indiff'rente, como todos,
 Vi-te, desperdiciei-te. Ah ! quem me-dera
 D'essas horas douradas um minuto,
 Uma só gotta d'essas fontes amplas
 Por este areal tão séceo ! Oh ! com que sede
 N'esse momento me-vingára de annos !
 Que joyas no poetico thesouro
 Avido para um seculo ajunclára !
 Como ás imagens pallidas, que á força
 Te-arranco, ó naturesa, como arranca
 O ouro entre feses duro escravo à mina,
 Como a tantas imagens desbotadas,
 Rico legado do minino ao homem,

Reviverá o matiz, o fogo, o lustre!
 Então, para pintar florestas, mares,
 Não precisará de espreitar confuso
 Um ramo a folha e folha, ou já no cópo
 Agil movido o rutilar da limpba.
 Se ouvisse descrever a magestade
 De um rosto varonil, de uma formosa
 O incanto, de um minino as grácas lindas,
 Tudo isso o variára a mente fácil.
 O aspecto do varão nem sempre sórria
 A paternal presença. Além de Amália,
 De meos brincos paeris, ligeira socia,
 Mais formosas houvesera, e mais formosos
 Anjos mortaes que o meo gentil, do espelho,
 De olhos tão vivos, tão córado aspecto,
 Riso tão doce, e que eu amava tanto...
 Saudades vãs! desejos vãos e acerbos!
 Se o mar, se o céo, se os campos se me esquivavam,
 Róla a mente em seo mundo infiados, mares,
 Campos liberastrand o opulencia estranha,
 Circumvolvendo os céos fervendo em astros.
 Tal de Agenor o filho a patria perde;
 Mas se lei deshumana o lança em fuga,
 Oráculo febeo condul-o a thronos:
 Por Tyro que pendeu lá funda Thebas;
 A de cem portas nos canoros muros.
 Mas a patria... era a patria; aquella Tyro...
 Era a Tyro da infancia; o solio, Thebas,
 O elysio, o olympos mesmo a não valeram.
 Feliz o para quem da vida as portas
 Se-lhe-abriram sem luz! Só tem metade
 Do humano apêgo ao mundo, e o horror à morte;

Não viu, chupando o leite, o seio amigo,
 O surrir brando, os olhos, e nos olhos
 O coração materno: as irmãs suas
 Não foram mais que uns sons; a rosa um cheiro;
 Movimento o passeio; o sol quentura;
 Um monte, a estiva noite, as Graças... nada.
 Longe outra vez, e para sempre longe,
 Saudades vãs, desejos vãos e acérbos!
 Que me-importam canções? que outrém descreva
 Com mais proprio matiz do mundo os quadros?
 Que tenha ou não mais asas para um vôo?
 Que importa que um volume de poesia
 Seja um tesouro para mim sem chave?
 E que dos seios do ânimo rebentem
 Meos versos cavadosos; sem que eu possa
 Co'a propria dextra abrir-lhes a passagem,
 Por onde ávidas páginas inundem?
 Não me-rege inda a luz os raios passos?
 Não me-tinge inda ao perto as várias fórmas?
 Livros... pluma... olhos meos e dextra minha
 Quando jamais n'outro eu me-falleceram,
 N'outro eu, onde os-amei e os-amô em dôbro?
 Graças a amor! à naturesa graças!
 Logrei constante, e lograrei perpétuo
 Nos laços fraternaes cônscrio d'almas,
 Nos de hymeneo fraternidade nova;
 Meo ente n'estes entes se-completa,
 Já bardo sou tambem... sahí, meos versos!
 Pura mão, dom dos céos que cù pago em beijos,
 Solícita vos-abre ao mundô a estrada;
 Sahí, vóae; da gratidão fervente
 Aos olhos de Sendim levaê meos votos!

O AMOR E O TEMPO.

CONTO.

Um dia o Amor e o Tempo sósinhos se incontraram
Em certa solidão.

Alli, entre os dous nunes, pendencias se travaram...
Não sei porque rasão.

O Amor é deus ininino, ligeiro, audaz e alado,
E cheio de poder:

O Tempo é deus forçoso, indomito e apressado;
Qual deve pois ceder?

De ralhos e invectivas passaram a violencia;
Combate se travou:

O Amor brandiu seo arco; e o Tempo, com demencia,
As setas lhe-aparou.

Depois enfim, cançado de tanto sofrimento,
Sacou da foice o pão,

E sem lhe-diser nada, pagou-lhe o atrevimento;
Zurziu-o, e não foi máo!

Qual foi o resultado? O Tempo ficou morto
E quasi morto o Amor!

Aqui começa o zoilo a achar sentido torto,
Moralinda peior.

Eu conto-lhe uma história, sem lhe-junctar commento
Sem pôr-lhe explicação;

Elle suppôe que eu pinto namôro e casamento...
Oh grande sem rasão!

O ANJO DA HARMONIA.

A' SR.^a D. MARIA CONSTÂNCIA ARNAUD DE MEDEIROS.

Cançoneta.

Amor, que influe os cantos,
E os sons extrahe da lyra,
Amor de amor suspira,
Se te-ouve modular.

Anjo, que o nome
Tomas de Armia,
Dos céos á terra
Toda a harmonia,
Todo o segredo
Vens revelar.

Amor furtado havia
A's nove irmãs o plectro;
De Gnidio em trôco o sceptro
Tu vens ás musas dar.

Anjo, que o nome
Tomas de Armia, etc.

Que humano pôde oppôr-se
Aos sons, que tu soltares?....
Se a ingratidão cantares,
Pôdes fasel'a amar.

Anjo, que o nome
Tomas de Armia, etc.

Teos sons, até sem phrase,
 Foram linguagem bella.
 Rival de Philomella,
 Faláras sem falar !.

Anjo, que o nome
 Tomas de Armia, etc.

Ama a rasão perder-se,
 Quando por magos cantos,
 Sereia, em mar d'incantos
 A-fases naufragar.

Anjo, que o nome
 Tomas de Armia, etc.

Quem disse = adeus = a ingratas,
 Fuja de ouvir-te.... ou logo
 Verá da cinza o fogo
 Mais vivo rebentar.

Anjo, que o nome
 Tomas de Armia, etc.

Se a Ignez soltando achassem
 Sons, como os teos divinos,
 Seos ferreos assassinos
 Fugiram, sem n'a-olhar.

Anjo, que o nome
 Tomas de Armia, etc.

EPITAPHIO.

Aqui jaz frei Gaspar, general dos franciscanos;
 Crêmos, com fé, que esteja em bom lugar;
 Teve uma vida sancta; e durando oitenta annos
 Não fez mais que um peccado este bom frei Gaspar.
 Tomou uma broega aos vinte annos de idade,
 De que enfim se-desfez no dia em que morreu.
 Se acaso és taberneiro aqui d'esta cidade,
 Lê, chora, resa, vai-te, e deixa o officio teo.

AO MESMO.

As minhocas nas mais cóvas
 Comem quantos lá vão dár;
 Nesta bebem as minhocas
 O odre velho, frei Gaspar.

AO MESMO.

Debaixo d'esta campa, ó passageiro,
 Queres saber quem jaz? toma-lhe o cheiro.

AO MESMO.

N'esta cóva, com fôro de lagar,
 Fermenta agora o caxo frei Gaspar.

AO MESMO.

Jaz aqui frei Gaspar do Taber,
 Confessor, pregador, revisor,
 Moralista, casuista, scutista;
 Latinista, helenista, organista;
 Homem grande em sagrado e profano;
 Grosso nó do cordão franciscano.
 Foi varão tão constante e tão forte,
 Que em noviço uma lage apanhou,
 E sómente a largou, quando a morte
 Esta em cima por fim lhe-deitou.

AO MESMO.

Aqui devóra a terra os restos vís, terrestres,
 Da glória, inveja, e flôr dos nossos padres mestres.
 ¡ A sua alma, quem sahe agora onde andará?
 Talvez dôida, apesar do seo saber profundo.
 ¡ Como havia de achar as portas do outro mundo
 Quem até na da cella esbarrava por cá?

Satisfacção.

Saquei á luz os serôdios epigrammas, que ficam lidos, pela mesma rasão porque tambem vieram á praça os meos apódos ao bom, e já finado, de *Filinto*. Eram conhecidos, e cumpria-me tomar aso para expical-os na parte, em que podiam deixar presuppor em mim veleidadesinha villâ de calumniador, e calumniador contra gente morta.

A conta, em que tenho, e se-devem ter os frades, já em outro escripto a-expliquei largamente (*Jornal das Bellas Artes n.º 2*), e não receio agora tornar a passar. a tal respeito, por philosophão do *dicionario philosophico*. Mas n'esse mesmo escripto, repassado de toda a sinceridade da minha alma, confessei eu, que, entre os frades os-havia ruins e dissolutos para maior crédito dos outros — e havia; todos os-conheceram e conhecí-los eu tambem. Um d'estes, mas ainda vivo a esse tempo, foi o heroe dos meos epitaphios; que por signal, lá foram dar ao convento, e, como castigo justo, não desagradiaram aos padres sisudos e honestos. O mais que fiz, e deví faser, foi trocar o verdadeiro nome do tonsurado odre no de fr. Gaspar.

A

FILIPPE FOLQUE.

Já a nossa poetisa, Francilia (a sr.^a D. Francisca de Paula Possolo da Costa), havia padecido, com a morte de um espôso adorado, o golpe que tanto lhe-antecipou a sua, quando, por carta d'ella, me-constou, no meu re-tiro de S. Mamede da Castanheira, que uma sobrinha, alumna sua, seos amores, e sua companhia desde a in-fancia, donzella em flor de annos, e ornada, como por tal mão, de prendas e virtudes, hia felicitar com o seo consorcio ao meu bom amigo, Filippé Folque. Fisera eu versos, e muitos, para procurar alguma sombra de con-solação á inconsolavel saudade da viuva; versos, que n'ou-tró volume brevemente offerecerei a meos leitores. Rasão era que o unico dia de algum contentamento, que para ella podia haver sobre a terra, não passasse sem versos meos. Escrevi ao noivo esta epistola, no genero que ella d'entre todos preferia; no genero classico estréme; o que explica, se não defende, certa soltura, não fescennina nem catonniana, mas pouco para imitar, pela qual em dia de bôda deixei correr o pensamento.

Mais explicações que em notas, ou aqui podéra pôr, supprimo-as por escusadas. Todos sabem o que foi e o que é o sr. Folque: a faculdade de mathematica da uni-versidade de Coimbra, viu n'elle um dos seos mais dia-

tinctos alumnos ; a eschola polytechnica n'elle vê um de seos mais distinctos professores : um genio facil e amea- nissimo , e gôsto litterario, qualidades não muito frequen- tes nos desterrados para as estrellas , relevam e douram os seos meritos scientificos : a minha prophecia de filhos não era das mais temerarias ; sahiu muito bem realisa- da ; um minino de 4 annos , e uma minina de 3, derra- mam já hoje n'este invejavel casal aquella bemaventuran- ça terrestre , que nunca introu onde não intraram as creanças.

Mais uma palavra por despedida. & Porque rasão fasiam alguns mythologos filho de Urania , da musa da astrónomia, ao hymeneo ? A não ser á conta dos horóscopos ; a não ser o pensamento d'essa allegoria o mesmo , pouco mais ou menos , do nosso rifão — casamento e mortalha — não a-atino , nem já a-procuro . Com fundamento ou sem elle , achei feita essa filiação ; serviu-me para o caso , approveitei-a. ; Quantas outras cousas se não aprovei- tam todos os dias, sem se-saberem explicar !

EPISTOLA EPITHALAMICA.

Se musa de ermitão se-admitte em bodas ,
Das brenhas , em que dorme , invio a musa.
A brindar-te no Téjo , amigo Folque :
Leva na dextra rosa de noivado
Pór passaporte ; e se não basta leva
Os parabens de um bom amigo ausente.
Teos saudadores , folgasãos convivas ,

A-accolham pois; que certo nos teos lareds
 Sei eu, qué lhe não falta aceolhimento:
 Onde das nove irmãs ja vivem duas
 A terceira é bem-vinda: e se, toucada
 De lúgubre cypreste, a de Francilia
 Deixar no aureo festim sem uso o plectro;
 Bem é qué a tua Urania ao menos ouça,
 Que outra irmã sua o seo praser celébra.

Cahiste emfim, rochedo inabalavel,
 Coração desdenhoso; emfim cahiste!
 O que tão sem piedade has feito a tantas;
 Uma t'o-fez: ¡estás vencido e escravo!
 (O dia triumphal nos fastos cíprios,
 Digno de letras d'ouro em níveo jaspe!)
 Estás vencido e escravo, e o jugo adoras!
 Ah! se amor, qual te-pune, aos mais punisse;
 Quantos e quantos, em logar de honra-o
 Repulsariam seos primeiros tiros!
 Mas por um, como tu, que ingrato amima,
 Milhões de sérvidos bons pôe elle á morte.

Longe os queixumes, longe os ais dos tristes;
 Coroemos nossa alma de prasetas,
 De murta as nossas testas, de grinaldas
 Os nossos copos; coroemos de hera
 As nossas lyras, de loureiro as graças,
 De palmas o hymenéo; toldam-se os ares
 Com os vapores do incenso, que ás mãos cheias
 Lhe-arde na pyra. Sejam estas nuvens
 D'este alvo dia as unicas; & deuses!
 Desce, não tardes mais, desce do olymbo,
 Võa hymeneo; com fresca mangerona
 Intertecido a trança lusidia,

Vem soprando, com o halito de rosas
 Da bocca alegre, ao facho, que furtaste
 Astutamente a amor: baixa, ondeando
 O teo manto de púrpura inflamada,
 Com que has-de o joven par cobrir nas plumas,
 Pórque olhos máos de inveja o não fascinem.
 Baixa, hymenéo, vña hymenéo: ja soam
 De toda a parte os hymnos; que mais tardas?
 O espôso mal soffrido ja te-accusa:
 A melindrosa espôsa — toda péijo
 Por ser feliz — co' os olhos baixos, sólta
 Suspiros não maguados, mas suspiros.
 Ella deseja e teme... o que não sabe,
 Elle sabe e não teme o que deseja.
 Vña, accode, hymenéo, despenna-os ambos.
 Alteae cantos, alteae, vós moços
 Por disfarçar suspiros invejosos,
 E vós, ó virgens, turbações visíveis.

Viva hymenéo! Silencio! Ahi bate a hora!
 Eis o nume, eis o nume; o fogo da ara
 Ateou-se por si! Vede-o, que rindo
 Sacode o facho emtôrno dos esposos.
 Par feliz, fausto agouro as gnidias pombas
 Deram rolando, volteando em roda,
 Unindo os bicos, inlaçando as asas....
 Ja está nos pulsos o festão perpétuo;
 Ja não sois mais do que um! N'este momento
 N'um fuso novo as parcas principiam
 A torcer junctos vossos fios alvos,
 Em quanto uma das tres surrindo, e á pressa
 Carrega em rocas de ouro a seda rubra
 Da amavel, numerosa descendencia.

Mãe de hymenéo, formosa Urania, exulta,
 Esquece o teo ar grave, Horacio o-disse,
 — E' de juiso o-doidejar a tempo : —
Mão-grado ao longo manto asul-celeste,
 E á nobre c'roa de astros, que te-ufana,
 Dança co'as graças hoje: ao teo alumno
 Devias muito; mas teo filho o-ha pago.
 Dança co'as graças, dança co'os amores,
 Bella Urania, e perdoa-lhes o furto,
 Que te-fiseram do compasso e esphera.
 Torna-te culta, lava-te da nodoa
 De nimia sequidão; faze-te humana
 Entre os humanos; teos laureis estremes
 Não têm a vista de um laurel com rosas;
 No que estreme teceste ao teo alumno
 Teo filho as-entresacha: os bons amantes
 Tão raros são como os ingenhos raros,
 Uns e outros ganham jus ás eem trombetas:
 Deixa que o teo mimoso á glória corra
 Por estrada não érma. Embora aquelle
 Sobre cujo sepulchro inda hoje choras,
 Embora Newton, só fecundo na alma,
 Virgem descesse á campa: embora muitos
 (Sem o-tomarem por modélo n'isto)
 Nos-preguem, que a abstinencia é mãe do ingenho,
 E que a deusa mais sábia era a mais casta:
 Cada qual tem seo fado, ou tem seo genio,
 E mais de uma vereda á fama guia.
 Os homens instruir é muito menos
 Do que instruir os e augmentar-lhe a especie.
 Se-é bello andar por céos medindo globos,
 Bem doce é vir depois gosar na terra

Dous globos sem eguaes , por pinguem vistos ,
 E contemplar os vivos moyimentos
 De dous astros de amor , onde fulgura
 Do observador o horóscopo ditoso .
 O estar sosinho e mudo como Newton
 A analysar a luz , valerá tanto
 Como ser dous a-desfructar as trevas ?
 Deseseis lustros sem amor são muito
 Para comprar mais pompas no epitaphio .
 Estudem-se altas leis , que a naturesa
 Dicta aos mundos e aos sões , cumprindo aquellas
 Que a mesma naturesa em nós imprime .

Nenhum astro primeiro incéta a noite ,
 Nenhum deixa mais tarde o céo ja branco ,
 E nenhum fulge tão gentil como esse ,
 Que tem da mãe de amor bellesa e nome ;
 Parece posto alli como a atalaya
 Das horas do segredo , e das carícias ,
 Dos doces furtos , das suaves queixas ,
 Dos tardos prémios , dos triumphos cautos .
 Vós que Newton chorais , chorae-lhe a vida ;
 Vós que estudaís o céo , dai culto a Venus !
 Tu lh'o-dás , caro Folque , e mais que os outros
 Agora carpirás teo pobre mestre .

Feliz tu , veses tres e quatro , e tantas
 Quantas já nos teos numeros não cabem :
 Feliz tu ; dos praseres mais subidos
 Nenhum ha , que os destinos te não dessem !
 Tu conhecesto o incanto das viagens ,
 O de achar a evidencia ; o do reinado
 Dos corações , co'a mágica harmonia :
 Faltava o que hoje tens , e excede a todos ,

Dar a ventura e recebê-la amando.

**¡Oh! e quanto amará quem tem por sua
Essa alma, que respira em tua flauta!**

Nunca assim nas arcadicas florestas

**O deus, inventor d'ella, e o mais amante,
A-fez queixar-se aos ecches admirados!**

Labios, que em vagos sons exprimem tanto,

¡Que não farão em repetindo — eu te amo!

¡Que não farão beijando um seio intacto!

Com dextro pé subaes ao ígneo thoro;

Felises corações; e amor sem venda

Vos-seja cada noite o paronympho.

Pensae, que se nos céos se-avista Venus

Tambem lá está Saturno, o deus das eras,

O conductor da morte: aproveitae-vos

Da facil moeidade, que não torna.

Para amar-vos fieis por toda a vida

Sêde sempre.... o que sois, amaveis ambos,

E julgæ cada dia o derradeiro.

Para que a desventura vos-respeite

Fasei que sempre unanimes vos-ache.

Imitaæ um com o outro esta harmonia,

Que reina entre o planeta, em que habitâmos,

E essa gentil satellite visinha.

Se a lua corre o círculo do anno

E' girando em redor do seu planeta;

Se-este avança na orbita prescripta

Não deixa atraz um só momento a sócia;

Ambos elles têm dia, ambos têm noite,

Mas graças á união com que viajam,

Um ao outro allivia, e infeita as noites,

E reflectindo a luz, mais doce a-tornam.

„ Ah ! cumpra em vós o céo , brilhantes astros ,
 Do vosso hermita as súpplicas ardentes ;
 Nunca tereis eclypse , eu vol-o juro ,
 E correreis uma órbita sem termo .
 Em quanto eu cá na seria , entre os meos lobos ,
 (Mas louvores á sorte , ausente de homens)
 De ti me-lembro , amigo , e em honra tua
 Orno um bom copo de silvestres flores ,
 Tu a amor , nada mais , por ora intregue ,
 Depois só repartido entre elle , e Urania ,
 „ Terás para a amisade um pensamento ?
 Sim ! ao menos o mez do umbroso Jano ,
 Que ao mundo me-lançou , fará que obseves
 Nascer no espaço ethereo a lyra muda ;
 Muda a lyra , em que Orpheo deu glória á Thracia ,
 E as Thracias não moveu , movendo os Manes .
 Se eu te-lembrar então : dise saudoso ;
 „ Outra menos brilhante existe agora ,
 „ Muda tambem , n'um êrmo em nossa Thracia ;
 „ A que além brilha commovia os brutos ,
 „ Refreava os tusões ; e esta receia
 „ Mandar o som mais leve ás brandas auras ,
 „ Porque feras mais barbaras que as feras ,
 „ Porque bandos mais ebrios que as bacchantes ,
 „ Não desincantem , não devorem vivo
 „ O vate , réo por não cantar a infamia . ”
 Se desejas pagar-me o puro zélo
 Com que a lyra espertei para cantar-te ,
 Dá-me (e darás) em nove lpas certas
 Novo motivo de c'roar tres copos .

A RIBEIRA E O LAGO.

FABULA

Que já teve mais sentido do que hoje tem.

Uma ribeira plácida,
Filha de pobre fonte,
D'entre rochedos ásperos
Vinha de alpestre monte.

Hia sem nome, e incognita,
Correndo extensos prados,
Auxiliar do agrícola
Os próvidos cuidados.

Aqui lhe-dava o rústico,
Nas hortas, franca intrada;
E a clara lympha argêntea
Em ondas derramada,

Nos sulcos imbebendo-se
Nutria os vegetaes:
Mais longe diffundindo-se
Por concavos canaes,

Hia os pomares floridos
Regar no fim do dia;
De pasto verde e róscido
Nas margens se-vestia.

A' vaga turba alígera,
 Aos gados e aos pastores
 Matava a sede râbida
 Co'os frigidos licores.

Das aldeãs os cântaros
 Inchia até no agosto ;
 E como espelho lúcido
 Lhes-retratava o rosto.

Co'o fresco e co'o murmurio
 As moças convidava ;
 E em sombra fria e tácita
 Os membros lhes-banhava.

Quando no inverno barbáro
 Os ventos sibilavam , -
 E os puros céos diaphanos
 De nuvens se-affrontavam ,

Quando silencio lúgubre
 Nos campos se-estendia ,
 E só da chuva o estrépito
 Nos bosques relinia ,

Quando em torrentes rápidas
 Dos montes escalvados
 As águas , derramando-se ,
 Vinham cobrir os prados ,

Então com maior ímpeto ,
 Com forte murmurinho ,
 Tinha maiores préstimos
 Por todo o seo caminho.

Cahindo branco e túrgido,
 Com sua furia toda,
 Do moinho em leves círculos
 Voltear fasia a rôda;

A galga pesadissima
 Na vasa do lagar
 Em prolongado vértice
 Fasia remoinhar;

Emfim, sereno ou tûmido,
 Correndo o bom ribeiro,
 Inglório, mas profíuo,
 Servia o anno inteiro;

Já desfaleado e tenue,
 Mas sempre doce e ledo,
 Se-hia ingolfar por ultimo
 N'um lago vasto e quêdo.

Bosque de muitos séculos
 Tolhia aos ventos vagos
 Turbar o amplo círculo
 D'este primôr dos lagos.

Verde broquel frondífero
 Por cima lhe-estendia,
 Contra as frechadas rápidas
 Do sol do meio dia.

N'um fresco, n'uma crepusculo
 De eterna duração,
 Dos fogos da canícula
 Zombava o soberbão.

Nas noites solitarias
 A maga Philomella
 Cantava a paz suavissima
 De solidão tão bella.

Do melro a grave música,
 E d'outros mil cantores,
 Do lago alçava a glória
 Nas asas dos louvores.

Nymphas dos valles proximos
 O-vinham visitar;
 Ouvia de contínuo
 Seo nome aos echos dar.

Gosava quantos cōmodos
 Um lago pôde ter;
 Só lhe-faltava o mérito
 De proveitoso ser.

Era estagnado pântano
 Corrupto, esverdinhado;
 Beber-lhe as águas, sórdidas
 Temia armento e gado.

Os vermes habitavam-no:
 Sahia, e nunca em vão
 De seos miasmas putridos
 Contínua exhalação.

Nas proximas planicies
 Miserrimas doenças
 Fasiam com seo hálito
 As solidões immensas.

Da habitação selvatica
 Fóra jamais passou,
 Nem de ajudar o agrícola
 Co'as regas se-dignou.

¡ A' sua nobre inercia
 Que pôde haver que impôrte ?
 Só de árvores sem prestimo
 Nutrir faustosa côrte.

Eis o gentil depósito
 Onde a corrente mansa
 Os seos thesouros líquidos
 Continuamente lança.

Um dia a torva Nayade
 Do lago preguiçoso,
 Olhou seo feudatario
 Com gesto desdenhoso....

Olhou-o, porque o misero
 Té alli nem fôra olhado;
 E disse-lhe, surrindo-se:
 « — ¡ Como tu vens cangado !

» ¡ Como vens pobre e humilimo !
 » ¡ Que bom vassallo que és !
 » ¡ Vêde as rendidas pareas
 » Que arroja ante os meos pés !

« ¡ Vil, insolente, perfida,
 » E ousas assim tractar-me ?
 » Pelos meos bosques, juro-te
 » Que saberei vingar-me.

„Farei que a fonte incognita
 „D'onde lhe-sahes tão pago
 „Venha no centro líquido
 „Correr d'este meo lago.

„Co'uma palavra mágica
 „Te-sumirei no pó,
 „Sem que de ti, sacrilego,
 „Fique um vestigio só. „

Não bem findára a Nayade,
 Annúe a selva; ¡então!
 Das aves sôa, unísona,
 Geral acclamaçâo.

O feudatario mísero
 Da ameaça vã tremeu,
 Porém comsigo tácito
 Dest'arte discorreu:

“—¡Que orgulho e louca insanía!
 „Um lago é pois mais nobre!
 „Insulta-me, despresa-me
 „Por util ser, e pobre!

„Suppõe, no seo delirio,
 „Que excede a mil ribeiros,
 „Por ter antigas árvores
 „E alados lisongeiros.

„¡Com altivez estupida
 „Como é que a tal se-atreve?
 „¡Não sabe que a existencia
 „A's minhas águas deve! — ”

Prelados, duques, principes,
 Para não ser molesto
 A vossas excellencias,
 Vou resumir o resto.

Langas leituras cançam-vos,
 Não sendo em pergaminho:
 Tornar-me-hei pois lacónico,
 Sem me-tornar mesquinho.

O meo regato incógnito
 De direcção mudou;
 E o lago ficou árido
 Quando elle lhe-faltou.

A doce lympha argêntea
 Emvez de se-estagnar
 Foi mais pomares flóridos,
 Mais hortas foi regar.

O bosque inutil e hórrido
 Co'o ferro enfim cabiu;
 Os males dissiparam-se,
 A vida resurgiu.

Esteril e infructifero
 O campo inhabitado
 Ao curvo dente rígido
 Se-abriu do activo arado.

Aqui termina a fábula:
 Cautela co'as, violencias;
 Deus guarde infinitos séculos
 A vossas excellencias.

AS

DUAS PRIMAVERAS.

Lapa dos Esteios
maio de 1826.

*Non semper idem floribus est hunc Vernis.
Horat. Cam. lib 2. ord. 11.*

E' este o aprasivel sítio,
A gruta amena e florida,
Onde gosei, entre amigos,
O dia melhor da vida.

Eis o rio argênteo é manso,
O caes vistoso e pequeno,
A abóbada de verdura,
O ar macio, o céo sereno.

São estes mesmos, são estes
Os favonios, que eu senti:
Alli gorgeava um melro,
Um melro gorgeia alli.

Foi n'esta gruta que outr'ora,
C'roado de brancas flores,
Eu cantei a primavera,
E por ella ardi de amores.

Então viensem as nymphas:
E a rainha de Cythéra,
Não poderiam mover-me,
Que eu era da primavera.

Suspirei, chamei mil veses;
 Gritos, ais... foi tudo em vão;
 Nunca encontrei no universo
 Quem tinha no coração.

Essa linda e joven deusa,
 Cujo surriso celeste
 O mundo cobre de flores,
 De alma luz o céo reveste;

Essa deusa, pelos vates
 Tantas veses celebrada,
 De Flora sempre seguida,
 Dos favonios cortejada;

Essa que doces desejos,
 Praseres e amor inspira;
 Que eu amei, que tantas veses
 Celebrei na curva lyra,

Jamais existiu na terra;
 Foi minha crédulidade,
 Foram do estro os delírios,
 Que lhe deram realidade;

Nasceu de uma voz secreta
 Que n'alma senti gritar
 — « E's mancebo, é tempo, escolhe! »
 « E' tempo, deves amar! » —

Quiz seguir a lei sagrada.....
 Mas não encontrei jamais
 Que valesse os meos suspiros
 Uma só d'entre as mortaes.

N'umas o genio, orgulhoso
Se-oppunha á minha ternura ;
N'outras o estudo affectado ;
N'outras o ar da loucura.

Qual era da ira escrava ;
Qual invejosa e mordaz ;
Qual do trabalho inimiga ;
Qual inimiga da paz.

Os vícios, os prejuízos
Incontrava em todas ellas ;
Em todas ellas reinava
O genio das bagatellas.

Fujamos da baixa terra ;
Gritei ao meu coração ;
E procuremos um ente
Digno da nossa paixão.

Da natureza no seio
Vi uma linda chimera ;
Segui-a, tornei-me escravo
Da deusa da primavera.

Pelas mãos da natureza ,
Ja preparado o volcão ,
Pôde accender-se , e violento
Rebentar do coração.

Era um sonho o lindo objecto ;
Mas inda que um sonho fosse
Eu, tendo-o na phantasia ,
Tinha d'elle a amavel posse.

Foi então que, todo cheio
 Da minha grata loucura,
 Corri a collina, o prado,
 A gruta, a fonte, a espessura:

A's aves, ao ar, ás flores
 A tudo quanto incontrava,
 Notícias da sua é minha
 Bella deusa eu perguntava.

Mas passou-se a flórea quadra;
 Do anno o tempo melhor,
 A estação de mil prodígios,
 De prazer, de paz, de amor.

A minha doce loucura
 Então senti destruida;
 Doce loucura que um ponto
 Foi de luz na escura vida.

Se esta illusão fosse eterna;
 A que outro invejar podéra;
 O amante de uma deidade,
 O amante da primavera?

O tyranno deus de Gnído,
 A quem meo passado culto
 Talvez parecera estranho,
 Talvez parecera insulto,

Quiz, vencendo-me, c'roar-se
 De novo, difícil louro:
 Accendeu seu facho ardente,
 Poz no arco a setta d'ouro;

Viu Julia, e bradou — « Tu, deusa,
 « Terás da victória parte:
 « Vou pôr um rebelde em ferros,
 « E novo escravo entregar-te. » —

— « Temerario, audaz mancebo,
 « Toma a lyra, então me-diz,
 « Canta que eu soube vingar-me
 « Tornando-te mais feliz. » —

Suspirei; nos meos suspiros
 Senti divino prazer,
 ¡Céos! quem obrou tal prodigo!
 ¡Que nume tem tal poder?

O' tu, que as deusas excedes,
 Mortal, de quem geme escrava
 Esta alma, que as proprias nymphas
 Indignas de si julgava.

Tu não és de meos delirios
 Uma ficção passageira:
 Eu fui de um sonho alguns dias,
 Serei teo a vida inteira.

Substitue a primavera
 Na posse dos meos amores:
 Pódes tão linda como ella
 Incher-me a vida de flores.

Sabes o que ella não sabe,
 Os meos extremos ouvir;
 Responder aos meos affagos;
 Aos meos ais retribuir.

E's adoravel, existes,
 Tens ingenho, e tens ternura;
 Pódes, o que ella não pôde,
 Fazer a minha ventura.

METAMORPHOSES DE TODOS OS TEMPOS.

Viu Gertruria n'um quadro deleitoso
 Uma Leda gentil, que era affagada
 Por um cysne sem par, alvo e formoso;
 E leu por baixo esta inscripção gravada:
 — ¡ Ali ! que não pôde sôbre o triste humano
 O que assim tracta a Jupiter sob'rano ! —

Juncto d'este, outro quadro figurava
 Prado, nymphas, Europa, e o niveo touro,
 Lambendo os pés da bella, que o c'roava:
 E em baixo esta legenda em letras d'ouro:
 — Vibra o raio, enche os céus, fez o que existe,
 Gigantes vence, e a amor emvão resiste ! —

Surriu Gertruria, e cheia de vanglória
 Bradou—“ ¡ ; E pinta-se isto ? ! ; ; e é commentado ? !
 “ ¡ E acham-no digno d'impor á memoria ? !
 “ D'estas faço eu sem ser o nume alado:
 “ ¡ Pois eu não mudo o meo André Maria
 “ Em pato sempre, e em touro cada dia ? ! ”

AO SR. BORGES

EXCELLENTE COMPOSITOR DE MUSICA.

*Epistola acompanhando um exemplar de meu livro
— Amor e Melancholia. —*

¡Entre as serras e o mar quem jaz sentada
Na rocha nua? A brisa solitaria
Lhe-ondeia negra veste, e tranças negras;
O clarão roseo do incendido occaso
Tinge ao pinheiro as balouçadas ramas.
¡Porque não dá seo fulgido reflexo
Sobre esse rosto pálido? ¡que idéas
Lhe-voam negras na assombrada mente?
¡Porque rasão seos olhos descuidados
Correm de leve as matas venerandas,
Os arduos montes, as planicies verdes,
E o, sem fundo nem fin, turbido oceano,
Para pousar no gothicó mosteiro?
¡Ah! que assaz por seo ar se-lhe-adivinha!
Só descortina a face do universo
Pelo prisma das lagrimas. ¡E' morta

Sua irmã? sua filha entre essas virgens?
 Não: mas respeito aos soltos devaneios
 Da musa melancolica do êrmo,
 Sócia infeliz do adorador de Julia!
 Vão-lhe os dias em pranto, em pranto as noites,
 Na solidão se-appraz, no horror se-nutre,
 E como se-ama o riso, ama os lamentos.
 Os filhos do praser, que ao longe ouviram
 Seo amargo queixar na voz dos echos,
 N'alma pasinaram de paixão tão nova:
 Que seria, se ao musicô instrumento
 Casasse a sua dôr, seos ais, seos versos?
 Mas que instrumento musicô os-diria,
 Senão essa que ha séculos intacta
 Lyra de infausto amor la jaz pendente
 Dos alcantis phebêos sobre ívio cume;
 Lyra depois de Orpheo tocada a furto
 Só pelas plumas de celestes auras?
 Quem ao loureiro ethereo, onde se-embala,
 Ousaria voar, trasél-a á terra?
 Cysne, cysne da magica harmonia,
 Podes, ousa, transpõe, assombra os ares,
 Furta ao ramo o fatidico thesouro,
 Trase-o n'um vôo á musa do deserto;
 Que forte por teo dom derrame inchentes
 De ignota, omnipotente melodia.
 Concebidos na dôr, despidos d'arte,
 Acerbos fructos de paixões sombrias,
 Seos versos tem o jus dos desgraçados;
 Aos desgraçados lagrimas arrancam.
 Mas de tua arte accresçam-lhe os prestigios,
 Insope o doce canto as egras queixas,

E o segredo das lagrimas aprendam
 Os olhos seccos de mortaes ditosos.
 ¡Quanto alivio é na dôr o ser carpido !
 O veneno das settas do infortunio
 Obtem co'o pranto alheio um lenitivo.
 Reune aos versos meos, teos sons divinos,
 Luso Amphião, empresta ás minhas queixas
 A persuasão sympathica do canto ;
 E os que me-ouvirem, gémerão comigo,

Nas paixões grandes, iatimas, revôltas
 Quando em fogo as intranhas se-derretem ,
 E o coração esvoaça pela mente ;
 Quando ao poder de um nome se-anniquilam
 Os céos, a luz, e a terra excepto um ponto,
 ¡Quanto é pouco o que exprime a phrase nua !
 N'essas horas exteticas da vida,
 Caia a lyra dos céos nas mãos do genio ;
 Os anciados segredos de repente
 Borbutarão na voz, nos sons das chordas ,
 Chordas que em longa escala se-variam
 De metal em metal, desde o ouro ao ferro ,
 Desde a expressão do riso ao tom das campas.

A musica, essa harmonical lingagem,
 Unica universal, e sempre clara,
 Bem que diversa entre as nações diversas ,
 E' a porteira que franqueia a intrada
 Do incantado universo dos delirios :
 Tudo é domínio seo, a vida, a morte ,
 Céo, terra, abyssmo, sonhos, existencia ,
 A saudade, a esperança, o gôsto, as penas ;
 Prothêo maravilhoso anima tudo ,
 Diversa em sr e em gesto : entre os pastores

**Pastorinha amorosa ingrinaldada ;
Ameaçadora e audaz ante as phalanges ;
Risonha nos festins, nos templos séria.
Vêr como a terra se-anniquila aos olhos
Na escuridão da noite, e como inteira
Resahe do cahos ao fulgir da aurora ;
Cora e surri co'a luz a rosa nova ;
Alegra-se a ceara; o mar se-antolha
Vasto e sublime, tristes as montanhas,
Melancólica a pedra funeraria !
A melodia é a luz que extrahe do cahos
As palavras sem ella amórtecidas ;
Com ella a dôr é dôr, e o gôsto é gôsto.**

**Surge Amphião, preenche os teos destinos ;
As fadas embalando-te na infancia
Te-votaram cantando á eternidade :
Na boquinha entre-aberta e adormecida
Mel do Parnaso as sylphides vertèram ;
Cumpre a tua missão ; assaz Thalia
Cantor te-ha visto de seos brincos faceis :
Aguia pôde adejar por entre flores,
Mas é seo fado remontar-se ás nuvens :
Imita a naturesa : a naturesa
Foi de tua arte a mestra, e é seo modelo ;
Tomou por harpa a face do universo ,
Mas vê com que espantosa variedade
Corre todos os tons ; terrivel, fera
No rolar do trovão ; selvagem, bruta
Na cataracta ; augusta no oceano ;
Voluptuosa no zephyro entre os myrtos ;
Triste no mocho ; languida, saudosa
Na agua fugaz do arroio trepidante ;**

Nas falas infantis alegre e ingenua ;
 Diversa em cada objecto , e bella em todos .
 Aos risos folgasãos furta-te um dia ,
 Entra em meu coração , sonda este abysmo ,
 Concebe quanto eu sinto , e expõe-n'o ao mundo ;
 Do que me-vai cá dentro , um pouco apenas
 Nos versos translusiu : mas se interessam
 Mais que os vulcões do globo , os vulcões da alma ,
 O que a phrase não pôde , exprima o canto .
 Das mais vivas paixões pinta os extremos ,
 E das graças o apuro , uma Heloisa .
 Dá-me embora um rival em cada ouvinte ;
 Mas , para os-aterror , do som do raio
 Ou do igneo , ondeante terramoto ,
 Tira o som com que exprimas o ciume .
 Se adivinhas meos intimos segredos
 Transmitte-os á memória do universo
 Na harpa dos mais amantes d'entre os anjos ,
 Na harpa dos seraphins , harpa assombrosa
 Aonde as vibrações são labaredas .

POESIA FRANCESA.

Não são muitos os que sabem uma lingua : duas , pouquissimos as-alcançam ; de tres , e d'ahi para diante , citam-se innumeraveis , mas não creio eu que exista um só : cada lingua é uma sciencia , e sciencia em que todas as sciencias entram como elementos . — Horacio gabava em *Mecenas* o saber duas linguas , a sua e a grega : *docte sermones utriusque linguae* . Mas o grego de Mecenas pareria a um atheniense tão para gabos como o cantava Horacio ? Apostára eu cem sertercios em como não . — ; E ver o que ahi vai hoje de polyglótos ! Afora o hebraico , o chin , o portuguez , e mais duas ou tres linguas barbaras , falamos todas : e sendo necessario e screvel'-as-hemos também , mas como as-escrevemos e as-falamos nós ? como se-vê e se-ouve todos os dias . O nosso bom Antonio Ferreira tinha pelo contrario a presumpção , de não haver nunca feito um verso em lingua alheia ; mas em trôco fez todos os seos em portuguez de gente . A quem eu crear , darei sempre por conselho , que siga antes n'isto a Ferreira que a Luiz de Camões , Gil Vicente ou Jorge de Monte-mór . Bem vai em saber as perigrinas falas ; ás veses serve para a vida e serve sempre para ampliar estudos de litteratura : em tal bem se-applica o dicto d'aquelle sabio monarcha de Hispanha : — « quem tres linguas sabe , tres homens val : » — no intendêl-as e sentil-as está porém o proveito ; o ridiculo vai no presumir que n'ellas se-prima em escrevendo .

Dei a sentença, que me-julguem agora por ella; que assim poetei em latim e em francez. Só desejo de ser ouvido antes de executado; se m'o-concedem, aqui está o que por mim allego como *circumstâncias attenuantes*.

O latim, que é já hoje *res nullius*, e por cujas perdas e danos ninguem virá penhorar-me, foi os meos primeiros amores; e por uns amores primeiros pôde-se ainda faser, sem estranhesa, alguma loucura: o francez, esse tem na verdade muitos fiscaes e não se-pôde assim violar impunemente; mas em francez nunca eu compuz senão quando a isso me-houve como quer que fôsse por obrigado; (obrigação e necessidade em todos os codigos foram sempre boa defensa).

Recolhendo-me eu a casa a 15 de desembro de 1839 á noite, acho com uma carta sem assinatura um soberbo album, que um desconhecido viera traser: na carta se-me-pedia, que attendesse ao livro e o-restituisse ao portador, que o-iria buscar. No album nada mais havia escripto que o seguinte: —

A

M. DE CASTILHO.

Sur son poème de la — Primavera. —

Lisbonne, novembre 1839.

O' chantre du printemps! ton livre en a les charmes.
Que ta muse est aimable en ses simples atours!
Elle a pour les heureux les parfums des beaux jours
Et pour les cœurs soufrants le doux trésor des larmes.

Tu me rends le hameau, le foyer paternel,
 L'amour, les vœux, les pleurs, le souris d'une mère,
 Le temple, d'où le soir ma naïve prière,
 Avec l'encens des fleurs, montait vers l'éternel.

Oui, mon bonheur passé, oui, tous mes jours de fête,
 Ces lares, ces amis fiers de mes premiers chants,
 Oui, tout renaît pour moi dans tes tableaux touchants;
 Tel l'azur d'un beau ciel dans l'onde se reflète.

O bardes inspirés ! semez partout des fleurs.
 Que votre voix magique endorme la souffrance ;
 Dans les cœurs attristés ranimez l'espérance ;
 O célestes amis ! enchantez nos douleurs !

Etres que Dieu forma d'amour et de lumière,
 Bardes selon son cœur ! purs échos de sa voix !
 Harpes des saints parvis qui vibrez sous ses doigts !
 Il vous prêta des chants pour consoler la terre.

Vous trompez nos regrets, vous savez assoupir
 Ce vague et long ennui, vautour insatiable,
 Qui ronge au fond du cœur la fibre impérissable,
 Qui toujours renaît pour souffrir.

Poète ! que ta main trace sur cette page
 Une ligne et ton nom ! dans mon pays aimé,
 Avec un doux orgueil, un jour mon cœur charmé
 Répétera ce nom cher aux échos du Tage.

Une ligne et ton nom ! Que sur ces bords lointains,
 Une voix sainte et pure, à ma voix inconnue,
 Réponde avec amour ! Que ma lyre éperdue
 Eveille, en gémissant, ta lyre aux sons divins !

Une ligne et ton nom ! Oubliant la tempête,
 La fleur qui se penchait sous les froids aquilons,
 Pour sourire au soleil, relèvera sa tête,
 Et de son humble éclat ornera les vallons.

NOTA. Le poète, le savant, l'homme vraiment extraordinaire à qui les vers précédents s'adressent, est depuis l'âge de quatre ans privé de la vue.

Não podendo adivinhar quem o anonymo fosse, e sentindo-me de véras filho de Eva como todos nós, dei-me pressa de obedecer á tão corteses súpplicas da musa, notoriamente francesa, e pareceu-me (talvez sem rasão) que á minha deveria para isto preferir a sua linguagem. — A segunda pagina do *album* recebeu os versos que seguem, e que assignei :

REONSE

DE M. DE CASTILHO.

Au milieu de ce bruit d'un éternel orage,
 Quand le monde grandit vers un pôle inconnu,
 Comme le cèdre altier au haut d'un mont sauvage
 Par les vents opposés croît toujours soutenu;

Quand un siècle géant, sur une terre impie,
 Va de son pied d'airain broyant les temps passés,
 Et qu'on n'entend plus rien que la confuse orgie
 Des égoïsmes insensés;

Quelle est cette voix solitaire,
 Qui pleine d'amour et de foi,
 Comme un beau rêve sur la terre
 A daigné descendre sur moi?

Oiseau qui te caches dans l'ombre
 Je te devine à ta douceur;
 Sors pour moi de ta grotte sombre,
 Esprit dont mon âme est la sœur!

Pourquoi, timide violette,
 Te cacher sous l'épais gazon?
 Viens! ton oiseau, c'est le poète;
 L'heure d'aimer c'est ta saison.

Tous deux nous chantons des prières,
 Baume divin des cœurs souffrants;
 Notre Dieu, nos berceaux, nos mères,
 Reçoivent toujours notre encens.

Par la mort, pour nous rien ne tombe
 Dans ce néant cher aux pervers;
 Tous deux nous avons pour la tombe
 Des entretiens, des pleurs, des vers.

Dieu mit en nous sa poésie
 Comme une secrète onction
 Qui préservât notre humble vie
 De l'affreuse destruction.

Cygne plaintif au blanc plumage
 Que la mort atteint de son trait,
 Porquoi gémir sous ton ombrage
 Où nul écho ne te distrait?

Viens, j'ai souffert, j'ai la voix douce,
 Viens que je berce ta douleur.
 Dans la pitié, doux nid de mousse,
 On dort sans rêver de malheur.

Et quand les lieux de ton jeune âge.
 Enivreront ton cœur guéri,
 A tes amis, dans cette page,
 Montre le nom de ton ami.

Faltava responder á carta: aproveitei o lanço para exprimir ainda mais claramente o insosfrido desejo que me atormentava de conhecer tão amavel correspondente. No dia seguinte ao da partida da carta e do livro torna o portador com esta epistola a M.me de Castilho, assignada *Pauline Flaugergues*: —

A

MADAME DE CASTILHO.

Lisbonne, décembre 1839.

Je chanterai pour toi, compagne du poète!
 Ange au pieux amour, au front noble et charmant!
 Laisse-les pénétrer encor dans ta retraite,
 Ces vers échos d'un cœur aimant.

Plus doux est ton parler que les plus douces lyres;
 Dieu para tes vertus de talents enchanteurs.
 Ta bouche a, je le sais, d'angéliques sourires,
 Charme dès rêveuses douleurs.

Compagne du poète! ah! je t'aime et t'appelle.
 Quand l'étoile scintille en un ciel de saphir ;
 Quand la fleur qui s'endort sur sa tige nouvelle,
 A livré ses parfums au souffle du zéphir ;

Quand le lierre embellit le chêne qu'il embrasse ;
 Quand la rose, à côté du lis majestueux,
 Brille de son éclat et lui prête sa grâce ;
 Alors mon cœur pense à vous deux.

O' mon Dieu, dis-je alors, aux anges de la terre
 Donne autant de bonheur qu'à tes anges du ciel !
 Donne-leur un jour pur que nulle ombre n'altère,
 Une coupe enchantée où déborde le miel !

Grâce à toi, grâce à toi, dont la main bienveillante
 Traça sur le vélin des mots consolateurs !
 Que le ciel ; s'il se peut, à ma voix suppliante,
 Serre encor tes liens de fleurs !

Ces vers harmonieux que dicté un autre Homère,
 Qu'ils sont touchants, transmis par ta pieuse main !
 Des pleurs en les lisant ont mouillé ma paupière.
 Compagnie du poète ! il est beau ton destin !

Ton nom comme ses chants vivra dans la mémoire
 Et ton saint dévoûment charmera l'avenir.
 Il te doit le bonheur, tu lui devras la gloire ;
 Pourrait-on l'admirer et ne pas te bénir !

Pauline Flaugergues.

Escusado é diser se foi para nós uma alegria o descobrimento de nos acharmos assim inesperadamente em relações (podemos diser intimas, que taes são sempre as dos poetas) com a auctora de tão formosos versos como todos havíamos lido e decorado no jornal *L'Abelie*, com a poetisa já então premiada com a violeta d'ouro nos *Jogos floraes*, pelo seo donoso poema de *Clemencia Isaura* (e hoje pelo governo de França com uma pensão vitalicia).

Não são tão numerosos na vida os dias agradaveis, que devamos perder a memória d'elles. Todos os que *Madeleine Flaujergues* nos-incantou com a sua presença e com os seus versos, ficaram em nossos corações gravados como saudades indeleveis, e estou que ainda hoje lhe-lembrai: é tão delicioso para o talento o sentir-se entre quem o-apprecie! Na sua primeira visita diligenciei que viesse achar em nossas modestas sallas, quanto lhe-podesse dar gôsto: uma sociedade pequena mas capaz de a-intender: testimunhos de amisade cordeal, que lhes-dessem, se é possível, uma lembrança, uma illusão de sua gente e de sua casa tão remotas; um bom fogão á moda de sua França, uma pouca de musica particularmente de romances franceses, todas as portas arqueadas de louros e para ella uma coroa de flores: por esta occasião lhe-fiz uns versos, de que não sei que feito foi, mas sobre os quaes requerendo-lhe eu que m'os-emendassem el-lá, me-escreveu estes, que, embora vá quebra na modéstia, não deixo de copiar do seo livro, onde ella teve a delicadeza de os-inserir sem nomear a quem se-dirigiam.

A M. DE CASTILHO.

REPONSE A UNE EPITRE.

Lisbonne, décembre 1839.

Tu veux, ô maître de la lyre,
Que je retouche tes beaux vers :

Quoi ! le faible ramier qui dans les bois soupire
Doit-il apprendre à l'aigle à planer dans les airs ?

L'arbrisseau qui s'incline et qui penche sur l'herbe
Ses rameaux éplorés,
Soutient-il le chêne superbe
Qui va cacher son front dans les cieux azurés ?

Moi, je suis le ramier de la verte saulée,
Mon chant n'est qu'un soupir :
Doux roseau, je m'abrite au fond de la vallée,
Tout vent me fait frémir.

Et toi, bardé inspiré, nouveau cygne du Tage !
Toi que le ciel regarde avec des yeux d'amour,
Ta gloire illustrera le fortuné rivage
Où tu reçus le jour.

La lyre harmonieuse au burin de l'histoire
Est unie en ta main,
Des temps qui ne sont plus, tu nous rends la mémoire,
Tout s'anime à ta voix comme au verbe divin.

Chante ! ta voix est douce à toute âme blesée

Qu'attriste un amer souvenir ;

Ravie, en l'écoutant, vers le ciel élancée,

Elle appelle et contemple un meilleur avenir !

Charme de l'existence , ô sainte poésie !

Que je te dois d'encens, que je te dois d'amour !

Tu jettes bien des fleurs sur ma pénible vie,

Grâce à toi, dans ma nuit, a lui plus d'un beau jour.

C'est à vous , ô mes vers , à toi mon humble lyre ,

Que je dois ces amis que j'apprends à chérir ,

Leur gracieux accueil , leur bienveillant sourire ,

Leurs hymnes qu'ils daignent m'offrir !

Pauline Flaugergues.

Além dos setões de perfeita intimidade, passados familiarmente em conversação desambiciosa, leituras faceis, e alternada recitação de versos nossos, uma noite me lembra de que ella me-pareceu summamente satisfeita, porque lhe-dei incontrar reunidos alguns dos nossos principaes talentos, mormente poeticos, que ella suspirava por conhecer, taes como os Srs. Garrett, Alexandre Herculano, Manuel da Silva Passos, Mendes Leal, Fonceca Magalhães, Antonio Luiz de Seabra, Pereira Marecos, Silva Tullio, meo irmão Augusto Frederico etc., etc.. foi um banquete de poesia, cuja memória me-seria tão doce, como a da *festa da primavera* na lapa dos *estios*, se entre essa e esta não houvessem já decorrido tantos annos, dos que mais invelhecem a alma.

Mas não é rasão cançar mais a meos leitores com regalos domesticos impossiveis de repartir. Concluo por agora esta amostra de poesia francesa com os lisongeiros, mas formosos versos, com que Mademoiselle Flaugergues festejou o nascimento do meu primogenito; versos que pelo empenharem a elle em grandes obrigações, com muito melhor vontade ponho aqui, não obstante o poder alguem attribuir-m'o a vangloria.

HOROSCOPE.

*Tu Marcellus eris! . . .
Virg.*

Jeune enfant, tu seras poète!

Déjà, sur ta débile tête,

Je vois, je vois briller le laurier paternel.

Que la muse te donne un baiser fraternel !

En songe, elle t'a vu bégayer et sourire. . . .

Tes premiers mots étaient des chants.

Ta petite main rose, en jouant sur la lyre,

Faisait voler des airs touchants.

Enfant, heureux enfant, oui, tu seras poète !

Oui, d'un œil enchanté tes pas suivront l'essor !

Vers toi je vois descendre un ange aux ailes d'or,

Qui, pour ton jeune front, tient la couronne piête.

Que ton heureuse mère, en admirant tes charmes,

Nous entende applaudir à tes premiers essais !

Et vous, à qui j'adresse un adieu plein de larmes,

Dites-lui qu'une amie a prédit ses succès !

Pauline Flaugergues.

Todas as composições francesas que se-acabam de ler, afóra a última, acham-se publicadas na bellissima collecção, que sob o titulo *Au bord du Tage. par Mademoiselle Pauline Flaugergues*, se-imprimiu em Paris em 1842.

O COMMERCIO DE CITHERA.

Explicação dada aos que só leem pela rama.

A rasão porque eu não deixo fóra d'esta collecção este brinquedo poeticó, é porque já corre por muitas mãos e ha muitos annos. A rasão porém porque eu desbaratei horas em fasel-o, essa, muito agradeceria eu a quem m'a-podesse explicar: assim é fadado o nosso espirito: nasce n'ele ás veses, ao pé de uma cousa boa e util, outra ruim ou de nenhum prestimo: é como na terra; sob a raiz de uma oliveira um cogumello; pois viva o cogumello, já que nasceu: ainda assim o meo cogumello poeticó não é dos venenosos, a que chamam de sapo: o intuito moral d'estes versos foi cifrar em symbolo parte do meo pensamento sóbre uma questão das dusias, a que assistí quando ainda estudante. Tractava-se de comparar entre si para preferencias os diferentes fins, onde o amor, ou o que amor se-chama, pôde levar o homem. O estado conjugal perfeito, que é o mais perfeito de todos os estados, não intrava na controversia; esse, concordavam quasi todos em que dava a maior felicidade possivel sóbre a terra. Tractava-se dos amores comprados e vendidos: são ambas estas miserias, as que a muça faceta ridiculisou. O ultimo verso é sermão para os 10º

los , que imaginam podérem-se mercar os corações; o penultimo é censura a não pequena parte da moderna sociedade , para quem as riquezas, embora havidas a trôco da honra, são dignas de festejos e respeitos.

CANÇONETA ATRAVESSADA.

De certo pôrto da Europa
Sahiram para Cithera
Uma náu e uma galera ,
Para o commércio d'amor.

— *Vista grossa* — era o piloto
Da galera — *Extravagancia* —
Da náu por nome — *Constancia* —
Capitão — *Gentil Fervor*. —

Leva a náu a carga de ouro ;
Galhardetes a milhares :
Véla ao vento , e pron aos mares ;
Vôa , qual vôa o tufão.

A outra a-segue de longe :
Materia grossa e comprida ,
Occa , dura e retorcida ,
Tomou por carregação.

O nome ninguem pergunta;
 Não tem nome no Parnaso:
 D'ella se-faz muito vaso,
 Businas, pentes, e anneis:

Em brutas testas se-cria.
 E é d'esta materia torta,
 Segundo Virgilio, a porta,
 Que invia os sonhos fieis.

A que devemos ás damas
 Delicadesa discreta,
 Tapára a bocca ao poeta,
 Que a-tentasse nomear.

Basta saber que só d'isto
 Vai cheia e rasa a galera,
 De ouro à nau. Vão a Cithera
 Ambas ellas traficar.

“ ¡Boa viagem! ; bom vento!
 “ ¡Bom negocio, e volta breve! ”
 Lhes-bradava a turba leve,
 Que ao botafóra correu.

Ou n'uma, ou na outra carga,
 (*) Todos hiam int'ressados:
 Fogem-lhe os nortes alados
 Co' o rico thesouro seo.

(*) Cuidado com o *todos*: não se-refira o termo ao genero humano, mas só à turba leve ou leviana de que acima se-falou.

Vêm e vão os soes e às luas:
 Cresce a esp'rança: o medo infia:
 Até que enfim rompe o dia,
 Que ao longe uns mastros conduz:

«São!... «não são elles!... «são elles!»...
 «Juro!... «aposto!... «— Assim ferviam;
 E ja' mais perto se-viam
 As vélas, crescendo a luz:

Ja se-conhecem as próas:
 Vem de nereydas cercada,
 Vem de flores inramada
 A galera triumphal,

Purpurea véla lhe-ondeia;
 Tritão troando a-annuncia;
 Pela propria mão a-guia
 Da espuma a filha immortal.

Segue-a a nau, que vem pendente,
 Rombo aberto, e véla rôta,
 Derreada da derrota,
 Vergonhosa, escura, e só.

Deitam ferro, abordam lanchas;
 Sobem chusmas d'int'ressados:
 «¡Ganho ou perda?» são seos brados,
 Mal toçam no portaló.

« Descei , vinde-o ver » lhes-tornam
 Os da náu e os da galera ;
 « Nossa commércio em Cithera
 « De trocas todo constou : »

« Pontas levava a galera ,
 « Ouro a náu : por fim de contas ,
 « Traz ouro quem levou pontas ,
 « Pontas quem ouro levou . »

POESIA DINA MARQUESA.

Philinto verteu o Oberon (e foi o que mais graciosamente escreveu em sua vida) sem intender uma palavra do Wieland. Os franceses, de todas as linguas trasladaram, intrepidos e denodados, não sabendo quasi nunca mais do que a sua ; muitos dos nossos hoje, sem saberem nem sequer a sua, castigam os franceses, tradusindo quantas lástimas elles por lá ingendram. Quanto ao dinamarquez, de que me-apresento traductor, confesso que o sei tanto como os nossos sabem fracez, como os franceses sabem as outras linguas, e como o Philinto sabia o allemão: sem embargo afirmo que traduso fiel, porque nada mais faço do que passar para verso a prosa portuguesa, em que a minha amavel e instruida leitora me-vai dando desfeitos os versos (se não é peccado chamar versos ás regrinhas deseguaes da mais surda lingua que nunca houve) dos muitos, e muito bons, poetas da patria de Hamlet.

Pela fidelidade de tal intérprete poria eu as mãos no fogo.

SAUDADES DA PÁTRIA.

*Poesia do Dinamarques Oelenchlaeger,
achando-se em Itália.*

TRADUÇÃO.

¡ Que estranha viração da tarde é esta !
 ¡ Onde quereis levar-me o pensamento,
 Magas frugrâncias da florida terra !
 ¡ Onde ides vós ? ¡ transpondo o mar sem termo,
 Ides-me á patria, á minha doce patria ?
 Se chegais lá, disei-lhe ¡ oh ! por piedade !
 Lhe-disei meos occultos sentimentos,
 Estas saudades, este mal sem nome
 Que tanto no interior me-está doendo.

¡ Ja por detraz dos penhascosos cumes,
 Vermelho sol, te-e-condes ! ¡ e eu cá fico,
 N'este érmo escuro, só ! Na minha terra,
 Na terra onde eu nasci, não ha taes montes :
 Não n'os-ha, não n'os-ha ; ¡ sou d'ella ausente !
 ¡ Ja esta noite no meo bosque de Hertha
 Não poderei dormir ! Lembra-me ouvil-o
 A um noruequez ; — « os gostos verdadeiros,
 « Só a patria em seo gremio os-enthesoura. » —
 De rochas morador, filho de Helvecia,
 Tu me-disseste o mesmo : — « uma saudade
 « Terna, viva, piedosa, accesa, sancta

« Vos-chama aos vosso montes costumados. » —

¡ Mas cuidam que só montes nos-atráhei ?

D'estes, como de brenhas horrorosas,

Meo ânimo erradio anda fugindo.

Se do esguio pinheiro ouço o susurro,

¡ Ai ! bosques, onde estais, queridos bosques

Da minha patria, exclamo ! amenos rios,

Que serpeiam por cá, não geram somno,

Que doce me-descance o pensamento ;

Lá, não ha rios, nos meos patrios campos,

E' tudo sêcca argila, areia esteril ;

Sim, mas o argênteo mar asul-celeste

Com abraços d'amor cinge essas terras,

Como extremosa mãe as-nutre, as-beija ;

E quasi que no seio entra a brincar-lhe

Co'as formosas florinhas, que lh'o-adornam.

Oh ! silencio... silencio ! ... ouço um barquinho;

Que entre os canaviaes e as sarças densas

Além com o brando zephiro se-embala !

¡ De uma nympha ouço o canto mavioso,

Que bordam sons de cythara ! ó mixtura,

O' poesia, ó feitiço d'alva noite !

O' divina, ó suavissima toada !

¡ Coração, que te-falta ? e vós, meos olhos,

¡ Vós, lagrimas verteis quando ella esparze

Harmonia, tão meiga aos céos da noite !

¡ Lingua formosa é esta ! ¡ mas quão outra

Da minha patria lingua ! ¡ estas palavras,

As palavras não são, que outr'ora ouvia

Lá na patria cabana ao réz dos bosques !

Serão phrases mais placidas, mais bellas,

Será mais bello e placido este canto....

| Perdoai-me se eu choro ! perdoai-me
 Lagrimas que por si me-estão brotando ;
 Quem geme não sou eu , gème a saudade !
 | Saudosissima esta águia está manando :
 Vai tão serena , tão faguiria a noite !
 Ja lá no bosque meu , tive horas d'estas :
 | Ai ! tive-as ! esse o bem que me-invenena !
 Deus me-privou de mãe na prima infancia ;
 Amargo foi o golpe ; inda com tudo ,
 Tinha outra mãe no mundo , é mãe a patria.
 | Vela-hei eu nunca mais ? fragil , incerta
 Corre a nossa existencia em mãos do acaso.
 | Ai ! poderei sequer do seo regaço
 Mandar aos céos meu último suspiro !

O

CEMITERIO CAMPESTRE.

Nota prévia.

Esta poesia é imitada do dinamarquez de C. A. Lund , que a-imitou de Grey , que a-imitára do alle-mão , que a-imitaria sábe deus d'onde , porque em matérias taes pouco mais se-póde faser. que imitações. Tanto é certo que o natural verdadeiro é o bello universal. Em todos estes versos nada vai novo: pelo contrário , não ha

pensamentos mais veses repetidos em todas as línguas, em verso e em prosa, na conversação e nas meditações, pelos espíritos ilustrados como pelos ignorantes. E com tudo, estas idéas, milhões de veses repetidas, ainda não infadarão nem infadarão nunca. E' o que succed e a respeito das estrelas, da lua e de todas as formosuras da natureza. Tambem au poetei o meu cemiterio campestre: não o ponho aqui, porque o seo logar proprio é no volume, que immediatamente vai seguir a este, o *Presbyterio da Montanha*; e já outras duas veses o-havia feito: — a primeira no fim de meu poema *Um dia de primaveri*; a segunda, no *Amor e melancholia*. ; E deus sabe que de veses não volverei ainda com os meos cantos ao mesmo assumpto, enquanto elle proprio m'o-consentir e me não condennar ao perpétuo silencio por baixo do murmurio das suas árvores.

E's as vascas do dia, que feneça,
 Crepusculo da tarde: o sino ao longe
 Diz para a terra — « orae » — diz para os ares
 — « Entristecei-vos, que se-ausenta o dia ! » —
 Volve á cabana o rústico; a seos ramos
 A ave: ambos os dous convida o sonno,
 Elle, da escrava lida a repousar-se;
 Ella, de liberdade, amor e cantos:
 Por toda a creaçao reina o silencio.
 ; Vão-se ao longe no vago do horizonte
 Os montes a esvalhir! ; Que pensamentos
 N'esta hora tão solemne me-despertas,
 Muda estancia da cruz sagrada aos mortos!

**Do fadigoso dia aqui descança ,
O lavrador com regalado sonno ,
Que nunca mais o gallo ha-de quebrar-lhe.
Não n'o-distinguem marmores : seo nome
Desceu co'a tumba á terra ; e jaz desfeito.**

— ¡ Salve , ó bosque sombrio dos finados !
¡ Salgueiros , que abrigais co'as pias ramas
Estes da vida ephémberos espólios !
¡ Salve , árido jardim , do sonno eterno
Onde só cardo agreste inlaça c'roas
A' sepultura rasa em que é nascido !

— ¡ Quantos não pousam n'este campo obscuro ,
De virtude maior , mais sã piedade ,
Que outros , a quem da honra insignias ornam !
Talvez mais véras lagrimas banbassem
O pinho de seos férretros , que os jaspes ,
Com que a deidades vãs , vãos templos se-erguem.

— ¡ Quantas calcam meos pés formosas virgens ,
Flores da sua aldeia , a cujas graças
Nunca deram realce o ouro , as joyas !
Falando , a paz dos céos annunciam ;
Exprimiam dos céos o amor , surrindo .
Inda um amante , um noivo aqui divaga ,
Dando seo chôro ardente a cinzas frias.

¡ Oh ! quando esta mansão me-abrir suas portas ,
A mim , tambem seo hóspede , ao tristonho
Debre dos sinos ; quando manso e manso ,
Ao som dos cantos lúgubres , a terra
Me-houver sobrecahido , e eu dispareça.....
Aqui tambem vireis , ó meos amigos ,
Sobre um ente chorar que vos-foi charo ,
E co'o pranto unireis memórias doces !

Aqui, pelo crepúsculo da tarde,
 Se-hão-de ajuntar as moças aldeanas;
 Praticando nos tempos que ja foram:
 De amores falarão, de seos praseres
 Doce-amargos, do amante que tiveram,
 Dos dotes, das virtudes que o-prendavam.
 Então dirão talvez: — « De nós bem perto
 « N'este humilde logar jaz um poeta,
 « Que a ninguem offendeu, que amava a todos;
 « Da virtude e do amor doce falava;
 « E nos-deixou cantigas de ternura. » —
 Ledas em derredor do meo sepulchro
 Sentar-se-hão; alvo rancho, e minhas trovas
 Repetidas irão de boca em boca.
 E alguma intonará com tom saudoso
 Da minha mocidade o melhor canto:
 Repetil-o-hão do cemiterio os echos;
 E um doce orvalho affagará meos manes.
 Quando por traz da torre d'essa egreja
 Começar de surgir vermelha a lua,
 A' aldeia volverão, cantando em côro;
 E exclamarão, deixando-me — « Descança,
 « Bom homem, dorme em paz um sonno brando! »
 « Deus tenha em seo regaço o bom poeta,
 « Que a ninguem offendeu, que amava a todos;
 « Da virtude e do amor doce falava,
 « E nos-deixou cantigas de ternura. — »

L
O CAMPANARIO DE FARUM.

POEMETO

Tradusido do dinamarques de Boye.

Lá onde as águas placidas do Farum
 Se-vão por entre moitas e arvoredos
 Amorosas lançar no seio ao lago ;
 Pacífica surri formosa aldeia :
 Primavera e verão lhe-circumfundem
 Um mar, agora verde, agora d'ouro ,
 De susurrantes trémulas cearas.
 D'entre a povoação cämpeia o templo
 Que vermelho astravez resahe dos ramos
 De sabugueiros e chorões frondosos :
 Co' o templo convisinha a residencia
 (Antes choça) do parocho singello,
 Mal coberta de colmo ao pé das águas ;
 Era noite dé outomño tempestuosa ,
 Fria, medonha ; pelos céos as nuvens
 Gyavam torvas, rapidas ; apenas
 A espaços alvejava um raio frouxo
 Da perseguida lúa.
 E' noite velha ;
 Unico o bom do parocho vigia
 A luz dé solitario candieiro ,

Que do mudo aposento espanca as trevas ;
 Pousam na aberta biblia os olhos fitos ;
 Grave meditação lhe-absorve a mente ,
 Sôbre a morte , o peccado , os céos e a vida .
 A'cinte o impertinente somno espalha ;
 Que a uma pobre mulher , em vindo a aurora ,
 Tem de ir levar piedoso o pão celeste ,
 Provimento e conforto á grão viagem .

Ouve uns soins e estrêmece aquellas horas
 O sino grande ! e que toada estranha
 Que sahe d'elle ! estranhissima ! não vibra
 Como quando o tufão lhe-mette os hombros ,
 O-recurva , o-balança e manda a espaços
 Vâs badaladas aos sumidos échos :
 Parece mão subtil que limpa o bronze .
 Fecha o livro ; aleventa-se cuidoso ;
 Não lhe-põe medo espiritos nocturnos ;
 Nunca tremeu das infernaes potencias ,
 Não tem superstição , tem só piedade
 Mas templo e campanario estão desertos !
 D'ambos se-fecha a porta ao fim da tarde
 Que é logo esse rumor ? convem que o-saiba .

Parte ! investe sôsinho o cemiterio ;
 Asfalto lhe-atravessa as mortas ruas ;
 Abre a porta sagrada ; e ja se-intranha
 Na profundez da nave silenciosa ,
 Mal prateada de furtiva lúa ;
 Pára , escuta . . . o silêncio ja não quebra ;
 Sons da torre nenhuns ; ergue animoso
 A voz rouca , essa voz , que tantas veses
 Deu palido terror ás almas ímpias .
 " ¡ Quem ousa perturbar a paz da egreja ! "

“ ¡ Que temerario a pernoitar se-atreve
 “ No lugar sancto ! exclama.,, Echoa o brado
 Pela extensão da abóbada soturna,
 E recalhe tudo em seo primeiro sonno.
 N'isto um como suspiro eis vem da torre
 Estremecer-lhe o ouvido — « ¡ Eia ! eu t'o-ordeno ;
 “ Quem quer que sejas , apparece ! » — Cala ,
 E escuta..... pela escada uns passos brandos.....
 Alguem é , que lá desce. Alça na dextra
 Tocha , que os passos , trémula , lhe-rege ;
 Vê vir do côro ao longo alvo minino
 Que nas redondas faces não inculca
 Mais rosas que de oitava primavera ,
 Porém essas ao sôpro desbotadas
 De alguma pena grande. ¡ Que thesouro
 Na mãoinha trará que tanto a-fecha !
 « ¡ Não te-infades comigo ! » em tom piedoso
 O innocentinho diz ; depois suspira.
 “ Não me-castigues por ficar de noite
 “ Sem licença na egreja. Quando a porta
 “ Se-abriu para ir tocar ave-marias
 “ Intrei pé-ante-pé , sem que me-vissem ;
 “ E escondi-me ca dentro; deus bem sabe
 “ Que não foi para mal.” — “ ¡ E que buscavas
 “ Do templo n'esta noite tempestuosa ? ”
 Interrompe o pastor maravilhado.
 “ ¡ Sósinho aqui nas trevas , quando os ventos
 “ Estremecem bramindo teetos , muros ! ”
 — “ Sim , mas a minha mãe ” volvè o minino
 “ Jaz ás portas da morte ! ” — e o chôro emtanto
 O-suffocava todo. “ Animo , ó filho , ”
 Accode o bom do parocho , “ mui grave ,

“Bem o-sei, é seo mal; auxílio d’homem
 “Pouco pôde; mas deus que pôde tudo,
 “No abysmo da miséria accode ás veses;
 “D’elle pendem, são d’elle a morte e a vida.”
 —“Assim vim eu pensando!”—“Mas deixal-a
 “No aperto a que é chegada!”—“E’ que a ferrugem
 “Que se-raspa de um sino á meia noite
 “Cura tudo: só hontem m’o-disseram
 “Por isso a-vim buscar.”—“Sósinho?”—“Os outros
 “Tinham medo ás phantasmas; que as phantasmas
 “São ruins, e de noite é que andam fóra.”
 —“Mas tu não lhes-tens medo?”—“Eu muito! E vi-as
 “Do meo cantinho andarem pela egreja
 “Todas alvas. Resei a minha resa,
 “Sumiram-se: mas logo se-me-ergueram
 “Do sepulchro outra vez; algumas d’ellas
 “Conheci eu, parece-me: tremia
 “Sem as-querer olhar, e olhava-as sempre!
 “Quiz tornar a resar; tomou-me o susto,
 “Não pude: co’a afflicção cantei aos gritos
 “A oração, com que ja de pequenino
 “Minha mãe me-embalava em seo regaço:
 “Entrai, ruins espiritos,
 No lume eterno e fosco;
 Espiritos angelicos,
 Vós ficareis comnosco;
 Dareis co’as asas candidas
 Abriço ao vosso irmão.
 “Vós sois os primogenitos
 De todo o innocentinho;
 Para entre nós trouxeste-lo
 Do céo, seo patrio ninho;

No valle pois das lagrimas,
 Lhe-dae consolação.,,

“ E eu derramava lagrimas, pensando.....
 “ Na morte..... d'ella. Tomei força, ergui-me,
 “ Subi; quando eu subia estava dando
 “ A meia noite, mas não vi mais almas:
 “ Quando cheguei a cima, e dei co'os olhos
 “ No céo roto de estrellas, que me-ria
 “ Das ventanas da torre todas quatro;
 “ E achei o vento, e percebi lá embaixo
 “ O ramalhar das árvores; fui outro:
 “ Parecia-me aquillo uma gaiola,
 “ E eu dentro um passarinho a espanejar-me
 “ Todo contente; vou-me logo ao sino
 “ E raspo o mugre: vede-lo? esperava
 “ Que rompesse a manhã: que alguem viesse
 “ Abrir, para eu correr á nossa casa:
 “ Que isto ha-de-m'a-salvar, sei-o eu de certo.,,
 — “ Fé, bom mocinho, fé. Deus ama os filhos
 “ Que assim amam seos paes; e pôde tudo.
 “ Pôde mudar, querendo, a noite em dia.
 “ Que tu és bom sabe elle; as nossas preces
 “ Sabemos nós que elle ouve e que as-despacha.,,—
 Diz; e em frente do altar ambos se-prostram.
 Em quanto pelas faces mudamente
 Lhes-corriam as lagrimas, sqava
 Como o esvoaçar das legiões celestes
 O temporal nocturno; canta o vento
 Pelos canudos do orgão: pelo côro
 Como que uns hymnos soam: clara a lúa,
 Na abóbada dos céos lâmpada eterna,
 Resplendia; os tocheiros prateados

Se-accenderam per si. — “Partamos, filhó,
 “Vamos ver tua mãe! Nenhuns phantasmas
 “Virão ja sultear o teo caminho:
 “O que a mão do Senhor com letras de astros
 “Escreve n'essa página infinita,
 “Que por cima de nós se-desinrola,
 “Não o-lês tu nem eu: ninguem o-alcança,
 “Mas, confiar em deus!... .—“Sim, vamos, vamos...
 “Oh!... se eu confio n'elle!.... joh! se me-alegro...
 “E não sabeis porque? porque esta noite,
 “Por diante de mim, quando resava,
 “Vi passar uma festa, a mais galante
 “Festa, que nunca eu vi: um rancho de anjos,
 “Nenhum maior do que eu; mais pequeninos
 “Muitos, e todos muito mais formosos;
 “Asas de ouro e de asul; asues os olhos;
 “Cabellos de ouro; as boccas todas riso,
 “As faces todas rosa, e tão ligeiros,
 “Que adivinhhei, pois nada me-disseram,
 “Que era deus quem dos céos os-enviava
 “A traser á choupana algum conforto.
 “Oh minha boa mãe! partamos.,.— Partem,
 Lá correm.

Vôo de anjo apoz si deixa
 Té os vôos do humano pensamento,
 Como ave, que atravessa os ares livres,
 Perde de vista a serpe, que entre sarças
 Rasteja fadigosa. Mal teria
 Dado tres pulsações o alvorotado
 Coração do minho, quando os anjos
 Pousavam ja na terra, eram na choça,
 Ventilavam co'as asas de ouro a inférma.

Estes mesmos emtorno ao pequenino,
 Sem n'o elle presumir, tinham gyrado,
 Em quanto a alva mãosinha ao bronze escuro
 Furtava o bento pó: que ó som piedoso
 De um sino, attrabe, namora, inleva os anjos.
 Bejado nos olhos moribundos
 Placido sonno, o côro bemfasejo
 Ja se-era emfim tornado ao patrio empyreo,
 Quando o filho e o pastor colhendo o fôl'go,
 Aberta manso a porta, o pé furtivo
 Suspenso, duvidoso, a vista anciosa,
 A alma no ouvido, intraram no aposento.
 Respirava saude a pobresinha;
 Dormia... e tão serena! a luz brilhava
 Na candeia, pouco ha, decrepitante
 Em moribundas vascas. A infermeira
 Descuidosa dormia. Viram sônhos
 Andar nos labios palidos surrindo,
 E no int'rior dos dous cantou a esp'ranga
 Em muda voz seo hymno agradecido.
 Pouco tardou que o sonno regalado
 Se-esvahisse. A ditosa mãe resurge
 Agil, vivaz, contente... e abraça o filho!
 Cantar as doces lagrimas de todos,
 Harpas dos Seraphins, a vós pertence. (*)

NOTA.

(*) De todas as precedentes tradueções do dinamarquez, a unica foi esta em que me-permitti alguma liberdade, não cortando, senão accrescentando, e não no principal senão nos ornamentos accessorios.

O

ACALENTAR DA NETA.

Xácora.

Dorme, dorme, minha neta,
 Senão não sou tua amiga;
 Dorme que eu te-embalo o berço,
 E te-canto uma cantiga.

Vai a bella Dona Ausenda
 Caminho de Palestina,
 Leva traje de romeiro,
 Com seo bordão e esclavina.

Dona Ausenda, Dona Ausenda,
 Ein sabendo que és fugida,
 Tua mãe cahirá morta,
 E tuas irmãs sem vida.

Pouco importa a Dona Ausenda
 Quem na Hispanha morra ou viva;
 Vai em busca de sua alma,
 Que em Palestina é captiva.

De lá lhe-vieram cartas,
 E uma carta lhe-disia:
 “Teo amigo, Dona Ausenda,
 “Chora de noite e de dia.

“ As cadéas não lhe-peçam,
 “ Pesas-lhe tu, porque scisma
 “ Que ha de morrer sem mais vêr-te,
 “ Nem ver-te quer na Mourisma.,,

Dorme, dorme, minha neta,
 E tu, fuso, fia, fia:
 Eu canto á minha candéa,
 Ao pé da Virgem Maria.

—
 Vendeu joyas e arrecadas,
 Comprou bordão e esclavina,
 E trajada de romeiro
 Ja demanda a Palestina.

Vai pedindo pelas portas,
 Por sóes e chuvas caminha;
 Trabalhos não a-quebrantam,
 Com elles vai mais asinha,

Uma tarde, era sol posto,
 Quando avistou uma ermida,
 Era de Nossa Senhora,
 Mãe dos homens se-appellida.

Dorme, dorme, minha neta,
 E tu, fuso, fia, fia:
 Eu canto á minha candéa,
 Mercê da Virgem Maria.

Os sóccos descalça á porta,
E ajoelha com fé viva,
Pedindo lhe-restitua
Sua alma que jaz captiva.

Os olhos da Virgem Sancta
Deram mostras de affligida:
Ergueu-se um vento da serra
Que toda tremeu a ermida.

Coitada de Dora Ausenda,
Mais triste sabe, do que vinha:
Cerrou-sq-lhe logo a noite;
E ella nos bosques sósinha!

Queria andar, e não pôde
Que o grande escuro a-tolhia;
Necessitava incostar-se,
Tinha medo, e não dormia.

N'uma raiz pousa a face,
O corpo em folhas reclina,
Com suas penas conversa,
Coitada da perigrina.

Perdi a terra e o palacio,
Perdi a mãe que lá tinha,
Perco-me agora a mim mesma,
E o que procurando vinha.

D. Giraldo, D. Giraldo,
Só a fé não é perdida,
Pois tu sabes que eu te-adoro,
E eu sei como sou querida.

Pego ao meo anjo da guarda,
Se hei-de aqui ficar perdida,
Que vá levar-te por sonhos
Esta minha despedida.

Assim disia a formosa,
Dona Ausenda de Molina,
E ao diser *anjo da guarda*,
Lembrou-lhe a irmã pequenina.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuso, fia, fia:
Eu canto á minha candéa,
E sou da Virgem Maria.

Então dos olhos cançados
Lhe-borbotou a dôr viva;
E ouviu folhas abanadas,
E viu uma luz esquiva.

Logo para aquella parte,
Porque o pavor a-conquista,
Em joelhos com mãos postas
De relance extende a vista.

E viu uma sombra grande,
Que mui devagar caminha;
Quiz resor, benzeu-se errado,
Não deu co'a salve rainha.

Dorme, dorme, minha neta,
 E tu, fuso, fia, fia:
 Eu canto á minha candéa,
 Guarde-me a Virgem Maria.

—
 O andar do phantasma branco
 Nenhum ruído fasia;
 Parou, e pôz nella os olhos;
 Mas eram terra, não via.

Extendeu-lhe os braços longos,
 E co'uma voz, como brisa,
 Lhe-diz = “Eu sou D. Giraldo,
 “Que em mim já se não divisa.

“Tu buscavas o captivo,
 “Eu procuro a perigrina,
 “Tua alma quer deus que esteja
 “Co' o meu corpo em Palestina.

“Os nossos anjos da guarda
 “Deram palavra sem lingua,
 “Que á meia noite aqui mesmo
 “Findaria a nossa língua.

“Deus, á alma invia um corpo,
 “E ao corpo uma alma invia....”
 Já estas finas palavras
 Dona Ausenda não ouvia.

Dorme, dorme, minha neta,
 E tu, fuso, fia, fia:
 Que eu canto ao pé da candéa,
 Que accendo á Virgem Maria.

Tinha dado a meia noite,
 E Dona Ausenda cabira:
 ¡Ai! ¡Jaz morta a Dona Ausenda,
 Que tantas penas sentirá!

¡Quem ha-de enterrar seo corpo
 N'essa noite desabrida,
 Ou quem aos pés da Senhora
 A-irá sepultar na ermida?

¡E a alma de D. Giraldo,
 Que tão solitaria fica,
 Não terá padre que rese,
 O que por almas se-applica!

Mas nunca mais na floresta
 Nenhuma cousa foi vista:
 Os que o sitio têm buscado
 Nunca lhe-acharam a pista.

Dorme, dorme, minha neta,
 E tu, fuso, fia, fia:
 Eu canto á minha candéa,
 E reso á Virgem Maria.

N'essa noite , á meia noite ,
 Indo o septe-estrello acima ,
 Calou de repente as voses
 Môcho que máguas lastíma .

E o gallo , que por taes horas
 Com seo canto á resa excita ,
 Bateu as asas calado
 Ao pé do leito do ermita .

Tocou sem mão a sineta ,
 Abriu-se a porta da ermida ,
 As vélas do altar accesas ,
 A Senhora mui garrida .

Dorme , dorme , minha neta ,
 E tu , fuso , fia , fia :
 Eu canto á minha candéa ,
 E vejo a Virgem Maria .

E introu a orar um estranho ...
 Perigrino , ou perigrina ,
 Que de tudo dava mostras ;
 E falava em Palestina .

Se hia ou vinha , nunca o disse ,
 Quando o ermita o-requeria ,
 Que ora falava em ser volta ,
 Ora falava que se-hia .

É disso : a deus me incomenda
Por tres, mais tres e tres dias,
Que ao cabo d'uma novena
Findarão mil agonias.

Ora n'essa mesma noite
Quiz a bondade divina,
Que outra novidade grande
Sucedesse em Palestina.

Da cova de D. Giraldo,
A' meia noite precisq;
Surgiu um corpo defuncto
Que a todos atemorisa.

Dorme, dorme, minha neto;
E tu, fuso, fia, fia;
Eu canto á minha candela,
Ouça-me a Virgem Maria.

E veiu uma alma voando,
Que pelos ares foi vista,
Nossa Senhora a-guiava,
Vinha-lhe um anjo na pista.

Meteu-se dentro ao finado,
E o finado cobrou vida;
Pôz-se co'o anjo a caminho;
A Senhora era já ida.

Como a novena acabava;
 Ao cabo do nono dia
 Vinha pela ermida entrando
 Outro romeiro á porfia.

E este assim como o primeiro
 Muito ao velho desatina,
 Que tambem não cahe na conta
 Se é romeiro ou perigrina.

Os dous romeiros se-olhavam,
 E a mãe dos homens surria,
 O ermita estava pasmado,
 E um padre moço appar'cia.

Por debaixo do roquête,
 Que era neve sem mentira,
 Relusiam duas asas
 Ambas de prata e saphira.

Tomou-lhes as mãos direitas
 Com signaes de muita estima,
 E disse: *conjungo vos:*
 E pôz-lhe a estóla por cima.

Dorme, dorme, minha neta;
 E tu, fuso, fia, fia:
 Eu canto á minha candéa,
 Louvor á Virgem Maria.

Nove annos eram passados;
 E apoz nove annos um dia,
 Quando ao dar da meia noite
 Lá na porta se-batia.

Como se-abriu á capella,
 Logo introu por ella acima
 Um caixão com dous defunctos,
 Todo de obra muito priina.

Dorme, dorme, minha neta;
 E tu, fuso, fia, fia:
 Eu canto á minha candēa
 E estou co'a Virgem Maria.

Vinham ambos abraçados;
 Com mostras de quem dormia;
 Com c'rđas de flores brancas,
 E ninguem os lá trasia.

Mãos que pegavam á argola
 Eram mãos que se não viam;
 Nem se-inxergava pessoa
 Nos cantares que se-ouviam.

Dorme, dorme, minha neta;
 E tu, fuso, fia, fia:
 Eu canto á minha candēa,
 Ao pé da Virgem Maria.

Foi escripta esta memória
 N'uma tábuá bem polida,
 Que inda agora na Biscaya
 Se-vai vêr áquelle ermida.

A campa ficou sem nomes ;
 Mas toda a gente disia ,
 Que era Ausenda e D. Giraldo ,
 Filhos da Virgem Maria.

Por devogão que um e outro
 Com o sancto rosario tinha ,
 Inda por morte casaram ,
 Sendo a Senhora madrinha.

Dorme , dorme , minha neta ,
 Que tenho a rocada finda ;
 A'manhã , querendo a Virgem ,
 Te-direi outra mais linda.

NA FESTA DE UM BAPTISADO.

A 3 DE JANEIRO DE 1843.

Gentil botâosinho de candida rosa,
Que, n'este recanto do mundo tão triste,
Em quadra tão feia, cruel, invernosa,
Aos ares incertos da vida surgiste!

De amores e bençãos, de abraços e beijos
Efeito mimoso, mimoso incentivo;
Gentil botâosinho, por ti mil desejos
Se-vêm transformados no gôsto mais vivo.

Viceja, e te-exalte, prospéra, e floresce;
Para ti as horas se-hão feito douradas:
E o místico orvalhô, que sóbre ti desce,
Promette virtudes e prósperas fadas.

Mas ah! quem soubera, formoso innocent,
Soletrar dos fados os livros escuros!
E aos paes, aos amigos, expôr claramente
De que hão-de ser cheios teos amplos futuros?

De que altos prazeres, de que íntimas glórias
Se não accendêra mais de um coração!
Mas quem do passado mal crê nas histórias,
De ler *buenas-dichas* não tem presumpção.

O mais que me-é dado farei n'este dia;
A tua saude farei mil saudes;
E votos ao anjo que a infancia vigía,
Para que te-inspire seo genio e virtudes.

EPIGRAMMA.

André Pinto andar não pôde;
 Manda médico chamar;
 Chega o médico.... receita....
 ; E André Pinto põe-se a andar!

Vénia.

Se me-perguntassem como , porquê , e para quê engendrei este abortinho de epigramma , á-fé que me-poriam em grande aperto , porque sempre cri na medicina , não tanto , verdade seja , como alguns doctores novos pertendem que accreditêmos , mas o bastante para sempre os-consultar e obedecer-lhes com um escrupulo , que ás vesse transcederá para fanatismo. Epigrammei-os porque *Marcial* , *Molière* , *Filinto* , e *Rocage* os-tinham epigrammado : epigrammei-os porque era isso moda , e o-ha-de ser sempre , como aquell'outra tonteria de falar e escrever contra as mulheres : epigrammei-os , finalmente , porque não tinha outra cousa que faser n'essa hora , nem me-dofia nada.

A

FRANCISCO DE ASSIS RODRIGUES.

Introdução.

Melhores versos do que estes, merecia o perigrino busto , que em 1836 fez , retratando-me , o meu amigo Francisco de Assis Rodrigues , lente de escultura na academia das bellas-artes de Lisboa. Como similitude e imagem , e como obra artística , de todos obteve aplausos.

Rodrigues foi , assim como seu pae , discípulo de Machado de Castro , cuja cadeira , hoje ocupa , e a quem pagou parte da sua imensa dívida de alumno e amigo , escrevendo em elegante prósa o seu elogio , publicado por mim na *Revista Universal Lisbonense* , a 17 de novembro de 1842. Tambem eu tinha uma dívida grande e antiga para com o auctor da estatua equestre , cuja amizade ja em casa achei quando vim ao mundo ; e a maior e a insolvel chegaria ella , se os seus desejos se-houveram podido realisar.

Para a escultura é que eu tinha nascido.

Ja entre os dez e onze annos de edade , a minha mais querida e continuada occupação era imitar , não só a figura humana , senão quantos objectos da natureza havia conhecido ; e trasladar quantas formas em vulto se-me-offereciam ao tacto. Um genio alado , de pouco mais de um palmo de altura , que por esses tempos fiz , acertou casualmente de ser mostrado a Machado de Castro : a anatomia externa , mas que outros méritos abri faltassem , digo afou-

to, que devia de ser boa: era ponto por ponto copiada do vivo; copiada de mim mesmo: o effeito que lhe-produziu, que vol-o diga elle mesmo; que, para isso, lanço aqui fielmente trasladado um documento, que ainda conservo authographo e assignado.

Joaquim Machado de Castro ficou tão estupefacto e aturdido, quando viu estes ultimos brinquedos plastico, pueris, do sr. Antonio Feliciano de Castilho, especialmente attendendo ás suas circumstancias, que todo se-inflammou nos seguintes

DESEJOS.

Primeiro.

Que deus fosse servido dar ao dicto minino prompta, e firme saúde, dando-lhe a sua perfeita vista, etc.

Segundo.

Que o mesmo senhor dilatasse mais ao dicto Machado ao menos dez annos de vida sadia.

Terceiro.

Que o principe regente nosso senhor, ordenasse ao pae do dicto minino que o-intregasse ao dicto Machado: e a este que fôsse cultivando este singular pimpolho, segundo as luses que tem na escultura adquirido; mandando sua alteza apromptar todos os meios que o dicto professor julgasse convenientes a preparar um prodigo.

E como (por desgraça e labéo da nossa nação) as artes, n'este reino, se-podem chamar *beccos sem sahida*, desejava mais;

Quarto.

Que sua alteza real mandasse matricular o dicto ministro em o collegio dos nobres e fortificação, para alcançar por este modo augmentos e postos, etc. etc. E que no tempo d'estes estudos, os lentes d'aquellas aulas com este da de escultura combinássem, e regulassem as applicações de um tão distinto alumno.

— Eis-aqui como se podem formar prodigios, e utilissar-se a nação de genios extraordimarios.

A respeitavel antiguidade é tão célebre pelos Themistocles, Lycurgos, Socrates (1), e Avicennas; como pelos Apelles, Phydias, Diocenos, e Policletos, etc.

Lisboa 7 de desembro de 1811.

Joaquim Machado de Castro.

Sabido é como todos estes seos, tão portugueses, tão artisticos, e tão amigaveis desejos, sahiram frustrados; por amor da arte me-pesa, não por cobiças de fortuna, que se a penna val pouco, menos val por ora o cinzel n'esta pobre terra. No mesmo Machado se-viu a prova: que testou este depois de meio seculo, e mais, de primorosissimo trabalhar? glórias á patria (que n'outra parte houveram sido maiores); pobresa e penuria (que maiores não podiam ser) a suas filhas.

Como o Jáo, que pediu esmola para Camões, levantei brado, (que o-devia mais que ninguem) pedindo esmola para as orphãs de Machado. Não somos ainda de todo mortos: alguns jornaes fiseram echo á *Revista Universal Lisbonense*. A Restauração empenhou-se na boa obra mais

(1) Socrates primeiro foi sculptor que philosopho, e as medi-tações, a que o-condusiu a escultura, o-intranharam na philosophia.

Nota do authographo.

ardentemente que nenhum. A instâncias de meo irmão José Feliciano de Castilho, se-reuniram, a 29 de julho, na bibliotheca publica, muitos dos nossos litteratos e artistas, para concordarem no meio porque se-poderia « accodir à pobreza das filhas do auctor da estatua equestre. » Assentou-se em que se-faria logo uma representação a seo beneficio no theatro de S. Carlos : para promover, e dirigir, esta festividade, se-elegeu, d'entre os presentes, uma juncta composta dos senhores : conselheiro José Joaquim Goines de Castro (presidente) — conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães — conselheiro Francisco de Sousa Loureiro — doctor José Feliciano de Castilho — doctor Luiz Antonio Rebello da Silva — Francisco de Assis Rodrigues — J. S. Mendes Leal Junior — J. J. Dias de Carvalho (thesoureiro) — A. da Silva Tullio (secretario).

Alguns dias depois, a 11 d'agosto, executava-se em S. Carlos o mais variado e brilhante espectaculo que nunca se alli víra, constando do bem conbeccido drama do sr. Mendes Leal = *Os Dous Renegados* = representado gratuitamente pela companhia portuguesa, e de muitas peças de musica vocal e instrumental, tambem gratuitamente desempenhadas pelos mais distintos artistas de Lisboa. O concurso era quanto a casa podia comportar, e démais cortesão e explendido. Não era mais espectaculo o tablado que a platéa e camarotes : os logares ínfimos, e as torriuhas, resplandeciam igualmente guarneccidos, como a ordem nobre, de senhoras da primeira grandesa, de condecorações, e de tudo quanto o estado tem de mais alto por sua posição social. Foi uma festa verdadeiramente nacional.

As beneficiadas recolheram perto de oitocentos mil réis d'este beneficio. E porque a benemérita e solícita juncta se não limitou só em Lisboa ; de Coimbra, onde houve

para o mesmo fim um baile publico , lhes-vieram cento e cincoenta mil réis. E ainda se-espera do Porto o auxilio que juntamente lhe-foi pedido para ir solvendo esta dívida nacional.

Oxalá que assim continue o povo portuguez, em quanto o público thesouro não pôde, a alimentar a progenie de quem pensou mais na patria do que nos filhos ! Será isso ainda algum incentivo aos talentos, que até hoje mais tinham grangeado a seos donos amarguras do que favores.

Não sejamos porém péssimistas ; e confessemos por honra d'esta edade , que se ainda hoje se não dá aos ingenhos o necessário arrimo de que elles carecem para florescer e fructificar, algumas demonstrações de aprêço se lhes-começam de offerecer. A estatua equestre d'el-rei D. José, que nossos paes consentiram ficasse anonyma aos olhos da posteridade , vai receber esta inscripção mandada insculpir (sendo ministro dos negocios do reino o sr. Antonio Bernardo da Costa Cabral) , por portaria de 23 de janeiro de 1844.

JOSSEPHO. I.

Augusto. pio. felici. patri. patrīe

Quod. regiis. juribus. adsertis. Legibus. emenlatiſ

Commercio. propagato. militia. et bonis. artibus. restitutis

Urhem. funditus. eversam. terrēmotu. elegantiorē. restauraverit
Auspice. administrō. ejus. marchione. pombalio. et. Collegio,

negotiatorum. curante.

S. P. Q. O.

Beneficiorum. memor

A. MDCCCLXXV

P

Joachimus. Machadius. Castrius. finxit. et sculpsit : Bartholomaeus.
Costius. statuam equestrem ex sere fudit.

EPISTOLA.

O' tu, que a sciencia, que o genjo dirigem,
 O' novo, piedoso, melhor Prometheu;
 O foge, que ascendes no céo, sua origem,
 Por ti á materia de novo desceu.

Tu dises á terra : — « ¡levanta-te humana! »
 E a terra, lembrada da mão do Senhor,
 Converte-se em homem, levanta-se ufana,
 E exprime os affeitos do seo creador.

A pedra de Paros tu dises : — « ¡sê viva! »
 A pedra estremece, resõa... accordou!
 • O véo desparece da nayade esquiva;
 E o pêjo lhe-vedá diser-te « aqui estou. »

O sol namorado surri-lhe á lindesa,
 Lhe-apura delícias em candida luz,
 Admirá-lhe o immovel da trança não presa:
 Da urna lhe-espera torrentes a flux.

Suspiram mancebos, suspiram donzellas
 Contrarios pesares ao ver a immortal;
 Uns, só de que o mundo não crie eguaes bellas;
 As outras, de que a arte creasse uma igual.

Com tantos prodigios tu mesmo incantado
 Ordenas ao brqne, que intôe canções;
 Ja arde, ja ferve, ja brilha c'roado
 De louros eternos, o eterno Camões.

¡ Oh ! basta ! ir avante seria ja crime ;
 Oh ! basta ! que usurpas do vate o laurel,
 Descança contente do arrôjo sublime,
 E fase pedaços o alvivo cíngel... .

¡ Mas não ! de heroes lusos a turba agitada
 Te-assalta nos sonhos, te-aponta o porvir,
 Te-pede mais glórias, te-imipelle e te-brada,
 Que assim dos sepulchros os-faças surgir.

Não ha resistir-lhes : é Vasco da Gama,
 E' Castro, o de Diu terrível Heitor,
 E o nume Albuquerque, por quem inda chama
 A aurora, viuva de tanto esplendor;

E' Sancho, que aos Jouros inlaça a oliveira,
 E escuda os vencidos co'a espada real:
 São mil outros lustres da história guerreira,
 Indígetes nomes do teo Portugal.

¡ Em Pântheon sacro mudou-se a officina !
 ¡ Povôa-a congresso tremendo, sem par !
 ¡ Que nomes ! ¡ que rostos ! A inveja se-inclina,
 Se-prostra em joelhos, forçada a adorar.

¡ Ditoso cem veses, ó tu, que das fadas
 Condão de prodigios lograste ao nacer !
 ¡ Que extraheis tuas glórias das glórias passadas,
 Do gôso triumphos, da lida praser !

¡ Que alegre e ditoso não vives entre este
 Congresso, obra tua, teo sociq, amor teo,
 Que as veses te-suppre dos paes que perdeste,
 De filhos, de espôsa, que o céo te não deu !

Eis tua familia ! velhice , nem morte
 Não hão-de em seos membros ferir-te jamais ;
 Por elles ao menos triumphas da sorte ,
 E ja dos vindoiros o aplauso escutais.

Se as leis se-transformam , se ha paz , se arde a guerra ,
 Se o povo é tyranno , se aos reis beija os pés ,
 Se vai dia ou noite na face da terra ,
 Não sabes , não curas ; do mundo não és .

Os vivas , os morras , por perto , por longe ,
 Surrindo e'scismando , mal sentes passar , . . .
 Qual sonha céos e anjos o tacito monge ,
 Na cóva , ao murimúrio do vento e do mar .

Tudo isso que estruge . . . revólve-se e expira ,
 As vagas das turbas , do oceano o escarceo !
 E a obra indiff'rente , que o genio te-inspira ,
 Resiste ; e sem termo rirá sob o céo .

Que de ouro , que tempo , talvez que desgraças
 Não foram já paga de ephemeras leis !
 Em quanto a flôr mármore , que cinges ás graças ,
 Verá desfolhar-se mil c'roas de reis .

Que digo ! altas glórias , socêgo , praseres
 Não são , não são esses , teos unicos bens .
 Do amor ás virtudes , do afferro aos deveres
 Tu crias modelos e oraculos tens .

Com cada gigante , que avivas á glória ,
 Conversas , estúda-lo , embébe-lo em ti ;
 Depois , em seo rosto cifrando uma história ,
 Tua alma o-contempla ; vos-mede , e surri .

Assim bronze, e pedrás, assim troncos rudes,
Que estão povoando teo mundo de paz,
Quaes tu lh'as-emprestas, te-imprimem virtudes;
Ea vida te-esmaltam, se vida lhes-dás.

¡Amigo, que sorte brilhante e quieta!
 ¡Que palmas sem odios! ¡que placido ermar!
 ¡Amigo, que invejas sentíra o poeta,
 Se a terna amisade soubera invejar!

¡Oh! quem pelo escopro trocasse esta lyra,
 E o sol reaccendesse que a infancia me-incheu!
 Teo canto de mármore, que invejas inspira,
 Talvez que irmão émulo achasse no meo.

Das artes o genio, teo mestre, o grão Castro,
Ao vêr meos brinquedos, fadou-me esculptor:
Por sôbre o meo berço lusiu pois o astro
Que te-enche a existencia de raro fulgor.

Fatídico o velho sondára a minh'alma;
 Quanto elle angurava, sinto eu dentro em mim.
 Artista, cingira-te, ó Lysia, uma palma,
 Que houvera zombado dos tempos; ¡oh! sim.

¡Oh! ¡sim! ¡que a-cingra! que o fogo d'artista
 Baldado inda aos pulsos, e á mente me-vem.
 Dos Castros, Thorwaldsens, e Phydias na lista,
 O meo, qual teo nome, se-léra tambem.

¡Sim, sim! ¡que de glórias! .. leinbrança importuna,
 Não mais me-persigas, me-tentes em vão!
 Typeo, com montanhas me-opprime a fortuna;
 Aos sins, que murmúro, responde ella: não!

Miserrimo Tantalo, os fructos, 'e as águas,
Faminto, sedento, jamais tocarás.
Não olhes essa árvore; esquece tuas máguas;
E ao som vê se dormes do rio fugaz.

De inglório sepulchro nas trevas avaras
Expira, ó minh'alma, rebelde vestal:
Ser mãe, ser ditosa, ser nume sonháras
E esteril teo fado do amor foi rival.

Venceu-te, cumiu-te, perece ignorada,
Não és a primeira que a sorte desfez.
; ; Não vês tanta perla no mar sepultada;
No germe extintas mil plantas não vês!?

Resigna-te e morre. No tronco silvestre,
Nas penhas, do raio pulvereoos tropheos,
Continha-se o olymbo, se o escopro do mestre
Chegasse primeiro que a furia dos céos.

; E é esta cabeça, de louros despida,
De quem tu, c'roado, te-apiadas, te-does!
; E' esta a quem pródigo off'reces a vida
Que eterna e brilhante só cabe aos heróes!

; Porque? ; porque alívio de exilio amargoso.
Uma harpa saudosa me-sôa entre as mãos?
; Porque? ; porque às penas da mente repouso,
Aos proximos échos mandando uns sons vãos?

Suspende, suspende; Camões esculpiste;
Camões redivivo nos-olha: não vês?
Do empenho sacrilego a tempo desiste:
O que é dos elysses ao lethe não dês.

E' tarde: a mão ignea, que a subitas lavra
Sem conto os portentos e a minha apertou,
Correu mais ligeira que a sólta palavra;
Não pude retel-a no vôo.... acabou.

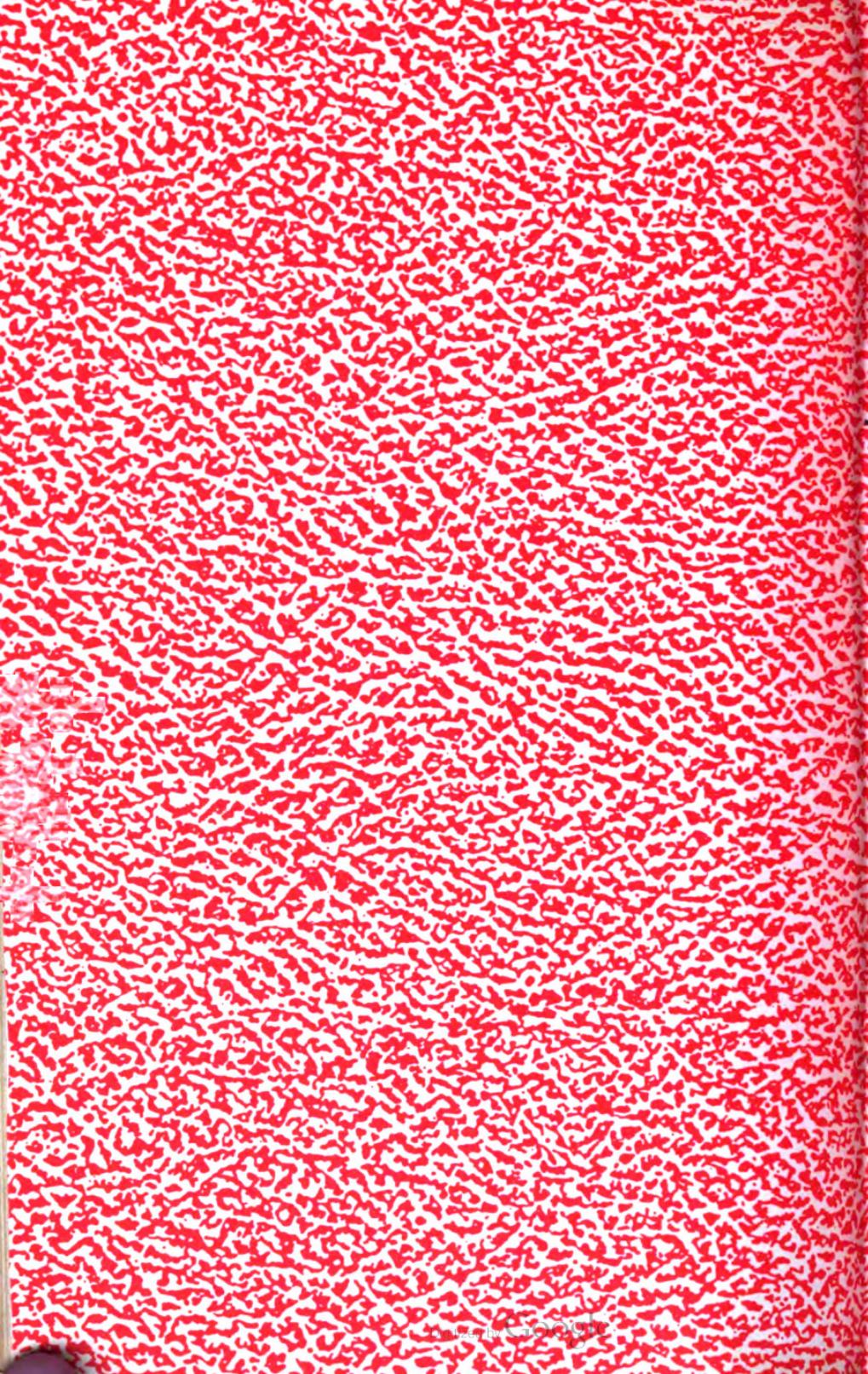
Eterno me-has feito: ; mas dise-me, que ha-de,
Ao ver-me entre numes, diser o porvir?
Que á explendida glória, que á doce amisade,
Pontifice de ambas, soubeste servir.

FIM.

INDICE.

	Pag.
D edicatoria	5
Prologo	7
A Francisco de Paula Cardoso de Almeida — Epistola	11
Sancta Iria — Xácaro	17
Os Desejos do Romeiro , precedido de uma pequena prósa	28
As Flôres — Devaneiosinho de uma alvorada de primavera	30
Os trese annos — Cantilena	34
Epigramma	37
A Infancia , traducçao do dinamarquez	38
Abôrto de uma sâtyra	40
Advertencia ao apólogo = Os Macacos =	41
Os Macacos — Apólogo	43
Preambulo aos versos liberaes	46
Extracto da = Guarda Avançada =	50
Notas sobre as composições do Outeiro, por Sebastião Corro	55
A Apparição	58
Decreto de mercê feita ao auctor	64
A Meditação	65
Todos livres , etc. — Soneto	68
Sobre a poesia latina e a alatinada	69
Ad Rempublicam — Ode de Horacio	72
Ao Estado — Paródia da precedente	73
Elegia ad musam quod latine scribere incipium	74
— In nataleum meum	75
Versos escriptos n'um album	78
Ao usurpador — Soneto, precedido de um preambulo	79
O Sacrificio a Camões — Poemeto , precedido de uma advertencia	80
Epitaphio gravado no túmulo de um rico	89
A Deserção Gloriosa — Cantata, com uma explicação prévia	90
Defensa de um inconstante — Cançoneta, com uma advertencia	101
Explicação da carta a João Jorge de Oliveira Lima	105
Carta , em verso , ao mesmo	108
Epigrammas a Philinto	116
O seo a seo dono, prósa relativa aos epigrammas a Philinto	117
Ao usurpador — Epistola , com uma advertencia prévia	120
A um amigo no dia dos seos annos	132
A Eu , Antão Verissimo , e a mósca — Parábola	138
Sonetos no anniversario de S. M. F. em 1834 , precedidos de um preambulo	141

Os Sonhos	149
Ao Povo, nas eleições de 1834 — Epistola, com uma advertencia	150
Hymno cantado no theatro de S. Carlos em 1836	163
O Quadro Animado — Anacreontica	164
A Tempestade — Idem	168
O Clarim — Idem	171
Prosa relativa ás anacreonticas	172
A morte da = Chronica Constitucional de Lisboa = Elegia	173
Rendez-vous a uma Senhora	180
As folhinhas antigas e modernas, com uma nota	181
Epigramma a um avarento	183
A fonte fria do Bussaco — Ode	184
Elogio de um poelastro	187
Impertinencia das mãos — Adivinhação moral	188
Inscrição para um monumento juncto a Alcacer-do-Sal.	193
Hyems — Elegia latina	194
A Mauricio José Sendim, havendo-me retratado em lithographia — Epistola	197
O amor e o tempo — Conto	204
O anjo da harmonia — Cançoneta	205
Epitaphios a Fr. Gaspar	207
Prosa em satisfaçao dos epitaphios	208
A Philippe Folque — Epistola epithalamica, precedida de uma advertencia	209
A Ribeira e o Lago — Fábula	217
As duas Primaveras	224
Metamorphoses de todos os tempos	229
Ao sr. Borges, excellente compositor de musica — Epistola acompanhando um exemplar do meu livro = Amor e Melancholia =	230
Poesias francesas intermeadas de suas explicações em vulgar	235
O Commercio de Cithera, explicação dada aos que só lêem pela rama	246
O Commercio de Cithera — Cançoneta atravessada	247
Poesia dinamarquesa	250
Saudades da Patria — Poesia do dinamarquez Oelinschlaeger, achando-se em Italia	251
O Cemiterio Campestre, com uma nota prévia	253
O Campanario de Farum — Poemeto, tradusido do dinamarquez de Boye	257
O Acalentar da Neta — Xácaro	264
Na festa de um baptizado	275
Epigramma com uma nota	276
A Francisco de Assis Rodrigues — Epistola, precedida de um preambulo	277



3 9015 06290 7400

A standard linear barcode consisting of vertical black lines of varying widths on a white background.

UNIVERSITY OF MICHIGAN

